

**Correspondência de Salvador Taborda Portugal (Penamacor, 1627/32-  
Paris, 1690), enviado especial a França, na corte de Luís XIV:  
temáticas e momentos vividos**

**Catarina Maria Marques dos Santos Viegas**

**Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos**

**Maior de 2019**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História Moderna e dos Descobrimentos, realizada sob a orientação científica dos Professores Doutores António Camões Gouveia e Pedro Almeida Cardim

*À Dr. Maria de Fátima Gomes, que me mostrou o maravilhoso mundo de  
Salvador Taborda Portugal*

## **Agradecimentos**

Quando me foi proposto pela professora Ana Isabel Buescu realizar um trabalho de investigação para o seminário de Mestrado “Sistema de Saberes na Época Moderna”, que se relacionasse com a vida de corte, os diplomatas ressaltaram logo à atenção, no meio da panóplia de assuntos que seriam passíveis de abordar. Foi assim que tomei a decisão de realizar um trabalho de investigação sobre um diplomata português da segunda metade do século XVII: Salvador Taborda Portugal.

Desse trabalho de investigação realizado para o seminário de Mestrado – em boa medida assente na correspondência desse diplomata –, surgiu a curiosidade e a ideia de expandir este estudo, pois, de facto, tratando-se de uma dissertação concisa, teria necessariamente de deixar muitos aspetos por averiguar. Assim, é importante agradecer à Professora Doutora Ana Isabel Buescu pela oportunidade de realizar este estudo e pela sua avaliação preliminar do mesmo.

Em segundo lugar, é importante agradecer à Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Gomes, técnica da Biblioteca da Ajuda e autora do inventário das cartas de Salvador Taborda Portugal, pois foi ela quem me deu a conhecer a personagem do diplomata português e me introduziu no universo da sua correspondência, no âmbito do estágio curricular que realizei na Biblioteca da Ajuda.

À minha família, em particular à minha mãe, que me apoiou e aguçou a minha argúcia para as conclusões que retirei desta tese e realizou uma exaustiva correção ortográfica, e ao meu pai, que verificou este estudo página a página e ajudou a melhorá-lo.

À minha querida amiga e colega Madalena Kennedy O’Neill, pela preciosa ajuda que me deu com os documentos em francês, pois as suas traduções foram essenciais para a conclusão deste estudo.

Ao Lourenço Fonseca e Silva, pela paciência e apoio dedicado à realização deste estudo, e acima de tudo pelo apoio emocional incondicional.

Aos meus amigos Beatriz Chenque, Diogo Santos, Raquel Gomes Justo, Sílvia Moreno Puk, Bernardo Almeida, Inês Ferreira e Andreia Pacheco, pelo apoio à realização

desta tese, pelas tardes de investigação na melhor companhia e pela motivação providenciada.

À minha companheira parisiense Andreia Fontenete Louro, pela ajuda dada em Paris, a deslocação a todos os arquivos comigo e o apoio na comunicação em França.

Ao Dr. Daniel Pimenta Carvalho, pela troca de impressões sobre a diplomacia portuguesa que em muito ajudaram a direccionar esta investigação, e pela disponibilização do catálogo do fundo português nos Archives du Ministère des Affaires Étrangères, em La Courneuve.

Ao Doutor Nuno Camarinhas, pela disponibilização dos registos de Salvador Taborda Portugal na Universidade de Coimbra, bem como dos seus cargos e rendas, e pelo intercâmbio de reflexões sobre as motivações por detrás das nomeações do diplomata.

Por fim, mas não menos importante, aos meus orientadores de mestrado, António Camões Gouveia e Pedro Cardim, pela sua orientação e delineação de trabalho incansável, pelos conselhos de estrutura, pelas diretrizes de investigação, e, sobretudo, pela cedência dos contactos dos outros investigadores aqui nomeados, que foram fulcrais para a redação desta tese.

A todos estes, e aos que ficaram por mencionar, um muito obrigado, pela ajuda e disponibilidade.

## Resumo

A presente investigação explora a correspondência enviada por um representante diplomático português na corte francesa do tempo de Luís XIV, Salvador Taborda Portugal, a D. João de Ataíde e Castro. Cobrindo o período da regência e reinado de D. Pedro II, este trabalho visa captar a perspectiva do diplomata quanto à vida na corte francesa, bem como explicar o modo como tinha acesso à informação sobre os mais diversos assuntos. Desse modo, a tese irá contribuir para traçar um perfil biográfico do próprio enviado diplomático.

No que respeita às fontes utilizadas, esta tese baseia-se num corpo documental que se encontra na Biblioteca da Ajuda. O conteúdo deste é composto por 138 cartas, enviadas entre Outubro de 1684 e Setembro de 1690.

Numa primeira fase, esta dissertação apresenta uma breve panorâmica da situação da Europa durante a segunda metade do século XVII, com especial destaque para as monarquias francesa, portuguesa e hispânica, bem como uma descrição da situação diplomática europeia desta época. Segue-se um capítulo sobre a trajetória biográfica de Salvador Taborda Portugal, no qual se elucidam as suas origens, os seus escritos e as pessoas que o rodeavam. No terceiro e último capítulo – o principal desta tese – realiza-se a análise da correspondência em questão, numa tentativa de entender quais os núcleos de problemas que Salvador aborda, comenta e analisa. Tal estudo permitirá apresentar algumas conclusões sobre o olhar deste diplomata acerca de questões fundamentais como a gestão de informação sobre a Europa e Portugal, a sua noção de geopolítica europeia e, ainda, a sua vivência da corte francesa de Luís XIV. Essa análise também contribuirá para traçar um retrato mais aprofundado dessa figura marcante da diplomacia portuguesa seiscentista.

**Palavras-chave:** Salvador Taborda Portugal, Luís XIV de França, D. Pedro II de Portugal, Diplomacia, Século XVII

## **Abstract**

The present investigation explores the correspondence sent by a Portuguese diplomatic representative on the French court at the time of Louis XIV, Salvador Taborda Portugal, to D. João de Ataíde e Castro. Covering the period of regency and reign of D. Pedro II, this work aims to capture the diplomat's perspective on life in the French court, as well as explain how he had access to information on the most diverse subjects. In this way, the thesis will contribute to a biographical profile of the diplomatic envoy himself.

Regarding the sources used, this thesis is based on a documentary body that is in Biblioteca da Ajuda. The content of this is composed of 138 letters, sent between October of 1684 and September of 1690.

In a first phase, this dissertation presents a brief overview of the situation of Europe during the second half of the seventeenth century, with special emphasis on the French, Portuguese and Spanish monarchies, as well as a description of the European diplomatic situation of this time. There follows a chapter on the biographical trajectory of Salvador Taborda Portugal, in which his origins, his writings and the people around him are elucidated. In the third and final chapter - the main of this thesis - the correspondence in question is analyzed in an attempt to understand which nuclei of problems Salvador addresses, comments and analyzes. This study will allow us to present some conclusions about the diplomat's view on fundamental questions such as the management of information about Europe and Portugal, his notion of European geopolitics and his experience of the French court of Louis XIV. This analysis will also contribute to a deeper picture of this striking figure of seventeenth-century Portuguese diplomacy.

**Keywords:** Salvador Taborda Portugal, Louis XIV of France, Pedro II of Portugal, Diplomacy, 17<sup>th</sup> century

# Índice

Lista de Abreviaturas.....	1
1. Introdução.....	2
1.1. Metodologias .....	6
1.2. Estado de Arte .....	8
2. Conjuntura Política.....	14
2.1. O reinado do Luís XIV de França .....	14
2.2. Reinado de D. Pedro II de Portugal.....	21
2.3. Vida de corte de Luís XIV.....	23
2.4. Vida de corte em Portugal .....	31
2.5. Relações diplomáticas: poderes e agentes .....	34
3. A trajetória e a produção escrita de Salvador Taborda Portugal.....	43
3.1. Notas biográficas de Salvador Taborda Portugal .....	43
3.2. O círculo privado de Salvador Taborda Portugal .....	47
3.3. Obras e escritos de Salvador Taborda Portugal.....	52
4. As cartas: Temáticas e Momentos Vividos .....	58
4.1. Gestão de informação: notícias de Portugal .....	63
4.2. Gestão de informação: notícias da Europa .....	71
4.3. Geopolítica europeia: espacialidades e conflitos de Luís XIV .....	75
4.4. Salvador Taborda Portugal na vida de corte francesa .....	79
4.5. O Homem por detrás das cartas .....	84
5. Conclusão .....	85
6. Bibliografia.....	93
7. Índice de Figuras .....	104
8. Anexos.....	105

## **Lista de Abreviaturas**

ANTT: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

AUC: Arquivo da Universidade de Coimbra

BA: Biblioteca da Ajuda

BAC: Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

BNF: Biblioteca Nacional de França

BNP: Biblioteca Nacional de Portugal

## 1. Introdução

*Salvador Taborda Portugal, representa a V. Mg.<sup>de</sup>, prostrado a seus reaes pés, q por hauer já mais de 7 anos e meyo q assiste na Corte de França, com casa e família<sup>1</sup>*

Vasco Luís da Gama, Luís Pereira de Castro, Duarte Ribeiro de Macedo, João da Costa e Salvador Taborda Portugal são nomes que figuram no grupo de diplomatas portugueses que representaram a coroa portuguesa durante a segunda metade do século XVII na corte francesa, durante o reinado de Luís XIV,<sup>2</sup> terceiro monarca da dinastia de Bourbon em França. Esta dissertação centra-se apenas num desses homens: Salvador Taborda Portugal, enviado especial à corte francesa entre 1677 e 1690. A sua finalidade é analisar a correspondência que Taborda Portugal trocou com D. João de Ataíde e Castro entre os anos de 1684 e 1690. Uma das questões que desde logo se colocou na preparação desta dissertação é a razão pela qual Salvador Taborda foi nomeado enviado especial, e não embaixador extraordinário ou residente, uma nomeação que lhe retirava prestígio, poder de decisão e, também, rendimentos.

Assim, esta dissertação pretende contribuir para o conhecimento do diplomata Salvador Taborda Portugal, da sua biografia e do seu espólio documental e alargar o conhecimento sobre a diplomacia portuguesa em França, através da exploração sistemática das missivas de Salvador Taborda Portugal, tendo sempre presente a conjuntura política em que estas se inserem. A finalidade é, tirar partido do contributo destas cartas para o conhecimento do último quartel de Seiscentos.

Na Época Moderna, o diplomata era aquele que não só representava uma corte, mas também convivia com outra, utilizando as suas competências para estabelecer relações entre reinos, representando o seu príncipe. Por ter vivido treze anos na corte francesa, Taborda Portugal apresenta-se claramente como um espectador relevante da vida de corte de França, estando muitas vezes no centro do poder e da tomada de decisões

---

<sup>1</sup> Petição de Salvador Taborda Portugal a D. Pedro, circa 1684, 52-IX-15 (BA), nº 2, fl. 6-6 v. in Salvador Taborda Portugal, *Cartas do Inviado Salvador Taborda p[ara] D. Ioão de Atayde*, Paris, 1684-1690, 52-IX-15. A partir desta nota, uma vez que todas as cartas estão contidas nesta miscelânea, limitar-nos-emos a referir as mesmas.

<sup>2</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004.

de um dos reis mais influentes do século XVII, e provavelmente o mais icônico monarca do Antigo Regime – Luís XIV.

O principal fundo documental utilizado nesta dissertação é o conjunto de cartas enviadas por Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro. Essas cartas encontram-se na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, e foram reunidas numa «encadernação» composta por 138 missivas, enviadas entre outubro de 1684 e setembro de 1690, e 3 documentos de natureza diferente – o primeiro trata-se da transcrição da primeira audiência do enviado com a família real, o segundo é um pedido de aumento da sua mesada a D. Pedro II, e o terceiro é poema da autoria de Salvador Taborda que glorifica o abate de um javali por parte da infanta D. Isabel Josefa<sup>3</sup>. Trata-se de um códice manuscrito – com a exceção do poema mencionado, que é impresso –, muito provavelmente compilado posteriormente à sua produção. Todas as cartas são assinadas pelo próprio Taborda Portugal, mas a maioria é redigida pelo seu secretário, Pedro Lafonte – sobre este homem não foi encontrada informação, para além do pouco que é descrito nas cartas, mas pelo nome pode presumir-se que será uma adaptação portuguesa de um nome francês, pelo que se presume que este tenha entrado ao serviço do diplomata depois de este se instalar em Paris.

Como dissemos, este conjunto documental encontra-se na Biblioteca do Palácio da Ajuda (Cota: 52-IX-15). Por se tratar de correspondência privada e não oficial, estas cartas constituem uma fonte de reflexões e de comentários que não são condicionados pelo discurso formal e restringido que é mais típico das missivas, essas sim oficiais, porque remetidas à Secretaria de Estado ou a outros membros do governo de Lisboa. Pelo contrário, as cartas que aqui utilizamos contêm inúmeros desabafos e informações passadas de um amigo para outro, O quais chegam por vezes a comentar o que se passava na sua vida de uma forma aparentemente desprendida. Ainda assim, a dissertação não dispensou a consulta de alguma documentação complementar, como foi o caso de cerca de uma dezena de Memórias<sup>4</sup> que Salvador escreveu, bem como alguns escritos que foi deixando ao longo da sua vida.

Como é hoje bem sabido a escrita era um dos instrumentos mais poderosos de que dispunha um diplomata e Taborda Portugal tirou bem partido dela, o que se traduziu num

---

<sup>3</sup> Poema impresso, com 15 estrofes de 6 versos.

<sup>4</sup> Memórias deixadas por Salvador Taborda Portugal a descrever os seus anos como enviado em Paris, explicadas mais à frente na dissertação.

manancial de documentação que permite, atualmente, traçar um perfil mais aprofundado do embaixador, bem como responder às seguintes perguntas: quem era este homem? Qual foi o seu percurso de vida? Quais os seus valores?

Sendo a correspondência por carta a sua principal forma de comunicação, o diplomata tinha de dominar a escrita. No caso de Salvador Taborda Portugal – lente da Universidade de Coimbra em Leis –, as missivas que foi recebendo eram tão importantes que ele as destruía, pois, sendo a sua forma de comunicação primária, o próprio sugere que continham informações sensíveis que, caindo nas mãos erradas, poderiam causar problemas. Salvador Taborda Portugal fala mesmo em *perigo os segredos*.<sup>5</sup> Não foi possível localizar as respostas do correspondente de Salvador Taborda Portugal, D. João de Ataíde e Castro, pelo que só se conhece aquilo que o diplomata lhe enviou. Por que será que não foi possível encontrar estas respostas? Salvador deixa uma pista:

*porq. depois q. as leyo [as cartas] as fecho em hũa gaueta com todas as outras cartas até q. lhe responda: e da qual gaueta não fio a chaue de pessoa algũa: e no mesmo ponto em q. respondo, razgo as cartas de V. M. no veraõ, e as queimo no inuerno; nem lhe pareça a V. M. q. respondendo por mão de secretario correm perigo os segredos*<sup>6</sup>

Os diplomatas utilizavam a escrita para efetuar relatos e reflexões com base na sua experiência e na observação do quotidiano, não só em forma de carta, mas também em diários, nos quais descreviam os acontecimentos que iam testemunhando. Além destes documentos redigidos pelos próprios embaixadores, dispomos também de tratados daquela época que evidenciam as características de um embaixador «ideal» e que realçam, naturalmente, a importância da escrita.

Duarte Ribeiro de Macedo é um bom exemplo do que acabámos de referir. Antecessor de Salvador Taborda Portugal, Macedo conheceu a obra do conselheiro de Richelieu – Jean-Louis Guez de Balzac – intitulada de *Aristippe ou de la Cour*, publicada em 1657-8, a qual ele próprio traduziu em 1668 com o título, *Aristippo*, ou Homem de

---

<sup>5</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 25 de Fevereiro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 11, fl. 18-19 v.

<sup>6</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 25 de Fevereiro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 11, fl. 18-19 v.

Corte, uma obra que se constitui como um exemplo de entre as demais que, apoiando-se em escritores da Antiguidade Clássica – filósofos, conhecedores de direito, historiadores, etc. – relidos no quadro da cultura do Renascimento, descreviam os comportamentos adequados de um diplomata e os conhecimentos que estes deviam dominar.

Todavia, na perspectiva de Jean-Claude Waquet,<sup>7</sup> estes escritos de e sobre embaixadores não podem ser definidos como um género literário em si, nem como um *corpus* perfeitamente delimitado, mas sim como uma série de textos que ajudam ao entendimento do pensamento diplomático, que se baseava tanto numa tradição gradualmente acumulada, como em escolhas intelectuais em constante mutação, e que, no caso de Taborda Portugal, têm também uma dimensão religiosa. Cumpre recordar, a este respeito, a forte tensão entre católicos e protestantes que então assolava a Europa, em especial a França.

De acordo com Waquet, as obras diplomáticas são determinadas igualmente pela emergência, generalização e desaparecimento de quatro objetos: agentes, nos diversos cargos (embaixador residente, enviado, ministro); conceitos relacionados com estes mesmos (*officium*, cargo, funções); privilégios e prerrogativas de quem estava ligado a eles; e, por último, conhecimento teórico e prático sobre os deveres, procedimentos, arte e ciência da negociação que deveriam implementar.

No caso de Salvador Taborda Portugal, estes quatro objetos consubstanciaram-se nos seguintes dados: era enviado especial; tinha funções de observação e descrição exaustiva dos acontecimentos, com responsabilidades administrativas de um embaixador; não tinha o poder de decisão de um embaixador, nem os rendimentos; e, finalmente, era detentor de um vasto conhecimento da arte diplomática, atestado pela sua formação académica, pelo seu percurso profissional e pela sua conduta diplomática em Paris.

Deste perfil acima traçado resulta a necessidade de um estudo da situação política e diplomática vivida em França, bem como no resto da Europa, durante aqueles anos (1677-1690). A finalidade é obter uma melhor percepção das vivências de Taborda Portugal no que concerne à vida de corte francesa.

---

<sup>7</sup> Jean-Claude Waquet, “Les écrits relatifs à l’ambassadeur et à l’art de négocier: «un genre di riconoscibile omogeneità»? in *De l’ambassadeur : Les écrits relatifs à l’ambassadeur et à l’art de négocier du Moyen Âge au début du xixe siècle*, Roma, Publications de l’École française de Rome, 2015, in <<http://books.openedition.org/efr/2896>>, consultado a 13 de Setembro de 2018.

O século de Seiscentos foi marcante para a história da Europa. É nesta altura que se assiste à formação da Grande Aliança,<sup>8</sup> à instauração de Guilherme de Orange como rei de Inglaterra, da Escócia e da Irlanda,<sup>9</sup> à revogação do Édito de Nantes<sup>10</sup> e à perseguição dos Huguenotes, e, ainda, ao advento da Guerra de Sucessão de Espanha,<sup>11</sup> acontecimentos que marcaram a história europeia deste século.

Até que ponto as cartas de Salvador Taborda Portugal documentam vários destes factos e acontecimentos? É a esta e às demais perguntas anteriormente lançadas que procuraremos dar resposta nesta Dissertação: qual a perspectiva do diplomata quanto à vida na corte francesa? A que informações tinha acesso? Qual a forma como lidava com a distância de Portugal? Qual era a dimensão económica da sua enviatura? Quem eram as pessoas com quem estabelecia contactos e amizade?

## **1.1. Metodologias**

O primeiro passo para a elaboração desta dissertação foi a leitura integral das 138 cartas enviadas por Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro. Em seguida, procedeu-se a uma análise e à sua quantificação, designadamente a frequência da correspondência por meses e anos. Em paralelo, fomos identificando passagens consideradas especialmente relevantes, as quais agrupámos em seis grupos temáticos:

1. Notícias sobre a Europa
2. Notícias de Portugal
3. Conquistas e conflitos de Luís XIV
4. Situação financeira de Salvador Taborda Portugal
5. Cordialidades entre os correspondentes
6. Vida em Paris e na corte

---

<sup>8</sup> Coligação de países europeus contra as pretensões expansionistas francesas.

<sup>9</sup> Iniciada em 1688.

<sup>10</sup> Documento assinado em 1598 que concedia a liberdade religiosa em França, e que foi revogado por Luís XIV em 1685.

<sup>11</sup> Guerra disputada entre 1701 e 1714 pelo trono espanhol, após a morte de Carlos II de Espanha sem descendência, entre a França e o Sacro-Império.

Procedeu-se, também à segmentação do número de cartas que aborda as temáticas acima mencionadas, bem como à identificação das personalidades referidas nas cartas de Taborda Portugal: Luís XIV, D. Pedro II, diplomatas e nobres, com especial enfoque no conde da Castanheira; e, ainda, acontecimentos da História do século XVII: a revogação do Édito de Nantes, a formação da Liga de Augsburgo, a conquista do território britânico por Guilherme de Orange, a luta cristã contra o Império Otomano e a promessa de transferência para Roma de Taborda Portugal.

A escolha das fontes documentais teve como critério a pesquisa e consulta dos escritos e obras disponíveis de Salvador Taborda Portugal, apoiado no trabalho de arquivo na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca do Palácio da Ajuda, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional de França e, ainda, nos Archives du Ministère des Affaires Étrangères, em Paris.

Em paralelo, foram consultados estudos e dissertações sobre temas semelhantes, bem como a comparação das diversas fontes, com especial enfoque nas *Memórias*. Posteriormente construiu-se a nota biográfica e o trajeto pessoal de Salvador Taborda Portugal.

Após esta investigação, foi necessário organizar todo o trabalho efetuado. A primeira parte desta dissertação, intitulada “Conjuntura Política”, apresenta uma contextualização das cartas de Taborda Portugal em termos cronológicos e estruturais, apoiando-se sobretudo na bibliografia consultada sobre os reinos de Portugal e França nos finais do século XVII, bem como sobre as vivências de corte e as estratégias diplomáticas daquele tempo.

A segunda parte da dissertação – “A trajetória e a produção escrita de Salvador Taborda Portugal” – é o resultado da investigação biográfica sobre diplomata. Procurámos apurar onde nasceu, onde estudou, a sua situação familiar, o seu círculo social, com quem se relacionava e as suas obras e documentos. Este capítulo permite traçar uma imagem de Taborda Portugal, contribuindo igualmente para uma mais completa contextualização histórica do material em estudo.

O terceiro capítulo é constituído pela análise do fundo documental que dá o mote a esta dissertação. Nele se procede à organização desse material pelas temáticas acima apresentadas, sua interpretação e interpelação, bem como a uma análise quantitativa desse acervo epistolar, a fim de estabelecer padrões e organizar a informação nele contida.

Este caminho conduz às conclusões da presente investigação, bem como aos caminhos por explorar que este corpo documental permite, sobretudo as epístolas e as Memórias do diplomata.

Em anexo podemos encontrar uma catalogação das cartas com os temas mencionados em cada uma destas, para facilitar a consulta futura deste espólio documental por parte dos leitores, e também um quadro cronológico comparativo entre Salvador Taborda Portugal, Luís XIV de França e D. Pedro II de Portugal, para uma melhor visão dos acontecimentos de vida de cada uma destas personagens.

## 1.2. Estado de Arte

Para compreender o cenário no qual se moveu o embaixador português durante este tempo, os fatores que levaram às decisões que tomou e, ainda, as relações entre o universo curial e a diplomacia, esta dissertação tem como referência obras *O tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, de Ana Leal de Faria,<sup>12</sup> *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, de Peter Burke,<sup>13</sup> e *D. Pedro II. O Pacífico*, de Maria Paula Marçal Lourenço.<sup>14</sup>

Tendo em vista uma melhor consciência e compreensão dos acontecimentos vivenciados por Salvador Taborda Portugal em França, foi efetuada uma seleção de obras, tendo em conta a sua relevância, generalidade e especificidade dos temas que se pretendia aprofundar, no sentido de se obter uma visão mais ampla dos acontecimentos, bem como produzir um entendimento mais profundo e interpretativo dos mesmos.

Várias obras gerais ajudam ao entendimento da conjuntura vivida por Salvador Taborda Portugal. Foi o caso da *Histoire mondiale de la France*, dirigido por Patrick Boucheron,<sup>15</sup> com vários autores nos seus mais diversos capítulos – apresentados em formato de artigo –, um bom apoio para uma compreensão mais específica de certos movimentos da política de Luís XIV. Outras ainda, como a parte II da autoria de Nuno

---

<sup>12</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004.

<sup>13</sup> Peter Burke, *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

<sup>14</sup> Maria Paula Marçal Lourenço, *D. Pedro II. O Pacífico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

<sup>15</sup> *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017.

Gonçalo Monteiro, do livro *História de Portugal*, coordenado por Rui Ramos,<sup>16</sup> entre outras, foram também consultadas.

Todavia, a já mencionada obra de Peter Burke, intitulada *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, destaca-se como a obra por excelência que define bem as estratégias de poder absoluto de Luís XIV, e foi especialmente útil para este enquadramento.

A visão de Norbert Elias para a vida de corte francesa no final do século XVII em *A sociedade de corte*,<sup>17</sup> também ajuda à construção da imagem da corte de Luís XIV.

O quarto volume da coleção *História de Portugal*,<sup>18</sup> de José Mattoso, coordenado por António Hespanha, destaca-se nesta dissertação pela especificidade de temas que aborda, nomeadamente a análise dos cargos de administração régia, questão sem dúvida relevante para melhor compreender o percurso profissional de Salvador Taborda Portugal.

O volume VII da coleção *Nova História de Portugal*, intitulado *Portugal, da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil*, coordenado por Avelino Freitas de Menezes<sup>19</sup> possibilita um diálogo interdisciplinar no momento da investigação, oferecendo vários pontos de vista daquele período histórico. Acima de tudo, apresenta apontamentos importantes sobre as estratégias diplomáticas portuguesas para o período contemplado.

Situando a estadia de Salvador Taborda Portugal em França durante a regência (1668-1683) e reinado de D. Pedro II (1683-1706), a biografia sobre este monarca da autoria de Paula Marçal Lourenço é a principal fonte biográfica. Esta obra permite entender as estratégias do monarca em termos diplomáticos, bem como o seu posicionamento em relação às políticas expansionistas de Luís XIV e à sua luta constante contra a Monarquia Católica.

O volume *História da vida privada em Portugal – A Idade Moderna*, da coordenação de Nuno Gonçalo Monteiro,<sup>20</sup> demonstrou-se proveitoso para o entendimento de lógicas da corte portuguesa, nomeadamente no capítulo da autoria de

---

<sup>16</sup> Nuno Monteiro, “Idade Moderna (séculos XV-XVIII)” in *História de Portugal*, coor. Rui Ramos, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

<sup>17</sup> Norbert Elias, *A sociedade de corte*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

<sup>18</sup> *História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)*, dir. José Mattoso, coord. António Hespanha, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. 4.

<sup>19</sup> *Nova História de Portugal. Volume VII – Portugal, da paz da Restauração ao ouro do Brasil*, coord. Avelino Freitas de Menezes, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

<sup>20</sup> *História da vida privada em Portugal – A Idade Moderna*, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Temas e Debates, 2011.

Pedro Cardim, denominado de “A sociedade de corte e a sociogénese da esfera privada”.<sup>21</sup> Neste capítulo é possível compreender que a corte portuguesa do Antigo Regime era pouco opulenta e formal, em comparação com as cortes palacianas Europeias. Neste contexto emerge um oxímoro entre as cortes – uma corte francesa opulenta e protocolar, e uma corte portuguesa tal como caracteriza o autor.

O universo cortesão português era muito marcado por um «puritanismo católico» e a vida cortesã em público era exemplar, enquanto a privada era suscetível de pecado e vergonha, sendo possível assim fazer um contraponto à corte francesa, e compreender a dualidade de realidades em que Salvador Tabora Portugal vivia. A religiosidade demarcada do barroco, nomeadamente do francês, em oposição à festa e ao pecado da vida de corte francesa, mantém-se, mesmo quando o próprio diplomata considera que tal não devia ocorrer. Vejamos um exemplo do que acabou de ser dito:

*nesta Corte sem embargo dos cuidados q. não pode deixar de causar esta grande guerra, ha sempre os mesmos desenfados que antes. Isto se vé não só em Paris, mas tambem na Corte, porq. em Versalhes aonde estiue ainda terça feira passada, notei em todos a mesma serenidade de semblante q. costumaõ, vi q. se praticavaõ os costumado diuertimentos, todos os dias festims, caças, passeos, jornadas<sup>22</sup>*

Além da análise do contexto europeu, é importante compreender o «pano de fundo» da diplomacia portuguesa durante a regência e o reinado de D. Pedro II, bem como as suas origens e implicações. Isto foi conseguido através da leitura de algumas obras sobre diplomacia e cerimonial diplomático, não só em Portugal, como no resto da Europa. A centralidade da diplomacia portuguesa nesta dissertação baseia-se nas obras e estudos de Ana Leal de Faria.

A tese de doutoramento *Duarte Ribeiro de Macedo. Um diplomata moderno (1618-1680)*,<sup>23</sup> permite não só uma perceção do tipo de abordagem a adotar quando se trata de diplomatas e diplomacia, como também uma noção mais clara daquilo que

---

<sup>21</sup> Pedro Cardim, “A sociedade de corte e a sociogénese da esfera privada”, in *História da vida privada em Portugal – A Idade Moderna*, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Temas e Debates, 2011.

<sup>22</sup> Carta de Salvador Tabora Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 26 de Junho de 1689, 52-IX-15 (BA), nº 117, fl. 232-233 v.

<sup>23</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *Duarte Ribeiro de Macedo: Um diplomata moderno (1618-1680)*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2005.

Salvador Taborda Portugal terá encontrado quando chegou a França. Recorde-se que Duarte Ribeiro de Macedo foi o seu antecessor.

Igualmente de Ana Leal de Faria são as obras *O tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)* e *Os cadernos de Duarte Ribeiro de Macedo: correspondência diplomática de Paris 1668-1676*.<sup>24</sup> Para além de delinearem a diplomacia portuguesa, mencionam um conjunto de documentos e bibliografia significativa para a defesa desta Dissertação, funcionando ainda como uma importante fonte de interpretação da correspondência diplomática.

Vários artigos de obras e revistas científicas foram consultados para este tema, nomeadamente os da autoria de Pedro Cardim – “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*<sup>25</sup> – ou da co-autoria de Pedro Cardim, Nuno Gonçalo Monteiro e David Felismino – “A diplomacia portuguesa no antigo regime. Perfil sociológico e trajetórias”, na obra *Optima Pars – Elites Ibero-Americanas do Antigo Regime*,<sup>26</sup> que possibilitam uma perceção da vida e da experiência que os diplomatas portugueses tinham, bem como das suas origens.

Os artigos de William Roosen “Early Modern Diplomatic Ceremonial: A Systems Approach”<sup>27</sup> e “The Function of Ambassadors under Louis XIV”<sup>28</sup> sobre o cerimonial diplomático e o funcionamento dos embaixadores de Luís XIV foram do mesmo modo analisados, permitindo uma melhor noção da diplomacia no resto da Europa, ainda que esse não tenha sido o caminho fulcral da investigação, que se centrou sobretudo no caso português.

Outras obras foram consultadas, de forma pontual e não tão sistemática, aquando da análise do corpo documental desta Dissertação, acrescido de outros documentos, para

---

<sup>24</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *Os cadernos de Duarte Ribeiro de Macedo: correspondência diplomática de Paris 1668-1676*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2007.

<sup>25</sup> Pedro Cardim, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, pp. 47-86.

<sup>26</sup> Nuno Monteiro, Pedro Cardim e David Felismino, “A diplomacia portuguesa no antigo regime. Perfil sociológico e trajetórias”, in MONTEIRO, Nuno et al., *Optima Pars – Elites Ibero-Americanas do Antigo Regime*, Lisboa, 2005, pp. 277-335.

<sup>27</sup> William Roosen, “Early Modern Diplomatic Ceremonial: A Systems Approach”, in *The Journal of Modern History*, vol. 52, nº 3, 1980, pp. 452-476.

<sup>28</sup> William Roosen, “The Function of Ambassadors under Louis XIV”, in *French Historical Studies*, vol. 6, nº 3, 1970, pp. 311-332.

permitir uma interpretação dos conteúdos apresentados. Todas essas obras estão mencionadas na bibliografia.

Quanto a estudos sobre Salvador Taborda Portugal, a sua trajetória, os seus escritos e ensinamentos, apenas foi encontrada a referência de uma comunicação da autoria de Nuno Miguel Castro Luís, no âmbito do Colóquio Internacional *Corte e Diplomacia na Península Ibérica (séculos XIII-XVIII)*, intitulada *Salvador Taborda Portugal. O percurso de um embaixador português à época do rei Sol*. Sabe-se também que o mesmo investigador terá realizado um estudo para um seminário de Mestrado sobre Salvador Taborda Portugal, mas não foi possível ter acesso a tal estudo. A obra de José Manuel Landeiro, *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*<sup>29</sup> contém apontamentos sobre a figura de Salvador Taborda e, em conjunto com outras fontes, contribuiu para traçar o seu perfil biográfico. Destaque-se, a esse respeito, o processo de Inquisição de Coimbra de Salvador Taborda Portugal,<sup>30</sup> durante os seus tempos de estudante, por não ter deixado passar o Santo Ofício, as notícias da gazeta francesa *Mercur*e e, ainda, as já citadas Memórias, redigidas pelo diplomata.

A inventariação da encadernação do objeto da dissertação, que pode ser encontrada na Biblioteca da Ajuda, elaborada pela Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Gomes,<sup>31</sup> contém ainda uma breve introdução aos correspondentes das mesmas, configurando-se assim uma pequena biografia do diplomata no seu trabalho.

Para além destes estudos mencionados, nenhuma outra obra foi encontrada que toque na trajetória de Salvador Taborda Portugal, quer seja da perspetiva da sua biografia ou das suas obras.

É importante frisar que existem mais áreas por investigar que saem fora do âmbito da Dissertação. O facto de este trabalho se tratar de uma tese de Mestrado impôs uma delimitação mais definida dos temas a abordar e dos documentos em análise, pelo que se optou por não se aprofundar outras questões. A verdade é que estas existem, e no futuro poderão contribuir ainda mais para o alargamento do nosso conhecimento Sobre a figura de Salvador Taborda Portugal.

---

<sup>29</sup> José Manuel Landeiro, *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*, Fundão, Tipografia do Jornal do Fundão, 1982.

<sup>30</sup> ANTT – *Processo de Salvador Taborda*, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Coimbra, proc. 8159.

<sup>31</sup> Fátima Gomes, *Inventário da correspondência de Salvador Taborda Portugal para D. João de Ataíde e Castro (com notícias)*, datilografado, Biblioteca da Ajuda, 2011.

Conhecer Salvador Taborda Portugal é ter um olhar interessante sobre a França de Luís XIV, a partir de um português.

## 2. Conjuntura Política

*el Rey Xp.<sup>mo</sup>, com os Secretarios d'estado, nunca está em Paris, antes passa todo o tempo em Versalhes, Sam-Germen e Fonténabló<sup>32</sup>*

Salvador Taborda Portugal redigiu as epístolas em estudo durante os reinados de D. Pedro II de Portugal e de Luís XIV de França. Nesse sentido, é importante analisar as linhas estruturais de ambos os reinados, e entender como estas se interligaram, para se poder concluir de que forma essa relação nele teve influência<sup>33</sup>.

### 2.1.O reinado do Luís XIV de França

Durante a segunda metade do século XVII o reino de França alcançou a hegemonia europeia, beneficiando de uma conjuntura favorável: por um lado, assistiu-se ao declínio da Casa de Áustria, tanto a leste, no Sacro-Império Romano-Germânico, liderado por Leopoldo I, como a oeste, na Península Ibérica, encabeçada por Filipe IV, e após 1640 apenas o território espanhol Carlos II,<sup>34</sup> – em conjunto com todos os outros territórios espanhóis nos Países Baixos e em Itália – por outro lado, a Inglaterra estava muito envolvida na resolução dos seus problemas políticos internos,<sup>35</sup> não se encontrando muito ativa no cenário europeu. O Sacro-Império, com quem a França disputava o espaço da Europa Central, sofria pressões de leste por parte do Império Otomano, que, apesar de ter menos força desde a morte de Solimão I, continuava a procurar alargar o seu território para oeste. Esta luta ainda acesa foi testemunhada por Salvador Taborda Portugal nas suas cartas. Vejamos um exemplo:

*Os Venezeanos tomáráõ a Praça de Coron por assalto depois de seis semanas de sitio: e 4 dias antes q. entrassem na Praça, derrotáráõ 10 mil Turcos que tinhaõ vindo ao socorro: e ã huma e outra acçaõ foi muito grande o despojo. Em Hungria*

---

<sup>32</sup> Petição de Salvador Taborda Portugal a D. Pedro, circa 1684, 52-IX-15 (BA), nº 2, fl. 6-6 v.

<sup>33</sup> Cf. Anexo II – Quadro cronológico comparativo de Salvador Taborda Portugal, Luís XIV de França e D. Pedro II de Portugal.

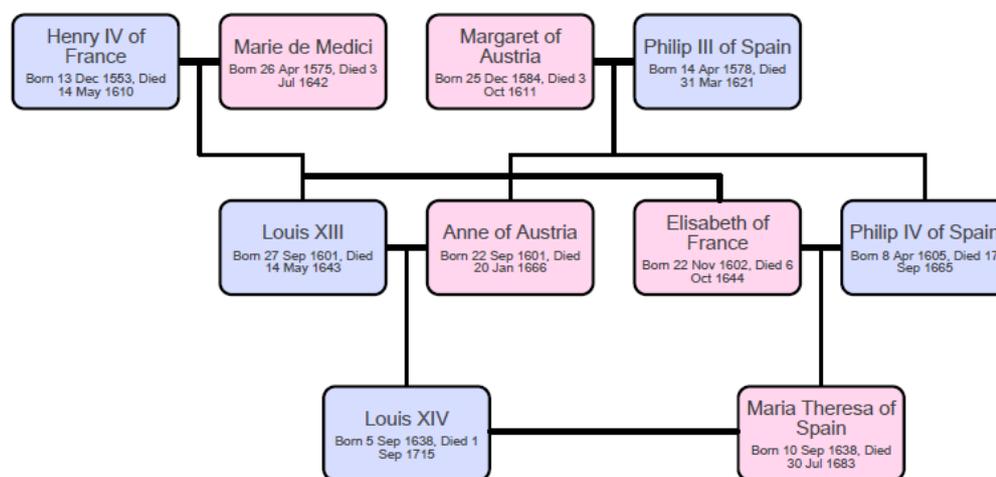
<sup>34</sup> Devido à revolta de Portugal, a 1 de Dezembro de 1640, que originou a sua independência.

<sup>35</sup> As contendas entre Carlos I de Inglaterra e o parlamento, a tomada de poder por Lord Cromwell, e as tensões religiosas internas levaram a um distanciamento da Grã-Bretanha da cena europeia.

*se dão qaurteis d'inuerno. O Gram Turco mandou pidir pazes.*<sup>36</sup>

Todos estes aspetos permitiram que a França tivesse algumas das suas pressões externas aliviadas, levando a um maior investimento nas suas próprias políticas de expansão. Todavia, este não foi um desenvolvimento uniforme, havendo épocas de disputa e de partilhas, como é o caso da Guerra dos Nove Anos (1688-1697),<sup>37</sup> u a já mencionada Guerra de Sucessão de Espanha (1702-1713), pois, como afirma a obra de Avelino de Freitas de Meneses, *A consolidação do poderio de França motiva a oposição das potências navais, que reclamam uma partilha de competências na Europa (...)*,<sup>38</sup> o que leva à criação de diversas alianças com o objetivo de contraposição a França.

Estes factos evidenciam que esta hegemonia foi estabelecida durante o reinado de Luís XIV, conhecido como o *Rei-Sol*, e com o título de Rei Cristianíssimo,<sup>39</sup> e detentor de um reinado de 72 anos, um dos mais longos da história da Europa. Era filho do rei Luís XIII e da rainha Ana de Áustria, neto de Filipe III de Espanha por parte da mãe, o que fazia dele sobrinho de Filipe IV – o monarca do reino que ansiava aniquilar – e primo de sua esposa Maria Teresa de Áustria, filha do monarca anteriormente mencionado. Era também neto de Henrique III de Navarra e IV de França, por parte do seu pai.



**Fig. 1** – Genealogia de Luís XIV, construída a partir de Anselme de Sainte-Marie, *Histoire généalogique...*, 1726.

<sup>36</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 20 de Maio de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 28, fl. 48-49.

<sup>37</sup> Conflito entre a França e a Liga de Augsburg, iniciado para evitar a expansão francesa no Reno.

<sup>38</sup> *Nova História de Portugal. Volume VII – Portugal, da paz da Restauração ao ouro do Brasil*, coord. Avelino Freitas de Meneses, Lisboa, Editorial Presença, 2001, p. 150.

<sup>39</sup> Título concedido pelo Papa desde a Idade Média ao rei de França, reconhecido como exclusivo do monarca francês desde o reinado de Carlos IV de França (1403-1461)

Neste contexto, é importante lembrar, ainda que sucintamente, alguns dos principais factos do reinado de Luís XIII, para entender como a orientação política deste pode ter influenciado o seu filho, bem como a sua morte precoce e, conseqüentemente, as vicissitudes da infância de Luís XIV.

Luís XIII, juntamente com o seu favorito, o cardeal de Richelieu, orientou o seu reinado tanto para a luta contra os protestantes, como para o estabelecimento da hegemonia francesa, muito à custa dos territórios da Monarquia Católica. Durante o seu reinado destaca-se o ano de 1635, que marca tanto a entrada da França na Guerra dos Trinta Anos contra a Espanha, como o restabelecimento da Companhia das Ilhas de São Cristóvão. Ambos os acontecimentos não parecem estar interligados. No entanto, e como refere a obra de Patrick Boucheron, a entrada na Guerra pode ser (...) *compris comme le duel de deux grands ministres, Richelieu pour la France, Olivares pour l’Espagne (...)*,<sup>40</sup> e o restabelecimento da companhia comercial pode ser encarado como um desafio dos Tratados de Alcáçovas (1479) e de Tordesilhas (1494),<sup>41</sup> ou seja, ambos são uma afronta ao poder espanhol, tanto no seu império como no espaço europeu.

A luta contra a Monarquia Católica era tão importante para as autoridades francesas que, de acordo com a obra de Boucheron,

*Richelieu, prince de l’Église, avait démontré autant de dureté en 1628 à l’égard des protestants rochelais, qu’il avait manifesté de souplesse en s’alliant aux princes et républiques protestants contre la puissance hispanique.*<sup>42</sup>

A entrada na guerra custou à França muitas perdas de vidas humanas e territoriais. Em 1636 os espanhóis pareciam invencíveis, ameaçando mesmo uma entrada em Paris. Porém, os franceses resistiram e, anos mais tarde, em 1643, a França mudou o destino da guerra, com o esmagamento das tropas católicas por parte do futuro Grande Condé, Luís de Bourbon.<sup>43</sup> Esta derrota, aliada às revoltas da Catalunha e de Portugal e, ainda, ao afastamento de Olivares, fez com que a Monarquia Hispânica ficasse numa situação

---

<sup>40</sup> *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017, p. 309

<sup>41</sup> Tratados celebrados entre Portugal e Castela que dividiam o mundo – conhecido e por descobrir – entre as duas coroas.

<sup>42</sup> *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017, p. 311

<sup>43</sup> Ronald G. Asch, *The Thirty Years’ War: the Holy Roman Empire and Europe, 1618-48*, New York, St. Martin’s Press, 1997.

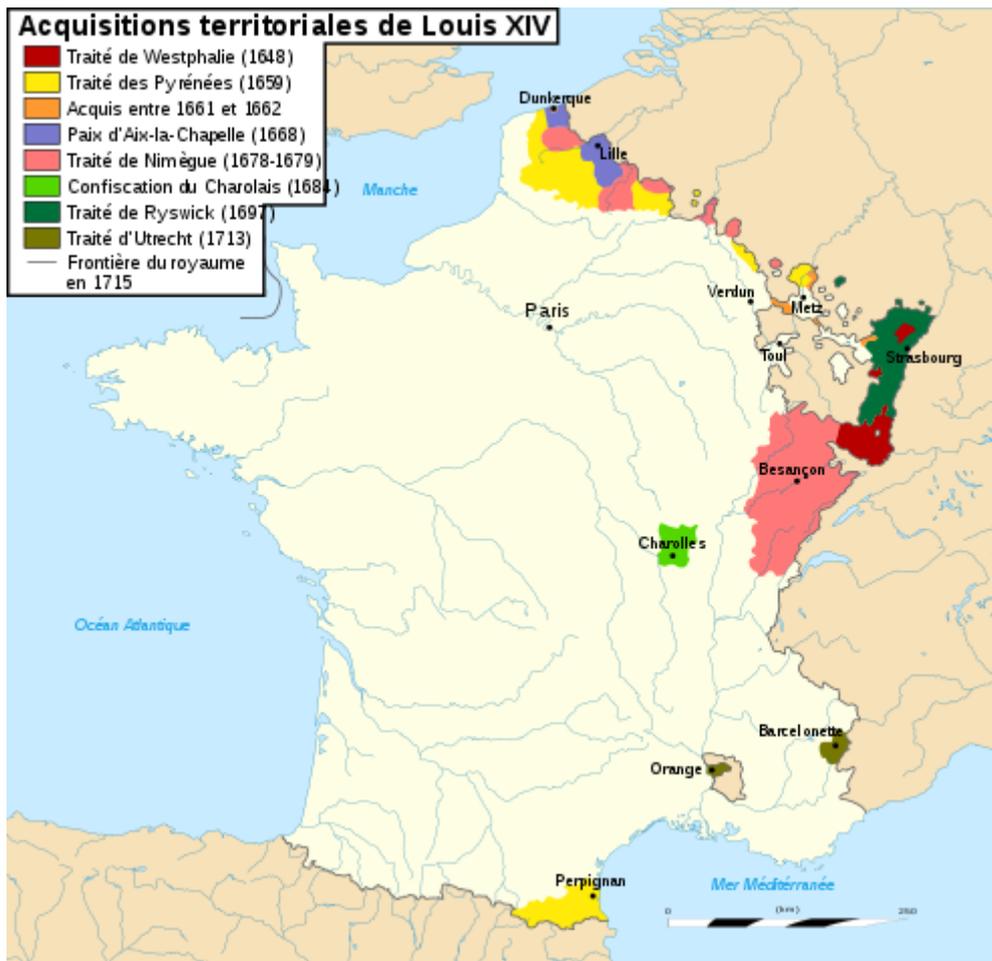
difícil. Porém, Richelieu e Luís XIII morreram nessa mesma altura, em 1642 e em 1643 respetivamente, altura em que subiu ao trono o pequeno Luís XIV.

O futuro rei tinha apenas quatro anos de idade, tendo a rainha-mãe assumido a regência em seu nome e confiado todos os poderes do Estado ao cardeal italiano Giulio Mazarino. O período de regência terminou oficialmente em 1651, quando o rei tinha treze anos. Luís XIV assumiu o trono, mas Mazarino continuou a controlar os assuntos do Estado até à sua morte em 1661, pelo que só a partir daí Luís XIV começou, efetivamente, a reinar.

Durante o seu longo reinado, o monarca reorganizou e equipou o exército francês, tornando-o num dos mais poderosos da Europa. Iniciou as suas investidas militares com o ideal de reaver as antigas fronteiras que a França possuía no tempo dos Carolíngios, algo que na realidade se traduzia num anseio em afastar as fronteiras de França o máximo possível da cidade de Paris. Este ideal está patente em diversas conquistas e anexações, como, por exemplo, a compra à Inglaterra de Dunquerque, conseguindo assim Luís XIV proteger o reino da rota da Flandres e de invasões.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Renaud Morieux, “Dunkerque, nid d’espions” in *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017, pp. 319-323.



**Fig. 2** – *Acquisitions territoriales de Louis XIV*. Retirado de <https://historum.com/threads/wars-of-louis-xiv.130946/> consultado a 13 de Março de 2019.

Assim, pode dizer-se que as diretrizes políticas de Luís XIII, por vontade própria, ou não, foram passadas para o reinado do seu filho, que, de certa forma, as concretizou, conseguindo mesmo colocar o seu neto, Filipe de Anjou, no trono espanhol, como Filipe V de Espanha, iniciando o governo da dinastia de Bourbon no reino hispânico. Este desenlace não seria possível, contudo, sem o trabalho anterior levado a cabo pelo seu pai.

A manutenção da hegemonia francesa não foi fácil, pois a Casa de Áustria rodeava a França por duas frentes – a fronteira com Espanha e a fronteira com o Sacro-Império. Na fase inicial do reinado de Luís XIV a maior das disputas foi com Filipe IV de Espanha, tio e sogro do jovem rei de França, a primeira frente que o monarca francês quis eliminar.

Em 1659 foi assinado o Tratado dos Pirenéus, que pôs fim, ainda que por pouco tempo, ao conflito franco-espanhol. A França estava satisfeita com as suas vitórias e queria consolidá-las, enquanto a Espanha desejava reconquistar Portugal, sendo que o fim do conflito permitiria uma maior concentração de forças na Península Ibérica, visto que

por esta altura ainda decorria a guerra para restaurar a soberania dos Áustrias sobre todos os reinos ibéricos, após a revolta pela independência de Portugal a 1 de Dezembro de 1640.

A paz foi selada pelo casamento de Luís XIV com a infanta Maria Teresa de Áustria, filha de Filipe IV e de Isabel de Bourbon. O dote da infanta contemplava o pagamento de 500.000 ducados<sup>45</sup> mas (...) *Les pénuries financières empêchèrent la monarchie hispanique de respecter cet article.*<sup>46</sup> Este será o pretexto da Guerra da Devolução, desencadeada por Luís XIV em 1667, através da qual a Monarquia Francesa anexou algumas cidades nos Países Baixos espanhóis, que seriam o pagamento do dote em falta. A França conseguia, assim, começar a estabelecer a sua superioridade perante a Espanha.

Assiste-se ainda à valorização dos territórios franceses nas Antilhas e ao estabelecimento, à semelhança da tática portuguesa, de portos franceses nas ilhas perto do litoral de África, para fazer um comércio direto de escravos, ao invés de indireto, através de portugueses e espanhóis. A França passa a participar no comércio triangular – partida da metrópole para as ilhas africanas para o tráfico negreiro, levar os africanos escravizados para a América, para as plantações, para recolher os produtos americanos e para os levar para a metrópole para consumo ou comércio. Nas palavras de Boucheron, *La France, à l'image de l'Espagne sa rivale de toujours, devenait à son tour coloniale.*<sup>47</sup> No mesmo ano de 1659, o francês David Chaollou inicia a aprendizagem do fabrico do chocolate, até então um conhecimento sob o domínio espanhol, algo que aponta igualmente para a crescente importância da política ultramarina francesa.

Noutra dimensão da sua política, Luís XIV deu, também, cobertura política à luta contra o protestantismo. Em 1685 foi assinado o Édito de Fontainebleu, que revogava o Édito de Nantes de 1598.<sup>48</sup>

*Cette année [1685] est encore remarquable par l'édit que le roy rendit au mois*

---

<sup>45</sup> Segundo George Cuhaj, na obra *Standard Catalog of World Coins, 1601-1700* (2009), um ducado valia cerca de 3.5 gramas de ouro, o que significa que o dote Maria Teresa de Áustria perfazia cerca de 1.750 quilogramas de ouro.

<sup>46</sup> *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017, p. 315

<sup>47</sup> *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017, p. 318

<sup>48</sup> Édito assinado por Henrique IV de França, em 1598, que garantia tolerância religiosa no seio do reino francês.

*d'octobre, portant défense d'exercer publiquement la religion prétenduë reformée dans son royaume, avec la suppression de l'édit de Nantes de l'an 1598.*<sup>49</sup>

Relembramos que o protestantismo teve uma grande expansão na França de Quinhentos, o que originou as Guerras de Religião (1562-1598), que deixaram um rasto de sangue e destruição. Foi o Édito de Nantes que marcou o início de uma nova política de tolerância em França, com a qual Luís XIV não concordava, pois permitia a disseminação dos protestantes. É necessário ter sempre presente que o «pano de fundo» político na Europa esteve neste período quase sempre ligado às lutas entre católicos e protestantes, nas quais o reino de Portugal tentou manter a neutralidade.

A revogação do édito de Nantes é o culminar de um longo caminho de repressão levado a cabo por Luís XIV, que interpreta o documento de Henrique IV com mais rigor, agravando as restrições, como se desejasse (...) *étouffer le protestantisme*.<sup>50</sup> O monarca consegue assim alcançar o segundo grande objetivo do seu pai: a expulsão dos huguenotes de França. Esta confissão cristã passou a ter o culto proibido e aos seus pastores e líderes foi dada a escolha entre a conversão ao catolicismo ou o exílio.

É necessário entender o contexto em que esta decisão foi tomada. Enquanto o rei assina uma paz de vinte anos com a Monarquia Hispânica, em Ratisbona, sobe ao trono Jaime II de Inglaterra, rei de fé católica. Esta subida ao trono inglês de um rei católico afigurou-se como um momento de muita importância para o catolicismo, considerada mesmo uma vitória sobre os protestantes, e Salvador Taborda Portugal, não deixa de a referir nas suas cartas:

*Fez-se a coroação del Rey d'Inglaterra com magnificencia grande, de que Joseph de Faria terá mandado relação; como tambem da perfeita inteligencia em q. el Rey está com a serenissima Raynha Dona Catherina*<sup>51</sup>

Porém, a revogação do Édito de Nantes tem consequências no plano das relações

---

<sup>49</sup> Anselme de Sainte-Marie, *Histoire généalogique et chronologique de la maison royale de France*, Paris, La compagnie des libraires, 1726, p. 164

<sup>50</sup> *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017, p. 340

<sup>51</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 20 de Maio de 1685, 52-IX-15 (BA), n° 17, fl. 30-31.

externas. As alianças com os príncipes alemães protestantes ficam comprometidas e o apoio dado a Jaime II torna-se infrutífero, pois este acaba por perder o trono para Guilherme de Orange, protestante das Províncias Unidas. Além disso, assiste-se à fuga em massa de população francesa huguenote para as Províncias Unidas, para a Alemanha e para Inglaterra, o que se traduz em dificuldades económicas.

Luís XIV, Rei Cristianíssimo, tentou «re-polarizar» a Europa, opondo as formações políticas católicas às protestantes, mas o seu objetivo falhou, tendo um efeito de ricochete e acabando por se voltarem contra a França países de ambas as religiões. É neste contexto que se cria a Liga de Augsburgo – a Grande Aliança – na qual o Sacro-Império, a Monarquia Católica, as Províncias Unidas, a Suécia e a Inglaterra se unem contra a França, para travar os seus planos de expansão e consolidar os tratados de Nimega e Ratisbona, os quais tinham em comum o objetivo de pôr fim a conflitos entre a França e as Províncias Unidas ou Monarquia Católica.

Todavia, e apesar da sua oposição, o reinado de Luís XIV levou a França a chegar à liderança das potências europeias – seja em termos militares, económicos, como culturais – e estabelece a sua hegemonia.

## **2.2.Reinado de D. Pedro II de Portugal**

Perante este cenário de disputa e divisão europeia, Portugal opta por uma política de neutralidade, preconizada pelo círculo que rodeia o monarca D. Pedro II. Ainda assim, na sua subida ao poder teve influência a conjuntura referida, como mais à frente se demonstrará.

Quando D. Afonso – irmão do rei acima mencionado e herdeiro do trono português – sobe ao poder, com o título de Afonso VI, em 1656, este escolhe como seu valido o conde de Castelo-Melhor, D. Luís de Vasconcelos e Sousa. Tendo como função aconselhar o rei, o valido acaba por constituir um poder central autoritário, marcado por uma vasta rede clientelar.<sup>52</sup>

No entanto, o conde de Castelo Melhor era alvo de profundas críticas, das quais se destaca a acusação da entrega de mercês não merecidas a membros da sua rede

---

<sup>52</sup> Cf. Maria Luísa de Bivar black, *Um escrivão da puridade no poder: o Conde de Castelo Melhor, 1662-1667*, Lisboa, S.P.B. Editores e Livreiros, 1995.

clientelar. Um dos seus críticos mais relevantes é D. Nuno Álvares Pereira de Melo, 1º duque de Cadaval. Homem de grande poder, detentor de terras, jurisdições e cargos palacianos, constituía um grande inimigo do conde de Castelo-Melhor, sendo, por oposição, um forte apoiante de D. Pedro. Ao dispor de uma complexa rede de contatos no seio clero, na nobreza e no meio letrado, as pessoas que se viram marginalizadas pela ação do valido acabaram por se aliar ao grupo do duque do Cadaval e apoiar a subida ao trono de D. Pedro. Neste contexto criam-se duas fações com apoiantes entre a nobreza e o clero português – a facção de D. Afonso e a de D. Pedro.

A facção de D. Pedro contou com vários apoios externos, nomeadamente no que toca ao séquito da rainha, ainda casada com Afonso VI, D. Maria Francisca de Saboia. A rainha sofreu pressões por parte de França para alinhar com a facção de D. Pedro, pois cada vez mais se entendia que Afonso VI perdia os seus apoios. Assim o afirma Maria Paula Marçal Lourenço (...) *a intervenção estrangeira, sobretudo francesa e inglesa, teve uma participação ponderável no decurso dos acontecimentos.*<sup>53</sup> Na verdade, a rainha já pedia a anulação do seu casamento com o rei Afonso ainda antes de este ter sido substituído pelo seu irmão, algo que é mais tarde concedido, sob o pretexto de não consumação do matrimónio.<sup>54</sup>

Entre o fim de 1667 e o começo do ano seguinte ocorre no reino um golpe palaciano, por ação de D. Pedro, com o objetivo de este tomar o poder. No mesmo ano reúnem-se as Cortes, nas quais, depois de muito debate, D. Afonso VI é declarado como incapaz de governar e D. Pedro é intitulado sucessor, “Regente e Curador” em nome do seu irmão, embora só com a morte deste, em 1683, D. Pedro assuma o título de rei, como D. Pedro II.<sup>55</sup>

Um momento central da governação de D. Pedro é a assinatura de paz com a Monarquia Hispânica, em 1668, pondo fim à Guerra da Restauração, que desgastava o reino em termos económicos e demográficos. Esta paz vai condicionar todo o reinado de D. Pedro, influenciando as suas relações com outros reinos. Por um lado, marca o rompimento de relações e influências francesas no reino português, que não queriam que esta paz se realizasse, pois a manutenção do conflito permitia um enfraquecimento da Monarquia Católica; por outro, representa a aproximação a Espanha, que ganha novos

---

<sup>53</sup> Maria Paula Marçal Lourenço, *D. Pedro II. O Pacífico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, p. 108.

<sup>54</sup> Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga, *Dois rainhas em tempos de novos equilíbrios europeus. Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg*, Maia, Círculo de Leitores, 2011, p. 62.

<sup>55</sup> Cf. Ângela Barreto Xavier, e Pedro Cardim, *D. Afonso VI*, Lisboa, Temas e Debates, 2008.

adeptos e que se manifesta sobretudo através do restabelecimento de ligações diplomáticas com o país vizinho – este facto revê-se no segundo casamento de D. Pedro II, com D. Maria Sofia de Neuburg. De certa forma, este afastamento tem consequências no ofício de Salvador como enviado especial a França, algo que será desenvolvido mais à frente.

Esta política de neutralidade portuguesa só é quebrada pela participação na já falada Guerra de Sucessão de Espanha (1702-1713).

A regência e o reinado de D. Pedro II marcam o período de consolidação da nova dinastia reinante – a dinastia de Bragança – associado a uma estabilidade política a nível interno e externo, assistindo-se ao retorno do anterior modelo político – reforço do poder dos Conselhos – uma tentativa de desenvolvimento de produção manufatureira através da importação de mão-de-obra qualificada – e um redobrado foco no Atlântico, sobretudo no Brasil, com a fundação da Colónia de Sacramento, em 1680.<sup>56</sup>

### **2.3. Vida de corte de Luís XIV**

Salvador Taborda Portugal assistiu, em primeira mão, na vida de corte em França, a alguns dos acontecimentos acima mencionados. Sendo enviado especial à corte francesa durante treze anos (1677-1690), pôde testemunhar as tomadas de decisão que levaram a alguns dos conflitos promovidos por França, bem como receber notícias por parte do seu correspondente – D. João de Ataíde e Castro – que o punham ao corrente daquilo que se passava em Portugal. Ainda assim, para além das estratégias geopolíticas que marcam esta época, é indispensável não esquecer que a vida de corte se tornou muito mais intensa e que, indubitavelmente, França era o palco desta mesma intensidade, na sua corte de Versalhes. Nas suas cartas, Salvador fala de algumas festas, como por exemplo:

*Amanham hei de passar de Sam Clú a Versalhes, para ver no dia seguinte hūas festas de caualo, que os francezes chamaõ de Carouzel, em q. entraõ 80 senhores,*

---

<sup>56</sup> Cf. Luís Ferrand de Almeida, *A colónia do Sacramento na época da sucessão de Espanha*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973.

*fazendo cada hũ grande despeza. El Rey nos mandou convidar*<sup>57</sup>

Na verdade, a corte era o local onde se organizava o poder régio, representando a centralização político-administrativa, que assentava em dois alicerces – o luxo e a magnificência dos espaços onde se movimentam o rei e os cortesãos, e a hierarquia social, dotada de uma etiqueta cuidadosa. Como centro político, cultural e artístico, a corte era um local privilegiado. Fazer parte desta permitia distinção social, associada à privança com o rei. Versalhes, escolhida como sede da corte francesa em 1682, era o paradigma da corte real, devido à excelência da encenação do poder e à magnitude do soberano. A decoração teatral de Versalhes deve ser vista não só como uma mensagem, mas também como um cenário. O certo é que, como é referido na obra de Patrick Boucheron, (...) *le château de Versailles s'est imposé dans l'imaginaire collectif comme le «palais d'État» par excellence*.<sup>58</sup> Meredith Martin afirma mesmo que (...) *Louis XIV was transforming Versailles into the epicentre of his reign*.<sup>59</sup>

Após a morte do cardeal Mazarino, em 1661, a vida de corte francesa sofreu alterações significativas. Luís XIV decidiu governar sem qualquer primeiro-ministro – decisão tomada em contexto semiprivado, mas mais tarde publicitada, reforçando a ideia de rei absoluto, ou seja, como dito por William Beik, com uma (...) *authority unchecked by any institutional body* (...),<sup>60</sup> o que não se traduziu necessariamente num poder ilimitado ou sem oposição, mas sim num poder absoluto em termos de consultoria sobre a tomada de decisões.

Desde esse momento e até à Guerra da Devolução,<sup>61</sup> em 1667, regista-se um período de autoafirmação por parte do rei. A personagem principal da vida de corte era, indubitavelmente, o rei. Luís XIV e os seus conselheiros tinham uma grande preocupação com a imagem real, pois *A imagem do rei estava sob constante revisão* (...),<sup>62</sup> em consonância com o crescimento e envelhecimento do rei.

---

<sup>57</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 2 de Junho de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 18, fl. 32-33.

<sup>58</sup> *Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017, p. 329

<sup>59</sup> Meredith Martin, “Mirror Reflections: Louis XIV, Phra Narai, and the material culture of kingship”, in *Art History*, 38, 2015, p. 655.

<sup>60</sup> William Beik, “Review Article *The absolutism of Louis XIV as social collaboration*”, in *Past & Present*, nº188, 2005, p. 196.

<sup>61</sup> Conflito já mencionado, iniciado por Luís XIV contra a Monarquia Católica pelo dote de sua esposa.

<sup>62</sup> Peter Burke, *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009, p. 15.

Jean-Baptiste Colbert<sup>63</sup> fazia parte do Conselho de Estado e administrava o erário régio, mas, para além da sua contribuição na economia francesa, através da sua política mercantilista que visava equilibrar a balança comercial da França, diminuindo as importações e aumentando as exportações, estabeleceu também a figura do rei como patrocinador das artes. Nesse sentido, como afirma Peter Burke, *As academias eram corporações de artistas e escritores que em sua maioria trabalhavam para o rei*,<sup>64</sup> criando obras que glorificavam o monarca. Colbert entendia que era necessária a contribuição de todas as artes para a glória do rei. Um dos objetivos era atingir a posteridade, ou seja, deixar uma mensagem para o futuro, como este era imaginado. Colbert agia, no fundo, como um precursor de propaganda política, sendo o principal preconizador da disseminação da imagem de Luís XIV.

Ainda assim, apesar do esforço de difusão da imagem de Luís XIV, esta não era compreendida por toda a população francesa. O primeiro alvo seria a alta nobreza – os cortesãos – que eram a audiência regular dos cerimoniais e faziam parte da vida de corte. Estes, juntamente com embaixadores vindos de todas as partes do mundo, eram recebidos na «Grande Galeria» e podiam visitar os aposentos do rei.<sup>65</sup>

De seguida, os louvores ao rei atingiam a população urbana, com a utilização da imprensa. Havia também uma crescente preocupação com a população rural, tendo lugar fundações de academias e óperas nas áreas rurais, bem como várias visitas oficiais do rei a estas populações. Entre os anos de 1685 e 1686, a imagem de Luís XIV projeta-se em várias praças públicas, espalhando por França estátuas e arcos, como símbolo do poder real.

A projeção da imagem real para o estrangeiro era também importante. Luís XIV era um monarca conhecido, mesmo nas sociedades da Europa oriental e, até, asiáticas. Vários espetáculos eram apresentados no estrangeiro sobre os feitos franceses e os textos de glorificação a Luís XIV eram traduzidos para diversas línguas estrangeiras, nomeadamente para latim, garantindo a sua divulgação. O próprio espetáculo encenado pela corte pressupunha também a participação de estrangeiros, para assegurar o seu valor

---

<sup>63</sup> Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), ministro de Estado e da economia durante o reinado de Luís XIV.

<sup>64</sup> Peter Burke, *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009, p. 63.

<sup>65</sup> Norbert Elias, *A sociedade de corte*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

político e certificar a propagação para fora de França.<sup>66</sup> Os *Ballets de Cour*, de tradição francesa, multiplicavam-se na Europa<sup>67</sup> e as imagens de Luís XIV gravadas em medalhas eram igualmente uma forma de propagandear o monarca francês.<sup>68</sup>

A imagem para a Europa era, naturalmente, da maior importância, sendo que, nesse sentido, os embaixadores desempenhavam um papel fulcral. Peter Burke afirma que

*Os embaixadores compunham parte substancial da audiência dos festivais, representações teatrais, balés e óperas realizados na corte. Frequentemente eram agraciados com presentes que haveriam de enaltecer a imagem do rei no exterior*<sup>69</sup>

Um exemplo do exposto é a recepção da embaixada de Sião em Versalhes, em 1686 – Luís XIV recebeu o embaixador Siamês na Galeria dos Espelhos, com o objetivo de conseguir constituir uma base de comércio na Ásia, encontro que foi precedido por vários contactos diplomáticos anteriores e que culminou numa recepção grandiosa, para passar a imagem de um rei forte e uma corte imponente.<sup>70</sup>

Assim, é importante entender a sociogénese da corte de Versalhes, que interdependências ligavam entre si os cortesãos, e entre estes e o rei, como é que Luís XIV dominava a sua nobreza e como era rígida a etiqueta que regulava estas relações, para ter uma melhor imagem daquilo com que Taborda Portugal se deparou em Paris.

Tal como dito, a imagem do rei era imediatamente recebida pela alta nobreza, pois era esta que estava presente no quotidiano de Luís XIV.<sup>71</sup> Assim, esta era um grupo privilegiado que utilizava a sua privança com o rei como forma de ascensão social e político. Para poder permanecer como elite, esta nobreza precisava de subalternizar os outros grupos e de se autoafirmar constantemente. Isto atende às necessidades de

---

<sup>66</sup> Meredith Martin, “Mirror Reflections: Louis XIV, Phra Narai, and the Material Culture of Kingship”, in *Art History*, 38, 2015, pp. 652-667.

<sup>67</sup> Cf. Bridgman Nanie, “L’aristocratie française et le ballet de cour”, in *Cahiers de l’Association internationale des études françaises*, 1957, n°9. pp. 9-21.

<sup>68</sup> Cf. Louis Marin, *Le portrait du roi*, Paris, Minuit, 1981.

<sup>69</sup> Peter Burke, *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009, p. 172.

<sup>70</sup> Meredith Martin, “Mirror Reflections: Louis XIV, Phra Narai, and the Material Culture of Kingship”, in *Art History*, 38, 2015, pp. 652-667.

<sup>71</sup> Peter Burke, *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

dominação do rei, que se aproveita desta necessidade para submeter a nobreza, formando uma corrente de interdependência. O desterrar, por parte do rei, de certos elementos da nobreza que iam contra as suas ordens, era uma forma de demonstração da importância desta privança. O desterro implicava o afastamento dos centros de decisão política. Salvador assiste a esse processo e descreve-o nas suas cartas:

*Esta semana tiuemos a nouidade de desterrar el Rey o Cardeal de Bulhon p.<sup>a</sup> huã das abbadias q. tem na Prouincia de Borgonha: e o Duque seu irmão e a Duq.<sup>za</sup> sua cunhada p.<sup>a</sup> huã terra sua; por saber agora q. aconselharaõ os Pr.<sup>es</sup> de Conti a jornada de Hungria aonde assistaõ, contra o gosto de S. Mg.<sup>de</sup> 72*

Neste sentido, é imprescindível aprofundar a seguinte questão, para que se entenda a dimensão cortesã a que Salvador Taborda Portugal está exposto: qual era a relação e o nível de dependência entre Luís XIV e a sua nobreza?

Luís XIV desenhou claramente uma separação entre a figura real e a nobreza, apesar de assegurar existência desta. Se por um lado garantia o poder pessoal e irrestrito do rei em relação a todas as exigências de poder da nobreza, por outro conservava a nobreza como ordem dependente de si, ao seu serviço, mas totalmente diferenciada de todas as ordens restantes, constituindo a única sociedade adequada e necessária para o rei, com uma cultura específica. É importante invocar, no que toca ao comportamento de Luís XIV com a nobreza, a infância do rei francês – durante a regência da sua mãe, o pequeno Luís foi alvo de ataques por nobres que pretendiam tomar o poder – as Fronças.

As Fronças, segundo Geoffrey Treasure, foram mais do que guerras civis ocorridas em França durante a regência do cardeal Mazarino, com o objetivo de o destronar – e juntamente destronar Luís XIV – e tomar as rédeas do poder francês, mas sim

*The Fronde was a critical rising, not of new but of long fermenting passions; of significance in the History of France, and therefore of Europe; a conflict about*

---

<sup>72</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 12 de Agosto de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 23, fl. 42-43v.

*principles as well as personalities; leading ultimately, after a confusing sequence of revolts and wars, to the resolution, at least for a period, of some of the most complex issues of a troubled century.*<sup>73</sup>

A primeira Fronda, ocorrida entre 1648-49, e conhecida como *Fronde Parlementaire*, tratou-se de uma revolta do Parlamento de Paris contra o aumento dos impostos e o poder da autoridade real encabeçada por Mazarino. O Parlamento acabou por ser exilado e os conflitos manifestaram-se, maioritariamente, através da imprensa e de folhetos, não havendo grandes conflitos armados. Termina com a assinatura do Tratado de Rueil, em 1649.<sup>74</sup>

A segunda Fronda, ocorrida entre 1650-1653, e denominada de *Fronde des nobles*, foi mais violenta do que a primeira e tratou-se de uma revolta por parte da alta nobreza que desejava retomar o poder que lhes tinha sido retirado por Luís XIII e Richelieu, aproveitando a regência do reinado de Luís XIV como um momento mais vulnerável da coroa francesa.<sup>75</sup> Contudo, não teve sucesso, e Mazarino acabou por derrotá-las. Apesar disso, esta acabou por deixar sequelas em Luís XIV, e compreende-se que, quando assumiu o poder em pleno, o monarca tencionasse anular estas possíveis forças concorrentes. As Frondas foram tão marcantes para Luís XIV que este mandou que todos os registos sobre estes acontecimentos fossem destruídos.<sup>76</sup>

Igualmente significativa para o destino dos nobres foi a mudança na prática da guerra. O peso da nobreza medieval baseava-se nos empreendimentos bélicos dos nobres. Porém, a valorização cada vez maior da prática da guerra baseada em exércitos de soldados, que na sua maioria nem eram franceses,<sup>77</sup> com armas de fogo, era acompanhada pela desvalorização simultânea da prática de guerra tradicional dos cavaleiros. Estas circunstâncias diminuía a dependência do soberano em relação à nobreza e aumentavam

---

<sup>73</sup> Geoffrey Treasure, “The Fronde, part I: the revolt of the lawyers”, in *History Today*, Vol. 28 Issue 6, 1978, p. 355.

<sup>74</sup> Geoffrey Treasure, “The Fronde, part I: the revolt of the lawyers”, in *History Today*, Vol. 28 Issue 6, 1978, pp. 353-363.

<sup>75</sup> Geoffrey Treasure, “The Fronde, part II: the battle for France”, in *History Today*, Vol. 28 Issue 7, 1978, pp. 436-445.

<sup>76</sup> Geoffrey Treasure, “The Fronde, part I: the revolt of the lawyers”, in *History Today*, Vol. 28 Issue 6, 1978, p. 355.

<sup>77</sup> Guy Rowlands, “Foreign service in the age of absolute monarchy: Louis XIV and His Forces Étrangères”, in *War in History*, 17(2), 2010, pp. 141–165.

uma dependência inversa.<sup>78</sup> A nobreza continuava a participar na guerra, sobretudo como generais e comandantes de exército, mas a composição dos exércitos era cada vez mais anónima. Esta mudança representa, assim, o verdadeiro reflexo da modernidade – uma nobreza e um rei que, na sua maioria, não eram participantes diretamente na guerra.

Na verdade, Luís XIV fazia da nobreza de corte propriedade sua, e dos nobres os seus «serviçais pessoais», o que se tornava numa demonstração do seu poder absoluto. O facto de o rei ser servido pela nobreza distanciava-o de todas as outras pessoas do reino.

Contudo, se a aristocracia era necessária, também poderia representar um perigo para a realeza, sendo que a sua manutenção tinha de ser muito cuidadosa. O rei encontrava-se numa situação única, pois por se posicionar no topo da pirâmide social, não tinha nada nem ninguém com autoridade acima da sua, não obstante ter sofrido pressões pelo clero e nobreza. Todavia, os demais cortesãos sofriam pressões de todas as direções, acabando mesmo por lutar uns contra os outros, concorrendo pelos privilégios. Desta forma, anulam as eventuais forças que podiam empreender contra o rei. Cabe ao rei vigiar continuamente estas tensões, promovendo-as e mantendo-as, para que as divergências dos súbditos trabalhem a seu favor – dividir para reinar. Como afirma Wouter Troost, *There was great rivalry between the families, which Louis XIV did not dislike as he could use them against each other.*<sup>79</sup>

Este controlo e subordinação da nobreza por parte de Luís XIV era entendido também aos seus ministros, o que é demonstrado por Salvador Taborda Portugal, quando o seu correspondente D. João de Ataíde e Castro lhe pede recomendações por parte de certos nobres em Paris. O diplomata informa que estas recomendações têm de ser autorizadas pelo rei, porque:

*por aqui verá V. M. como os Ministros em França se não atreuem a dar hum paço sem ordem expressa de seu amo [Luís XIV]*<sup>80</sup>

A etiqueta e o cerimonial eram instrumentos de dominação, formas de coerção que

---

<sup>78</sup> Norbert Elias, *A sociedade de corte*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

<sup>79</sup> Wouter Troost, “Leopold I, Louis XIV, William III and the origins of the war of the Spanish succession”, in *The Journal of the Historical Association*, 2018, p. 550.

<sup>80</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 11 de Fevereiro de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 10, fl. 14-15v.

o próprio poder exercia sobre a nobreza, mas também sobre o seu detentor. No fundo, esta permitia distanciar Luís XIV dos demais, e quanto maior fosse a distância, maior seria o respeito. A vida de corte na França de Luís XIV prescrevia as vias e os meios específicos de dominação do rei. Esta era, no fundo, a figuração central de toda a estrutura de dominação, e por meio dela o rei governava uma região mais ampla – o reino. A etiqueta da vida de corte era, assim, a manifestação mais visível da distinção e dominação régia, o espaço onde Salvador Taborda Portugal se movimentava.

Tendo em atenção os aspetos mencionados, entende-se que a nobreza se encontrava subjugada ao poder de Luís XIV. Mas a verdade é que a nobreza dependia também do rei, pois somente a vida na sua corte lhe dava acesso aos patamares económicos e de prestígio que possibilitavam «viver nobremente», devido ao mencionado sistema de privilégios. A consciência de serem influentes na corte, e as oportunidades financeiras e de prestígio de que beneficiavam acabavam por compensar as aflições e humilhações que tinham de tolerar ao serviço do rei.

A relação entre o rei e a nobreza estava em permanente tensão, mas ao mesmo tempo em constante complementaridade. Além da necessidade de convívio com uma sociedade a que ele próprio pertencia e de cujos costumes partilhava, e da necessidade de distanciamento da restante população, o rei necessitava da nobreza para assegurar o equilíbrio de tensões entre as camadas em que ele próprio se apoiava. Não se pode ver o rei apenas como opressor da nobreza ou somente como o seu provedor. Também seria erróneo destacar apenas a dependência da nobreza em relação ao rei. Até certo ponto, como demonstrado, o rei também era dependente da nobreza.

A corte de Luís XIV era extremamente hierárquica e marcada pela etiqueta e pelo cerimonial, sendo neste espaço o momento primordial de difusão da imagem régia. Assim, era aqui que o poder real se disseminava e afirmava, o palco da propaganda da imagem de Luís XIV.

Qualquer diplomata que entrasse em contacto com esta corte não poderia por em causa o poder de Luís XIV, e certamente que não deixaria de passar a mensagem ao soberano que representava, como acontece com Salvador Taborda Portugal. Os astros que orbitavam o *Rei-Sol*, fossem a aristocracia francesa ou os diplomatas estrangeiros, não ficariam indiferentes ao seu esplendor e magnificência, mesmo que não concordassem com os seus ideais e formas de conduta.

## 2.4. Vida de corte em Portugal

Salvador Taborda Portugal pôde presenciar todo este esplendor, mas ainda assim, em muitas das suas cartas, afirma que tem saudades de Lisboa e que a vida na corte portuguesa era do seu agrado. Numa das suas cartas diz:

*tambem nesta Babel de Delicias, como V. M. lhe chama, ha cousas bem enfadonhas: verdade he q. das tristezas ha mais diuertim.<sup>10s</sup> nesta terra p.<sup>a</sup> onde apelar, do q. na nossa; mas já eu me tomara ha m.<sup>10</sup> tempo fora de Paris. Hoje faz justam.<sup>1e</sup> oito años q. sahi de Lisboa: e parece q. bastaua taõ dilatado desterro<sup>81</sup>*

Perante a posição do diplomata é, então, relevante fazer uma «ponte» para a situação lusitana. A corte portuguesa tem uma evolução semelhante à francesa, ainda que mais lenta.

Até à segunda metade do século XVI, a corte régia não era o espaço de sociabilidade por excelência. Tinha um aparato cerimonial simples, sendo por isso diferente das demais cortes régias europeias. A nobreza tinha as suas residências espalhadas pelo reino, pois não viam a morada do rei como um lugar em que tivessem de estar, e as relações entre o rei e a primeira nobreza eram pontuais, sendo que muitos dos que desempenhavam cargos junto do rei eram de nascimento mais baixo. Neste sentido, os palácios reais do século XVI não se destacavam como o local onde se encontrava a parte mais seleta da sociedade. Ainda assim, a casa do rei já era um local com alguma competição, pois sabia-se que a privança com o rei era importante.<sup>82</sup>

Esta lenta formação da sociedade de corte pode estar associada ao tempo da Monarquia Dual,<sup>83</sup> em que a ausência de corte régia levou a uma censura no processo de criação da sociedade de corte. Por outro lado, fez com que membros da nobreza portuguesa entrassem em contacto com a corte espanhola, muito mais sofisticada e

---

<sup>81</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 26 de Agosto de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 24, fl. 44-44 v.

<sup>82</sup> Cf. *História da vida privada em Portugal – A Idade Moderna*, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Temas e Debates, 2011.

<sup>83</sup> Termo correspondente à dinastia Filipina em Portugal – 1580-1640.

opulenta. Assim, como afirma Pedro Cardim,

*nesse universo cortesão dos Habsburgos do qual os portugueses passaram a fazer parte, o escrutínio sobre o comportamento era mais apertado do que em outros espaços sociais e que, por causa disso, era importante estar atento para não se cometer erros que poderiam ser lesivos para a reputação, tanto individual quanto da família de que se fazia parte.*<sup>84</sup>

Após a Restauração de 1640, Portugal volta a ter um rei presente no seu território. Contudo, a corte dos Bragança, no princípio, estava desprovida de meios, esgotados pela Guerra da Restauração (1640-1668), para a qual era necessário canalizar todos os recursos. Por outro lado, a Casa de Bragança iniciou a sua dinastia, pelo que era inexperiente e trazia o ambiente provincial e rural de Vila Viçosa para Lisboa.<sup>85</sup> Este panorama só se altera com o reinado de D. João V (1707-1750), com um maior investimento no aparato curial, seguindo-se mais o modelo francês.<sup>86</sup> Apesar desta mudança, os estrangeiros ainda se referiam à corte portuguesa como modesta e monótona.<sup>87</sup>

Ao contrário da corte francesa, os acessos ao palácio real e à câmara régia eram bastante controlados, algo que incrementou uma aura de mistério em redor da pessoa régia – a majestade. As refeições passam a ser muito controladas e ritualizadas, sendo consideradas um momento de intimidade, o que mais uma vez contrasta com a corte francesa, em que a refeição régia era um momento de máxima exposição pública. Salvador Taborda menciona estas refeições algumas vezes, por exemplo:

*A cura del Rey christianissimo está em bom estado, posto que parece que haja de*

---

<sup>84</sup> *História da vida privada em Portugal – A Idade Moderna*, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Temas e Debates, 2011, p. 166.

<sup>85</sup> João Camilo Costa, *O cerimonial na construção do Estado Moderno Portugal no concerto europeu (1640-1704)*, Tese de mestrado, História das Relações Internacionais, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2013, p. 41 in <http://hdl.handle.net/10451/9536> consultado a 10 de Abril de 2019.

<sup>86</sup> António Flípe Pimentel, “D. João V e a festa devota: do espectáculo da política, à política do espectáculo”, in *Arte efêmera em Portugal*, coord. João Castel-Branco Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 150-165.

<sup>87</sup> *História da vida privada em Portugal – A Idade Moderna*, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Temas e Debates, 2011.

*durar mais tempo do q. se entendia no principio. Na cama come em publico, lá se lhe apresenta todos os dias a chusma q. V. M. sabe*<sup>88</sup>

Nesta passagem, o diplomata menciona mesmo a chusma que rodeia o rei Luís XIV nestes momentos, provavelmente referindo-se, de forma claramente negativa, a cortesãos adutores ou interesseiros.

No entanto, como dito, a corte portuguesa prezava o resguardo dos momentos de refeição. Este mesmo resguardo era tido em relação à condição física do rei, sobretudo à doença e à causa da morte. Ainda assim, a doença do rei e a terapia aplicada tornam-se, de certa forma, notícia, algo que se confirma com as cartas de Taborda Portugal que muitas vezes comentam a doenças do monarca português, D. Pedro II. Igualmente sobre as doenças do monarca francês, muitas linhas lhe são dedicadas nas epístolas do embaixador:

*el Rey Xp.<sup>mo</sup> teue hum tumor em huã nalga: os medicos e surgoês lhe applicaraõ remedios p.<sup>a</sup> o resolver os quaes só fizeraõ q. o tumor mudasse de lugar, e veo a sahir o mesmo inchaço entre as duas vias, aonde lhe puseraõ hũ emplastro com q. rebentou: nao ha perigo seja Ds. louuado, mas auerá molestia e dilação, porq. sobreues a gota nos pés a S. Mg<sup>de</sup>*<sup>89</sup>

Porém, na corte portuguesa, em caso de doença terminal, a preocupação principal era resguardar a família real e a degradação do corpo do rei. A morte e o enterro do rei eram, de novo, matéria pública, bastante ritualizados.

O universo cortesão português era ainda muito marcado por um «puritanismo católico», que fazia com que as pessoas e as ações fossem mais reprimidas. No que toca à moralidade, a vida cortesã em público era exemplar, e a privada era suscetível de pecado e vergonha. Neste sentido, no mundo palaciano, público era o que era legítimo, e o que era investido para a representação; privado era o recato e o segredo, ou algo que não tinha

---

<sup>88</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 15 de Setembro de 1686, 52-IX-15 (BA), n.º 51, fl. 100-100 v.

<sup>89</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 24 de Fevereiro de 1686, 52-IX-15 (BA), n.º 35, fl. 68-68 v.

consequências para o estatuto social. O diplomata criticava, na verdade, a forma como a corte francesa se comportava em relação a certos momentos em que se deveria demonstrar mais reverência, e que Lisboa era muito mais devota, o que demonstra as suas raízes portuguesas. Por exemplo:

*De nouo não temos nada, porq. não he nouo q. na quaresma como no carnaua, haja nesta terra comedias, operâ, passeos nas tuilleries, jogos, e até muitas iguarias de carne nas mezas da mayor parte da nobreza; onde na nossa Lisboa tudo serã agora procissoes pouco menos q. quotidianas, jejum e penitencias, ao menos exemplos q. conuidam a ella.*<sup>90</sup>

De toda esta reflexão, o que se conclui é que a corte portuguesa do Antigo Regime era pouco opulenta e formal, em comparação com as cortes palacianas Europeias. Isto não impediu, contudo, que vários gestos reais não passassem a público e não fossem formalizados.

Com toda esta diversidade de vivências, o enviado especial pôde ter uma maior percepção sobre a Europa e os acontecimentos a que assistiu. Se, por um lado, a sua origem portuguesa influenciou muitos dos seus comentários e pensamentos, por outro, a sua estadia prolongada em França também contaminou a sua forma de pensar.

## **2.5. Relações diplomáticas: poderes e agentes**

No que toca à diplomacia portuguesa, a política externa de D. Pedro II centrou-se muito na neutralidade e na afirmação da nova dinastia. Mas antes de entrar nos caminhos da diplomacia do regente e rei, é importante entender as plataformas e as tradições em que esta assenta e perceber quem eram os homens enviados como representantes do rei, e quais as suas origens e funções.

Na sua maioria, os diplomatas, ou enviados, tinham graus académicos, confirmados pelo Arquivo da Universidade de Coimbra, sendo frequentemente

---

<sup>90</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 7 de Março de 1688, 52-IX-15 (BA), n.º 96, fl. 191-192 v.

apelidados de doutor, apesar de muitos deles se limitarem à aquisição da formação profissional básica (bacharelato e formatura).<sup>91</sup>

Muitos diplomatas tinham distinções das ordens militares, pois estas conferiam pureza de sangue, em relação a eventuais descendências judaicas; outros eram descendentes, por exemplo, dos familiares do Santo Ofício. Contudo, a maior parte eram aristocráticos ou oficiais da administração régia – esta última é o caso de Salvador Taborda Portugal – havendo até uma certa rivalidade entre estes dois universos sociais.

A descendência aristocrática podia ser uma vantagem, mas não era essencial. Na verdade, nas palavras de Pedro Cardim, *Quanto mais importante fosse a autoridade vigente no destino de missão, tanto mais elevado teria de ser o estatuto social do enviado*.<sup>92</sup> o que significa que para sítios considerados «mais importantes», mais elevada teria de ser a condição social do diplomata escolhido.

Assim, a descendência, as ocupações anteriores e os conhecimentos eram importantes para a escolha de um diplomata, pois como afirma Ana Leal de Faria,

*Ao embaixador, como representante da pessoa do Príncipe e por isso com a qualidade de ministro público, exigia-se uma fidelidade a toda a prova, de que devia ter dado mostras em outros cargos anteriores, e um perfeito conhecimento dos assuntos a negociar.*<sup>93</sup>

Será que isto se traduz na figura de Salvador Taborda Portugal? Mais à frente se desvendará.

Apesar da experiência no oficialato régio e dos graus académicos, serem suficientes como definidores de cargos diplomáticos, a condição de nobre era o principal critério de escolha. No fim do século XVII a maioria dos diplomatas eram nobres e magistrados que sustentaram e apoiaram a Restauração. Os cargos diplomáticos eram, por ordem de menor para maior prestígio: agente, enviado especial, residente, secretário

---

<sup>91</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O Tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004.

<sup>92</sup> Pedro Cardim, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, p. 63.

<sup>93</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O Tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004, p. 27.

da embaixada, ministro plenipotenciário, embaixador extraordinário e embaixador ordinário.<sup>94</sup> Salvador Tabora Portugal era enviado especial – estes eram maioritariamente nomeados para missões urgentes, como pedidos de auxílio militar; tinham menos poder de decisão. Só a partir de 1736, com a reforma das Secretarias de Estado, é que se denota um maior sentido de organização e profissionalismo.<sup>95</sup>

Para além da sua condição social, um outro motivo para a nobreza ser maioritária nos cargos diplomáticos é o facto de esta deter mais património. E tal como Salvador várias vezes refere, a vida de um diplomata era onerosa, e os nobres sustentavam a sua vida no estrangeiro, aliviando a coroa de participar todos os custos.<sup>96</sup> Isto acontecia para cargos habitualmente de maior destaque. Para os cargos «menos importantes» poderiam ir pessoas da administração régia de condição não nobre – como era o caso de Salvador Tabora Portugal – e este é provavelmente um dos fatores para as suas queixas de falta de ajuda de custo. Estes eram por vezes cargos que requeriam maior sigilo e de carácter mais técnico. Salvador Tabora Portugal assistia na corte francesa, mas não era nobre, nem tinha património suficiente para sobreviver nesta – a justificação para esta relativização da corte de Luís XIV será abordada mais à frente.

No contexto das boas condutas destes oficiais, existem várias obras e tratados da Época Moderna que idealizam a imagem do perfeito diplomata,<sup>97</sup> ou seja, as características e as virtudes que os diplomatas deviam ter. Uns apontavam que este deveria ser «animoso e liberal», outros que deveria ser perspicaz, flexível, sagaz, etc. Deveriam ser conhecedores de direito, para poderem regulamentar as relações entre as cortes régias, durante a paz e a guerra, bem como de línguas vernáculas. Todavia, é importante ter presente que, segundo Ana Leal de Faria, (...) *O carácter de embaixador dependia da natureza da missão e também da proveniência social de quem a desempenhava.*<sup>98</sup>

---

<sup>94</sup> Pedro Cardim, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, pp. 47-86.

<sup>95</sup> Nuno Monteiro, Pedro Cardim e David Felismino, “A diplomacia portuguesa no antigo regime. Perfil sociológico e trajectórias”, in MONTEIRO, Nuno et al., *Optima Pars – Elites Ibero-Americanas do Antigo Regime*, Lisboa, 2005, pp. 277-335.

<sup>96</sup> Pedro Cardim, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, pp. 47-86.

<sup>97</sup> Como é o caso da obra, traduzida por Duarte Ribeiro de Macedo, *Aristippe ou de la Cour*, publicada em 1658, da autoria de Jean-Louis Guez de Balzac.

<sup>98</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O Tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004, p. 41.

Para além da representação do rei e da mediação de relações entre duas nações, aos diplomatas cabia-lhes fazerem relatos e reflexões com base na sua experiência e observação. A sua forma de comunicação era a carta, e para isso, o diplomata tinha de dominar a escrita, sendo que a sua correspondência tinha uma influência profunda e podia levar a uma mudança de perspetivas relativamente à política externa do seu reino, apesar da distância que o separava deste. Assim:

*(...) a permanência no estrangeiro, em serviço, suscita sugestões que se reflectem na temática literária. Mas também o gosto pela Literatura e pela História se afirma no modo como o diplomata interpreta factos e situações que acompanha de perto e dos quais, por dever de ofício, procura dar notícia o mais possível exacta.*<sup>99</sup>

Sabe-se, através das suas cartas, que Taborda Portugal era amante de poesia, a qual ele próprio escrevia, sendo que um dos documentos encadernados em conjunto com as cartas é um poema de caça da sua autoria. Era, também, conhecedor dos usos e costumes de outros reinos, o que provavelmente significa um estudo de História, de certo modo aprofundado.

É importante não perder de vista que devia ser mantido secretismo no que diz respeito às missões dadas pelo Príncipe, pelo que, além do diário que o diplomata mantinha a relatar os seus afazeres, poderia haver ainda diários secretos, que seriam para leitura privada do rei. No caso de Salvador Taborda Portugal, podemos ver como a escrita tinha tanto impacto no seu trabalho – as suas memórias, com várias cópias espalhadas por arquivos e bibliotecas, encadernações manuscritas com obras variadas, e claro, várias cartas em miscelâneas de documentos e na encadernação em análise.

Como afirma Pedro Cardim, *(...) as relações epistolares foram um importante traço identitário do diplomata.*<sup>100</sup> O espólio documental em análise demonstra uma descrição cuidada dos seus afazeres como enviado especial, apesar destas cartas não se destinarem ao rei. A escrita diplomática servia, não só para comunicar, mas também para

---

<sup>99</sup> Carlos Lemonde de Macedo, *O tempo e a hora. Evocações de diplomata e de escritor*, Lisboa, Flórida Gráfica, 1991, p. 5.

<sup>100</sup> Pedro Cardim, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, p. 84.

comprovar o «bom» trabalho feito – uma forma irrevogável de destacar comportamentos adotados e situações vivenciadas – e também para promover a imagem real do Príncipe que o diplomata representava.

Aquando da Restauração de 1640 e da instauração de uma nova dinastia em Portugal, foi naturalmente necessário dar um novo impulso à diplomacia portuguesa, impulso este acompanhado por uma crescente dimensão de ritual, cuja teatralização, segundo Ana Leal de Faria, transformava o diplomata num (...) *ator, profissional de um mundo de aparências em que uma espécie de código implícito e tácito de comunicação, um não sei o quê, atenuava as diferenças entre a aristocracia e a nobreza de toga que frequentava as Cortes.*<sup>101</sup>

A política externa de D. Pedro II seguiu as linhas desenhadas com a Restauração – a afirmação da independência portuguesa e o reconhecimento da nova dinastia, mas também a preservação dos domínios ultramarinos, pelo que se aproximou mais das potências marítimas, para evitar entrar em conflito com estas e perder os seus territórios. Neste contexto, e como afirma Ana Leal de Faria, *Foi durante a regência e reinado de D. Pedro [II] que se consolidou a rede diplomática com a nomeação de dezassete enviados e residentes, dos quais doze com uma permanência de mais de três anos no posto.*<sup>102</sup>

De facto, até 1668, os territórios da França, das Províncias Unidas, de Inglaterra e da Santa Sé foram as que mais portugueses receberam,<sup>103</sup> fosse para ter proteção contra a Monarquia Hispânica, para a resolução de conflitos no Ultramar, para obter o reconhecimento oficial da dinastia brigantina, ou para resolver os problemas das nomeações nas dioceses portuguesas. Com o fim da Guerra da Restauração – que coincide com o início da regência de D. Pedro – há uma estabilização das relações diplomáticas com Espanha, e as relações diversificam-se, assistindo-se a uma diminuição de enviados para França, e um aumento para Madrid, seguido de Londres e Santa Sé, o que pode

---

<sup>101</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O Tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004, p. 29.

<sup>102</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O Tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004, p. 43.

<sup>103</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *O Tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004.

explicar a nomeação de Salvador Tabora Portugal para o cargo de enviado especial à corte de Luís XIV.<sup>104</sup>

A referida neutralidade portuguesa permitia a presença de representantes portugueses em quase todas as capitais europeias. D. Pedro II, inclusive, procura apoios financeiros para os seus enviados. Um dos principais méritos da diplomacia portuguesa é, assim, a paz duradoura que alcançou. Contudo, estas políticas de neutralidade fazem de Portugal um país longe de obter os ganhos que uma intervenção ativa permitiria. Poucos embaixadores portugueses tinham carácter «ordinário», pois embora o cerimonial e as precedências se mantivessem, as mesadas e ajudas de custo eram mais reduzidas.

Mas como se processaram as relações diplomáticas entre Portugal e França durante este reinado? Algumas pistas já foram lançadas, mas importa detalhar um pouco mais esta questão.

Logo após a 1640, França e Inglaterra disputam a preferência portuguesa. Aliás, ainda durante o reinado de Luís XIII de França, o próprio golpe da Restauração contou com o apoio deste, dado ser favorável às suas pretensões de hegemonia europeia, em detrimento da Monarquia Hispânica. O casamento do futuro D. Afonso VI com Maria Francisca de Saboia apresenta-se como a consolidação da aliança luso-francesa.<sup>105</sup>

Após isto, França iria apoiar também a tomada de poder por parte de D. Pedro II, tal como já mencionado, durante a qual o confessor da rainha – Francisco de Villes – e o seu secretário – Luís Verjus – eram considerados agentes de Luís XIV presentes no reino, que tinham o (...) *propósito de assegurar o predomínio hegemónico da França na Europa, pela força das armas, pelas alianças políticas e matrimoniais ou ainda pelo apoio decisivo a facções palacianas pró-francesas (...)*<sup>106</sup> ainda que a mediação do embaixador francês Saint-Romain não seja descurada.

De facto, após a tomada de poder por parte de D. Pedro II ser concretizada, este consolida ainda mais o apoio francês ao casar com a rainha Maria Francisca, sua cunhada.

Todavia, as tendências francófonas da diplomacia portuguesa tinham os dias contados. O ano de 1668 trazia também a assinatura da paz entre Portugal e a Monarquia

---

<sup>104</sup> *Nova História de Portugal. Volume VII – Portugal, da paz da Restauração ao ouro do Brasil*, coord. Avelino Freitas de Meneses, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

<sup>105</sup> Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga, *Dois rainhas em tempos de novos equilíbrios europeus. Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg*, Maia, Círculo de Leitores, 2011.

<sup>106</sup> Maria Paula Marçal Lourenço, *D. Pedro II. O Pacífico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, p. 108.

Católica, o que representou uma derrota diplomática para a França. Para contrabalançar a hegemonia francesa, e também um pouco com medo das pretensões expansionistas de Luís XIV, Portugal invoca a sua velha aliança com a nação inglesa,<sup>107</sup> sendo a paz mediada por esta última.

Quando morre a esposa de Pedro II a sua segunda mulher já não veio da corte francesa, mas sim da Casa de Neuburg do Palatinado, casando o regente com Maria Sofia Isabel.<sup>108</sup>

Verifica-se, assim, uma mudança do rumo diplomático para uma aproximação espanhola, sendo que este casamento encaixava nessa mesma linha. Invocando, de novo, Maria Paula Marçal Lourenço, (...) *o segundo casamento de D. Pedro II representou um claro afastamento da órbita da influência francesa, recusando-se o monarca a renovar o contracto matrimonial com esse país.*<sup>109</sup> Este casamento no Palatinado permitia o estreitamento das alianças entre os dois reinos e também a consolidação de uma estratégia com vista a impedir a tutela diplomática, bem como a anexação territorial, por parte de Luís XIV.

A partir deste momento, a maioria das ligações diplomáticas com França estiveram na base da justificação da assinatura da paz com Espanha – para a qual foi mandado Duarte Ribeiro de Macedo,<sup>110</sup> antecessor do enviado em causa, Salvador Taborda Portugal, ou seja, o reino de Portugal enviou estes homens na qualidade de enviados especiais, e não de embaixadores. Neste contexto, destaca-se um claro distanciamento diplomático, que não se volta a estreitar no reinado seguinte, mesmo com a imitação dos modelos franceses por parte de D. João V. Este afastamento da política francesa é muito sentido por Salvador, não só pelo seu estatuto de enviado especial, e não de embaixador residente, mas também pelo facto de esta nomeação se traduzir em menos privilégios. Não havia uma tabela que estabelecia a renumeração dos dignatários da coroa, sendo que os valores eram definidos caso a caso, o que tornava tudo um pouco discrepante

---

<sup>107</sup> Tratado de Windsor, assinado em 1386 para pedir o auxílio inglês no combate aos Castelhanos na Batalha de Aljubarrota, ainda hoje em vigor, consagrando-se como a aliança diplomática mais antiga do mundo.

<sup>108</sup> Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga, *Duas rainhas em tempos de novos equilíbrios europeus. Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg*, Maia, Círculo de Leitores, 2011.

<sup>109</sup> Maria Paula Marçal Lourenço, *D. Pedro II. O Pacífico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, p. 179.

<sup>110</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *Duarte Ribeiro de Macedo: Um diplomata moderno (1618-1680)*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2005.

e arbitrário.<sup>111</sup> Tabora Portugal, num dos documentos encadernados com as epístolas em questão – um pedido de aumento de mesada para o rei D. Pedro II – afirma que:

*os Inuiados de V. Mg.<sup>de</sup>, em Roma, em Londres, e em Madrid, são assistidos cada mez com dobrada e tresdobada porção do q se dá ao Supp.<sup>te</sup>*<sup>112</sup>

Em suma, a neutralidade e a diversidade de incidências diplomáticas são as linhas de orientação da política externa de D. Pedro II, evitando o isolamento, e preocupando-se com a afirmação de Portugal como reino legítimo e com casa reinante de direito, possuidor de terras no ultramar indivisíveis da Coroa, neutralidade esta que lhe permitia ter um enviado a assistir na corte francesa, a baixo custo, e sem um cargo comprometedor de posição política.

Deste capítulo destaca-se a dualidade de realidades em que Salvador se inseria – por um lado, um monarca francês que se afirmava como detentor de um poder absoluto, que se esforçava por controlar a Europa e estender as fronteiras do seu país, e que submetia a nobreza à sua autoridade; por outro, D. Pedro II de Portugal, que desejava a afirmação da sua dinastia como legítima, mas que por ele próprio não ser o herdeiro legítimo do trono, estava dependente da sua nobreza, que tinha lutado pela sua subida ao poder.

No que toca a estratégias diplomáticas, se a francesa se destaca por uma agressividade e assertividade nas suas relações, de acordo com a sua política expansionista, a portuguesa opta pela neutralidade de relações, de modo a preservar os territórios dos quais já era detentora.

Em suma, Tabora Portugal, proveniente de uma corte ainda um pouco “rural”, onde a imagem do rei era resguardada, e o protocolo não tão rígido, depara-se com a corte francesa – opulenta, formal e onde a imagem do rei era difundida e publicitada. No fundo, Salvador assiste, em parte, àquilo que a própria corte portuguesa iria adotar – o modelo francês – ainda que sempre com as suas especificidades culturais e de costumes,

---

<sup>111</sup> Pedro Cardim, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, pp. 47-86.

<sup>112</sup> Petição de Salvador Tabora Portugal a D. Pedro, circa 1684, 52-IX-15 (BA), nº 2, fl. 6-6 v.

nomeadamente a religiosidade da vida de corte, a proteção da figura do rei, e talvez o espetáculo preferido de D. João V, os autos de fé.

### 3. A trajetória e a produção escrita de Salvador Taborda Portugal

*Estava agora tentado a fazer toda esta carta em francez, por entender q. fazia lisonja a V. M., pois não só sabe a lingua mas a escreue; mas emfim pela da patria corre melhor a pena.*<sup>113</sup>

#### 3.1. Notas biográficas de Salvador Taborda Portugal

Salvador Taborda Portugal nasceu em Penamacor,<sup>114</sup> uma vila em Castelo Branco. O ano em que nasceu é incerto – as quatro edições da obra *O Concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda*, da autoria de José Manuel Landeiro, apontam para três datas diferentes: a primeira refere 1737 (obviamente um erro tipográfico, pois Salvador não chegou a viver no século XVIII), a segunda e a terceira apontam para 1637, e a quarta edição afirma que o nascimento do diplomata terá tido lugar em 1627.<sup>115</sup>

É difícil saber ao certo a data de nascimento de Taborda Portugal, pois nem o seu processo da Inquisição a menciona. No entanto, nas perguntas que o Tribunal do Santo ofício colocou respeitantes à sua genealogia, em audiência de 16 de Fevereiro de 1657, o réu disse ser:

*solteiro de idade de vinte e cinco annos cavaleiro professo da ordem de Christo, natural da villa de Penamacor e residente nesta cidade [Coimbra], e universidade della onde esta substituindo hua cadeira de instituta*<sup>116</sup>

Esta informação faria do seu ano de nascimento 1631-32 – dependendo se o seu aniversário fosse antes ou depois do mês de Fevereiro. Sabe-se que os seus pais – Dr. Domingos Antunes Portugal e D. Isabel Taborda – se casaram em 1626, de acordo com José Manuel Landeiro, e que Salvador foi o primeiro dos 9 filhos do casal a nascer,<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 28 de Julho de 1686, 52-IX-15 (BA), nº 46, fl. 86-87.

<sup>114</sup> BNP – *Memorial de Ministros*, cód. 1079, f. 433.

<sup>115</sup> José Manuel Landeiro, *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*, Fundão, Tipografia do Jornal do Fundão, 1982.

<sup>116</sup> ANTT – *Processo de Salvador Taborda*, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Coimbra, proc. 8159, fl. 34.

<sup>117</sup> José Manuel Landeiro, *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*, Fundão, Tipografia do Jornal do Fundão, 1982.

pelo que se pode considerar que o seu nascimento terá sido entre 1627-1632.

O seu pai, Dr. Domingos Antunes Portugal consta também na obra de José Manuel Landeiro, no capítulo intitulado de «Homens Ilustres de Penamacor», pelo que se pode presumir que também é natural deste local. Era filho de Marcos Mendes Portugal, proprietário do ofício de Escrivão dos órfãos de Penamacor. Domingos Antunes Portugal foi juiz de fora e superintendente e escrivão das obras do Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra. Tal como mencionado, casou com D. Isabel Taborda, filha de Salvador Taborda Negroiro.<sup>118</sup>

Contudo, Salvador não foi o único filho do casal a ter proeminência no reino de Portugal. Sabe-se da existência de pelo menos dois irmãos – João Antunes Portugal, capitão e governador de Timor-Leste e Mombaça,<sup>119</sup> e Frei Baptista Taborda Portugal, membro do clero regular. Ambos são mencionados no corpo documental em análise.<sup>120</sup>

O percurso académico de Salvador decorreu em Coimbra – matriculou-se no dia 10 de outubro de 1648 para estudar Leis, onde se licenciou em exame privado a 13 de julho de 1655, doutorando-se mais tarde, a 13 de janeiro de 1669.<sup>121</sup> Foi durante os seus tempos de estudante que teve de responder perante a Inquisição de Coimbra, em 1657, acusado de não ter deixado entrar o ministério do Santo Ofício. A sua sentença foi de um ano de degredo numa das fronteiras do reino, mas não cumpriu a pena, provavelmente porque as autoridades apuraram que não tinha ligações judaicas.<sup>122</sup>

A verdade é que depois de alguma análise às cartas de Salvador, a ideia que se forma deste é que seria um católico bastante devoto, o que não vai ao encontro de uma acusação por parte do Santo Ofício. Mas, no caso de esta não ser uma falsa acusação – que poderia ser o caso – é importante não perder de vista que Taborda Portugal estava nos seus anos estudantis, o que pode explicar alguns comportamentos menos responsáveis.

A sua formação académica, bastante apurada, levou-o a obter vários cargos na administração régia, ainda antes de partir para Paris. Em 1668 foi nomeado

---

<sup>118</sup> José Manuel Landeiro, *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*, Fundão, Tipografia do Jornal do Fundão, 1982.

<sup>119</sup> Cf. Hans Hagerdal, *Lords of the land, lords of the sea: conflict and adaptadion in early colonial Timor, 1600-1800*, Leiden, KITLV Press, 2012; Glenn J. Ames, *Renascent empire?: The house of Braganza and the quest for stability in Portuguese monsoon Asia, c. 1640-1683*, Amesterdão, Amesterdam University Press, 2000.

<sup>120</sup> Cartas de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 52-IX-15 (BA), nº 10, 20, 21, 22, 29, 33 e 49.

<sup>121</sup> AUC – *Salvador Taborda Portugal*, PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/P/007860.

<sup>122</sup> ANTT – *Processo de Salvador Taborda*, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Coimbra, proc. 8159.

Desembargador da Relação do Porto<sup>123</sup> e em 1673, Desembargador da Casa da Suplicação.<sup>124</sup>

Estas duas relações foram criadas por Filipe II – a primeira, conhecida com Casa do Cível ou Relação da Casa do Porto, exercia a sua jurisdição nas comarcas do Norte do país, e a segunda, a Casa da Suplicação, no Sul e nas ilhas do Ultramar – e os seus desembargadores detinham a função de ajudar o regedor ou governador a decidir qual o desfecho de uma sentença no caso de dúvida em relação à interpretação de uma ordenação ou de uma lei extravagante.<sup>125</sup> O facto de ter ocupado estes dois cargos conferiu a Salvador Tabora Portugal bastante responsabilidade e prestígio.

Em 1676 foi nomeado Juiz da Coroa da Casa da Suplicação,<sup>126</sup> pertencente ao Juízo dos Feitos da Coroa e da Fazenda, um cargo que implicava conhecer os «feitos» da coroa, sendo que antes de qualquer decisão dos desembargadores ser levada a cabo, este órgão era consultado, podendo até mesmo requerer informações ao Desembargo do Paço, Conselho da Fazenda ou outros ministros territoriais, para que a decisão final da Casa da Suplicação fosse o mais correta possível.

Em 1682 é nomeado Conselheiro do Conselho da Fazenda<sup>127</sup> – apesar de já se encontrar em Paris –, cargo que tinha como incumbência, segundo José Subtil, (...) *contribuir com os seus pareceres para o desembargo das petições, bem como reunir com os escrivães das repartições para o despacho ordinário do Conselho e efetuar audiências às partes*.<sup>128</sup> Como dito anteriormente, pela data desta nomeação, Salvador já se encontrava em Paris, pelo que esta nomeação pode ter sido uma forma de garantir mais algum sustento ao diplomata, por parte do rei.

Terá sido também procurador e conselheiro no Conselho da Princesa D. Isabel Josefa, a *Sempre Noiva*, e aquando da anulação do Tratado Matrimonial – que declarava que D. Isabel iria casar com o duque de Saboia, Vítor Amadeu II – devido a alegações de infertilidade por parte do duque e medo da anexação do Piemonte por parte de Luís XIV, segundo Ana Cristina Duarte Pereira, (...) *a opinião pública portuguesa sobre o consórcio*

---

<sup>123</sup> ANTT – *Registo Geral de Mercês*, MMCR, III, 197

<sup>124</sup> ANTT – *Afonso VI*, 30, 143 e 42, 340

<sup>125</sup> José Subtil, “Os poderes do centro”, in *História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)*, dir. José Mattoso, coord. António Hespanha, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. 4, pp. 157-271.

<sup>126</sup> BNP – *Memorial de Ministros*, cód. 1079, f. 433.

<sup>127</sup> ANTT – *Registo Geral de Mercês*, Mercês de D. Pedro II, liv. 2, f.110

<sup>128</sup> José Subtil, “Os poderes do centro”, in *História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)*, dir. José Mattoso, coord. António Hespanha, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. 4, p. 172.

*falhado, pode ser resumida na de Salvador Taborda, que considerava que a guerra com Castela seria o mais certo dote do duque,*<sup>129</sup> demonstrando a sua opinião sobre esta estratégia matrimonial.

Em Março de 1677, Salvador Taborda Portugal é nomeado sucessor de Duarte Ribeiro de Macedo, como enviado extraordinário à corte francesa. Parte para França a 26 de agosto desse ano, segundo Manuel Francisco de Barros e Sousa, data que vai ao encontro das informações fornecidas pelas suas missivas, pois numa carta de 26 de Agosto de 1685 afirma que:

*Hoje faz justam.<sup>te</sup> oito años q. sahi de Lisboa: e parece q. bastaua taõ dilatado desterro*<sup>130</sup>

Taborda Portugal casou em Galizes, em Coimbra, com D. Mariana Brandão Figueiredo, filha de Francisco Gouveia de Figueiredo e de D. Antónia Brandão Tavares. A sua mulher era também sobrinha do Inquisidor Geral João Alves Brandão. Teve apenas uma filha – D. Antónia Caetano Taborda Portugal – nascida em Lisboa em 1675, a qual casou com João Lemos de Brito, e lhe deu 3 netos.<sup>131</sup>

A sua mulher, Mariana, morre em 1677,<sup>132</sup> poucos dias depois de chegarem a Paris, infortúnio que fez com que o enviado recebesse uma visita de pêsames por parte de representantes de Luís XIV. O diplomata só teve a sua primeira audiência com o rei francês, contudo, a 17 de dezembro de 1677.

Era detentor de vários privilégios, nomeadamente, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Procurador da Cora. Tinha um padrão de 80\$000 reis de tença,<sup>133</sup> um alvará de uma vida nos 120\$000 reis de tença<sup>134</sup> e um alvará do foro de Fidalgo-Cavaleiro com 2\$000 reis de moradia por mês e 1 alqueire de cevada por dia.<sup>135</sup> Segundo o próprio, e tal como

---

<sup>129</sup> Ana Cristina Duarte Pereira, *Princesas e Infantas de Portugal (1640-1736)*, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 87.

<sup>130</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 26 de Agosto de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 24, fl. 44-44v.

<sup>131</sup> José Manuel Landeiro, *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*, Fundão, Tipografia do Jornal do Fundão, 1982.

<sup>132</sup> BA – *Memórias de Salvador Taborda Portugal*, livro 1, 49-X-15

<sup>133</sup> ANTT – *Afonso VI*, 38, 164v

<sup>134</sup> ANTT – *Afonso VI*, 39, 46v

<sup>135</sup> ANTT – *Regimento Geral das Mercês*, MMCR, III, 197

mencionado anteriormente, estes rendimentos não eram suficientes para sustentar uma vida em Paris, e discrepantes com os valores auferidos por outros dignatários da coroa portuguesa. Salvador Taborda Portugal faz mesmo uma petição a requerer um aumento de mesada ao rei D. Pedro II, alegando o aumento do preço dos alimentos em Paris:

*Sendo sempre grande a carestia dos mantimentos em Paris, pela roim colheita do año passado, e pouco esperança de q seja melhor neste, encareceo notauelm.<sup>1e</sup> o paõ*<sup>136</sup>

Não se sabe se alguma vez o rei português respondeu a este apelo, mas a verdade é que os pedidos de ajuda de custo se mantêm ao longo das cartas.

Em Dezembro de 1690, segundo Manuel Francisco de Barros e Sousa, Salvador morreu, em Paris, sem nunca ter regressado à sua pátria e sem partir para Roma, o destino que lhe reservara D. Pedro II. A gazeta francesa *Mercure historique et politique*, dá notícia da morte de Salvador Taborda Portugal, informando que este tinha falecido a 8 de novembro do ano indicado, aos 58 anos de idade (apontando o ano de nascimento do diplomata para 1632), fazendo referência que a sua morte ocorreu poucos dias depois da morte da Infanta D. Isabel Josefa, atrás referida, que morreu a 21 de outubro de 1690.<sup>137</sup> A causa de morte do enviado português não é mencionada, mas durante as suas missivas nota-se várias referências a doenças, especialmente quanto mais se aproximava o ano de 1690, sendo muitas vezes essa a justificação para a frequência mais espaçada das cartas que enviava.

### **3.2.O círculo privado de Salvador Taborda Portugal**

O percurso de vida de Salvador Taborda Portugal aqui exposto, ajuda, de facto, a construir a personagem do diplomata. Porém, é igualmente relevante tentar entender quem rodeava este homem, que importância tinham essas pessoas e, sobretudo, que influência exerciam na sua vida pessoal e política.

---

<sup>136</sup> Petição de Salvador Taborda Portugal a D. Pedro, circa 1684, 52-IX-15 (BA), nº 2, fl. 6-6 v.

<sup>137</sup> *Mercure historique et politique*, an. 1690, T. 9, p. 647.

O círculo de contactos em que se enquadrava, segundo o que se consegue aferir nas suas cartas – quer pelos correspondentes que menciona, quer pelos nomes que refere – era vasto e incluía homens das letras e das academias. Muitos destes eram embaixadores ou enviados extraordinários e residentes de Portugal noutros locais – é o caso de Domingos Barreiros Leitão e Manuel de Sousa Pereira, residentes em Roma; de Mendo de Fóios Pereira, enviado de Portugal em Castela; de António de Freitas Branco, enviado por D. Pedro II a diversas cortes europeias para recolha de informações sobre as princesas potenciais esposas e que mais tarde teria sido o sucessor de Salvador caso este tivesse ocupado o lugar em Roma; de Jerónimo Nunes da Costa, agente e comerciante português na Holanda; José de Faria, enviado português às cortes inglesa e espanhola; Simão de Sousa, sucessor de José de Faria em Inglaterra, entre outros.<sup>138</sup>

Todos estes enviados portugueses em cortes europeias com quem se relacionava eram elementos fulcrais das cartas aqui estudadas, pois ajudavam a mantê-lo bastante bem informado sobre todos os acontecimentos que ocorriam pelo continente – algo que é assunto constante – e também ele podia dar a perspetiva francesa dos episódios passados aos seus contemporâneos, como por exemplo quando o diplomata teve conhecimento de uma notícia falsa sobre Luís XIV dada por Castela:

*Isso q. lá publicáraõ os Castelhanos de q. el Rey xp.<sup>mo</sup> estaua casado com hũa Damoiselle de Canadâ, he atreuimento grande, e malicia refinada: quizeraõ mormurar por esse modo a estimaçaõ q. S. Mg.<sup>de</sup> faz de Madama de Mentenon q. he hũa mulher velha nacida no Canadâ: de grande entendim.<sup>to</sup>, ao qual somente deue á mercê q. el Rey lhe faz*<sup>139</sup>

Uma pessoa a quem faz referência na maioria das suas cartas, enviando os seus cumprimentos, é o conde da Castanheira, Simão Correia da Silva, e sua mulher.

*A o Senhor Conde de Castanheira me faça V. M. mercê das minhas lembranças, e*

---

<sup>138</sup> Salvador Taborda Portugal, *Cartas do Inviado Salvador Taborda p[ara] D. João de Atayde*, Paris, 1684-1690, 52-IX-15.

<sup>139</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 2 de Setembro de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 25, fl. 45-45v.

*pidir q. me conserue em sua memoria.*<sup>140</sup>

O conde da Castanheira era também do Conselho de Estado e Vedor da Fazenda, e tio do correspondente D. João de Ataíde e Castro. Nota-se uma grande reverência para com este cavalheiro, depreendendo-se que o teria em grande estima. Provavelmente teria confraternizado com ele durante o exercício de um dos seus cargos administrativos. Na verdade, pelo menos 24 cartas do conjunto analisado mencionam este homem, seja a mandar cumprimentos ou a informar que já tinha escrito cartas para ele também naquele dia ou semana.

Na sua correspondência, Salvador menciona também a reabertura das sessões de poesia em casa de D. António Álvares da Cunha, Trinchante da Casa Real e guarda-mor da Torre do Tombo. Estas sessões referem-se à academia literária que D. António fundou em sua casa e de que era secretário: a Academia dos Generosos. Sobre esta diz o enviado:

*Estimo saber q. tornaõ ao Musas a frequentar o muzeo de D. António Alurez da Cunha, porq. dá credito á Corte hũa assemblea taõ dotada*<sup>141</sup>

Esta academia teve três fases, e esta menção refere-se à segunda, entre os anos de 1685 e 1686, mas o diplomata dá a entender que teve contacto com esta anteriormente, provavelmente durante a sua primeira fase de funcionamento, entre 1647 e 1668. Esta academia tinha principal enfoque na poesia, e teve um papel relevante na (...) *consolidação das redes intelectuais da sociedade pedrista (...)*,<sup>142</sup> ou seja, dos apoiantes de D. Pedro contra o irmão Afonso VI.

Taborda Portugal faz referência ainda a alguns mercadores que lhe fornecem os produtos pedidos pelos seus correspondentes – livros, perucas, tecidos, entre outros – e também troca de letras por dinheiro, para pagamento das suas despesas. Os seus correspondentes também lhe mandam alguns livros impressos em Portugal, e queijos. Cerca de 39 das cartas analisadas mencionam algum tipo de troca de mercadoria. Houve

---

<sup>140</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 25 de Março de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 13, fl. 22-23.

<sup>141</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 10 de Fevereiro de 1686, 52-IX-15 (BA), nº 34, fl. 62.

<sup>142</sup> Maria Paula Marçal Lourenço, *D. Pedro II. O Pacífico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007, p. 277.

também o envio de pessoas para o reino por recomendação de Salvador, como é o caso de um homem que manda ao serviço do conde de Castanheira:

*Dentro de poucos dias partirá p.<sup>a</sup> Portugal hum homem que tenho achado com todas as boas partes requisitas, p.<sup>a</sup> siruir a o S.<sup>or</sup> Conde da Castanheira na ocupação para que faltou o sobrinho de Lauatea* <sup>143</sup>

Para além disto, e apesar da distância, a troca de favores entre Salvador Taborda Portugal e D. João de Ataíde e Castro também se processa. Salvador pede a interceção do seu correspondente no que toca à petição de pedido de aumento dos seus rendimentos a D. Pedro II, dizendo várias vezes palavras como:

*Com a morte del Rey de Inglaterra de q. já dei noticia no passado, me acreceo agora hum cruel gasto (...) V. M. como estou assegurado, me fará m.<sup>ce</sup> de aplicar o despacho da petição de q. lhe mandei copia, acrescentando quando falar nella esta despeza q. agora me sobreveyo.*<sup>144</sup>

O próprio D. João de Ataíde e Castro também lhe pede ajuda para conseguir ficar com o benefício vago na catedral de Lisboa, e como consequência, Salvador pede uma carta de recomendação para enviar para Roma, em favor do seu correspondente:

*E logo em terça feira passada fui a Versalhe: e da parte de V. M.; e também da minha pidi a Monsieur de Croissi me desse hũa carta sua p.<sup>a</sup> o Duque ou p.<sup>a</sup> o Cardeal d'Etré: em q. lhe rogue q. o ajudem a pretenção de V. M. sobre hum beneficio vago na Cathedral de Lisboa, de q. os informará o procurador q. V. M. tem em Roma*<sup>145</sup>

---

<sup>143</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 3 de Dezembro de 1684, 52-IX-15 (BA), nº 4, fl. 5-5 v.

<sup>144</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 11 de Março de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 10, fl. 14-15 v.

<sup>145</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 11 de Fevereiro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 12, fl. 20-21 v.

Recebe ainda a visita, em Paris, de alguns dignitários de Portugal, como é o caso de Rafael Lamego ou do conde de Sarzedas, D. Luís da Silveira, e D. Manuel Coutinho, aos quais acompanha nas suas demandas em França, provavelmente como terá feito também a D. João de Ataíde e Castro – seu correspondente nas epístolas consideradas – aquando da ida deste a França pela morte da rainha Maria Teresa.

Uma pessoa pela qual também demonstra muito apreço é o marechal Frederico Armando de Schomberg, um militar alemão que em 1660 tinha vindo para Portugal para reorganizar o Exército Português durante a Guerra da Restauração, a pedido de Luís XIV, sendo que em 1668, Afonso VI o nomeia conde de Mértola. Apesar de Schomberg ser de confissão protestante, e de Salvador ser declaradamente católico, o diplomata não deixa de exprimir a sua reverência pelo marechal. Na verdade, quando Luís XIV persegue os protestantes e os expulsa das terras francesas, Salvador apoia a decisão do rei francês, à exceção da expulsão de Schomberg das fileiras francesas, pois considerava-o uma mais valia para o exército do rei cristianíssimo. E, mais tarde, quando Schomberg se alia ao exército de Guilherme de Orange, Salvador volta a realçar a importância e a sabedoria deste militar, afirmando que não devia ter sido exilado, apesar da sua fé.<sup>146</sup>

Esta ambiguidade entre um Salvador Taborda Portugal católico, defensor do catolicismo em tensão com os protestantes, e a amizade e condescendência para com o marechal Frederico Armando de Schomberg, demonstra uma certa flexibilidade e capacidade de reconhecimento de potencial no seio dos protestantes.

Sabe-se, também, que Salvador trocou correspondência com o seu antecessor, Duarte Ribeiro de Macedo, estando esta identificada por Ana Leal de Faria,<sup>147</sup> bem como correspondência oficial com a Secretaria de Estado, a qual menciona nas suas cartas, dizendo por vezes que não precisa de explicar com mais pormenor certos acontecimentos porque já mandou essa infinito em carta oficial. Algumas destas cartas soltas que envia a «ministros», os quais ele não menciona quem são, estão na Biblioteca Nacional de Paris, em coletâneas de documentação portuguesa.<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> Cartas de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 52-IX-15 (BA), nº 35, 46, 47, 122, 124, 125, 129, 131, 132 e 137.

<sup>147</sup> Ana Maria Homem Leal de Faria, *Os cadernos de Duarte Ribeiro de Macedo: correspondência diplomática de Paris 1668-1676*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2007.

<sup>148</sup> BNF – Département des manuscrits, Portugais 32, MF 9280, fl. 128-128v., 142-142 v., 159-160, 180-180 v., 272 ; Portugais 24, fl. 170-170 v.; Portugais 30, MF 21064, fl. 459-469.

Em suma, Salvador Taborda Portugal demonstrou-se detentor de um círculo de relações interpessoais vasto, o qual lhe conferia credibilidade e lhe transmitia notícias e informações do que se passava no resto da Europa, incluindo Portugal, construindo uma larga rede de correspondentes.

### **3.3.Obras e escritos de Salvador Taborda Portugal**

Não obstante a importância da sua trajetória de vida e do seu círculo íntimo, é necessário ainda salientar a produção escrita associada a Salvador Taborda Portugal. Como foi referido, a escrita era uma das maiores armas de um diplomata. Era a sua ferramenta e o seu sustento. Apesar desta tese se debruçar sobre a correspondência enviada por Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, é imprescindível fazer referência aos outros documentos da autoria do diplomata.

Assim, para começar, é fundamental incluir, nesta tese, uma referência às já mencionadas memórias de embaixador que o diplomata nos deixou. Estas memórias, como que diários, eram relatos dos acontecimentos que se sucederam ao longo dos anos que Taborda Portugal esteve a assistir na corte de Paris, desde audiências de Luís XIV, visitas de outras embaixadas, revogações de Tratados, guerras, e toda uma outra panóplia de acontecimentos. E na verdade, estes diários são não só uma descrição de peripécias, como igualmente uma variedade de comentários que o autor tece sobre elas e, obviamente, uma janela para a sua opinião pessoal, que está inscrita não só nos comentários, como na própria forma como narra os episódios. Sobre estes, diz o diplomata:

*Escreui estes livros não para sahirem a publico mas para estarem na Secretaria de V. Mag.<sup>de</sup> <sup>149</sup>*

Esta passagem dá a entender que, na realidade, estas memórias que Taborda Portugal escreveu eram para relatar ao rei tudo aquilo a que assistia, mas apenas para os seus olhos. Mais uma vez, a política portuguesa entra em contraste com a francesa, com

---

<sup>149</sup> BA – *Memórias de Salvador Taborda Portugal*, livro 1, fl. 1 v. 49-X-15.

este tipo de documentos a serem parte do foro privado da política real. Contudo, esta cópia não era única. Há que referir a quantidade de cópias existentes, todas manuscritas.

Só no acervo documental da Biblioteca da Ajuda – onde se encontra a correspondência em análise – encontram-se duas cópias, uma dividida em dois volumes<sup>150</sup>, e a outra dividida em três<sup>151</sup>, que apresentam algumas características de apresentação diferentes, mas com um conteúdo que aparenta ser o mesmo – algo que carece de avaliação mais profunda. A versão em três volumes apresenta uma encadernação mais fraca e deteriorada, com uma tinta clara e uma caligrafia semelhante à do secretário de Salvador Taborda, Pedro Lafonte. A versão em dois volumes tem uma apresentação muito mais cuidada e apelativa, dando mesmo a ideia de que seria para oferta a algum dignitário.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo o caso já é diferente, pois nos seus fundos existem cinco versões, todas encadernadas em dois volumes. Destas cinco, sabe-se que duas são cópias do século XVIII, uma da autoria do Padre Manuel Tomás Machado, bernardo na igreja da Madalena, a outra datada de 1785, mas sem autor encontrado. Um dos volumes indica no título ser uma cópia de 1696, e o outro de 1795. As outras versões tanto poderão ser de época, como cópias posteriores, mas o seu conteúdo aparenta ser o mesmo, tal como os exemplares da Biblioteca da Ajuda. Uma das cópias está disponível para consulta *on-line* no *website* do ANTT.<sup>152</sup>

Já na Biblioteca Nacional de Portugal, os exemplares multiplicam-se. Catalogadas existem, pelo menos seis versões, apesar de nem todas elas estarem completas. A versão com a cota COD. 12895<sup>153</sup> é aparentemente semelhante a uma das versões do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em termos de caligrafia e tinta; não há indicações de ser uma cópia posterior ou de época e contém apenas um volume, com os anos entre 1677-

---

<sup>150</sup> BA – *Memórias dos Sucessos q/ acontecerão em França, e na mayor parte da Europa no tempo em que assistia naquella Côte o Dezembargador Salvador Taborda Portugal com a Occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente, depois Rey de Portugal, D. Pedro II a ElRey Christianissimo Luis XIV. Author o mesmo Dezembargador Salvador Taborda. Portugal.* – 49-X-18 e 19.

<sup>151</sup> BA - *Memórias dos sucessos que acontecerão em França, e na mayor parte da Europa, no tempo que Salvador Taborda Portugal assistio naquella Corte com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente, depois Rey D. Pedro 2º N. Sr. a El-Rey Christianissimo Luiz 14º.* – 49-X-15 a 17.

<sup>152</sup> Cf. Cotas ANTT – *Manuscritos da Livraria*, n.º 451, 452, 460, 461, 693, 1042, 1043, 1044 e 1045.

<sup>153</sup> BNP - *Memorias dos successos que acontecerão em França e na mayor parte da Europa no tempo que assisty naquella Corte com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente depois Rey Dom Pedro 2º Nosso Sor. a el-Rey Christianissimo Luis XIII / o author Salvador Taborda Portugal [Manuscrito]*, COD. 12895.

1683. Os códices 8557 e 8558<sup>154</sup> apresentam uma caligrafia mais cuidada e trabalhada, com margens mais perfeitas e uma melhor encadernação; esta versão já contém os anos todos (1677-1689), em dois volumes, sendo muito semelhante à da Biblioteca da Ajuda em termos de apresentação (também dividida em dois volumes). Existem ainda dois códices, ambos apenas com a primeira parte dos diários – um mais pequeno (COD. 239)<sup>155</sup>, que cobre apenas os anos de 1677 até 1680 e um exemplar um pouco maior (COD. 8815)<sup>156</sup>, que vai do ano de 1677 até 1681 – que apresentam uma caligrafia diferente das restantes analisadas, ainda que no segundo mencionado essa diferença de letra seja apenas até à página número 7, e depois parece ser igual à do modelo digitalizado pelo ANTT. Os restantes dois volumes da BNP são ambos cópias do século XVIII. Para uma delas, dividida em quatro volumes, a consulta está interdita, pois encontram-se em muito mau estado de conservação<sup>157</sup>. Para o outro (COD. 10861)<sup>158</sup>, este é indicado como uma cópia de 1766 – em que o autor não identificado revela que copiou do melhor exemplar que encontrou pois não sabia, de entre os vários existentes, qual era o original, visto que nenhum houvera sido confirmado por Salvador Taborda Portugal – e tem apenas também um volume, abrangendo os anos de 1677 até 1683.

Ana Leal de Faria menciona, ainda, nas suas obras sobre Duarte Ribeiro de Macedo, a existência de uma cópia destas Memórias na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa<sup>159</sup>.

Apesar da falta de uma análise detalhada e pormenorizada de cada um destes exemplares – pois não é esse o propósito deste estudo – alguns aspetos são visíveis logo à primeira vista. Todas as versões consultadas estão muito bem organizadas e estruturadas, o que transmite a ideia de que esta foi uma obra pensada e cuidada – cada

---

<sup>154</sup> BNP - *Memorias Dos Successos que acontecerão em França, e na mayor parte da Europa no tempo que assisty naquella Corte, com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente, depois Rey D[om] Pedro 2o Nosso S[e]n[h]or A El Rey christianissimo Luis XIII / Author Salvador Taborda Portugal* [Manuscrito], COD. 8557 e COD. 8558.

<sup>155</sup> BNP - *Memorias De Salvador Taborda Portugal* [Manuscrito], COD. 239.

<sup>156</sup> BNP - *Memorias Dos Successos que Acontecerão em França, e na mayor parte da Europa. No tempo que assistio na quella Corte com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente despois [sic] Rey Dom Pedro II Nosso Senhor A El Rey Christianissimo Luis XIV / O Autor Salvador Taborda Portugal Tomo 1º* [Manuscrito], COD. 8815.

<sup>157</sup> Cf. Cota BNP – COD. 8816, COD. 8817, COD. 8818 e COD. 8819.

<sup>158</sup> BNP - *Memorias Dos mais notaveis successos Que Acontecerão no Mundo com especialidade na Europa / Feitas Por Salvador Taborda Portugal Enviado del Rey D[om] Pedro. 2. de Portugal na Corte de França, no tempo em q[ue] nella reynava Luis. 14* [Manuscrito], COD. 10861.

<sup>159</sup> BAC – *Memórias dos successos que aconteceram em França e na maior parte da Europa no tempo que assistiu naquella corte com a occupação de Enviado do Serenissimo Príncipe Regente, depois Rei D. Pedro II, a el-Rei Luís XIV*, COD. 118-119.

ano representa um livro e cada livro tem, no início, um índice, em cada assunto ou acontecimento abordado é uma entrada, cujo início corresponde a uma página. Muitas vezes, em algumas das versões, estão indicadas nas margens as personalidades ou palavras-chave abordadas naquela entrada – o que transmite a ideia de uma espécie de índice remissivo. Todos estes aspetos tornam a sua consulta, assim, fácil e fluída. Esta organização não parece alterada, apesar dos diferentes exemplares.

Existe um livro para cada um dos anos que o diplomata esteve em Paris (1677-1689), excetuando o ano de 1677 que está fundido com o de 1678 – pois Salvador Taborda Portugal chegou a Paris mesmo no final desse ano – e para o ano de 1690, do qual não existem registos. Será porque morreu antes do final do ano e não conseguiu compilar a obra que queria? Ou estava demasiado doente para manter os seus fiéis relatos? A resposta a estas perguntas é incerta, mas a sua relevância é inquestionável, bem como a destes relatos.

E se os assuntos abordados na correspondência em análise – que cobre os anos de 1684 até 1690 – são dos mais variados, é de imaginar que estes diários têm ainda um maior espectro de temáticas. Contudo, alguns assuntos são coincidentes, e outros não são, num primeiro olhar, mencionados. A comparação que se segue resulta apenas da análise dos índices dos anos de 1684 até 1689.

Nomeações, falecimentos e problemas da nobreza de França parecem não ter direito, geralmente, a uma entrada singular – o que não invalida o estarem mesclados no meio do corpo do texto. Assuntos relacionados com a coroa portuguesa, como o nascimento de infantes ou a nomeação de novos embaixadores também ficam, por razões óbvias, de fora do índice, pois não constituem um acontecimento relevante, na maioria dos casos, para a política francesa.

Um assunto que aparenta ser de extrema importância, e com o qual Salvador Taborda Portugal concorda fervorosamente, não parece agitar as linhas dos diários – trata-se da revogação do Édito de Nantes, em 1685. Com este ato, Luís XIV revogava o direito de liberdade religiosa em toda a França, contra os seus antecessores que o concederam após as sangrentas Guerras da Religião. Taborda Portugal considera que esta foi uma grande medida por parte do rei Cristianíssimo e que a perseguição aos huguenotes fazia todo o sentido – e esta sua opinião é afirmada nas cartas que escreve a D. João de Ataíde e Castro – mas a verdade é que este acontecimento não tem direito ao seu próprio capítulo nas memórias do diplomata. Nas cartas em análise, contudo, Salvador diz:

*Os Vgunotes se conuertem todos, ou com vontade ou sem ella: e digaõ os Castelhanos o q. quizerem, ainda q. esta empreza del Rey Christ.º tenha m.ª parte de politica, não deixa de ser vtil á Igreja Catholica, e assy sempre he louuauel: e parece a toda a luz marauilha q. em taõ pouco tempo pudesse extinguir el Rey huã heresia q. tinha mais de hum milhaõ e 600 mil professores<sup>160</sup>*

Nesta citação, o autor dá a entender que concorda com a decisão de Luís XIV de reprimir os protestantes em França, apesar de reconhecer que a atitude do rei francês não foi puramente de defesa da religião, mas sim uma jogada política também.

Por outro lado, se a situação inglesa da época – a morte de Carlos II, a sucessão de Jaime II e a conquista do poder inglês por Guilherme de Orange – é exaustivamente discutida nas cartas analisadas – como irá ser demonstrado mais tarde – esta mesma situação é também bastante disseminada nas memórias de Taborda Portugal, sendo que vários dos acontecimentos desta demanda são descritos nelas.

Na realidade, tanto a revogação do Édito de Nantes como a subida ao poder de Jaime II em Inglaterra representam uma «conquista» por parte do catolicismo, por um lado porque a primeira decisão expulsava de França os protestantes e, por outro lado, porque a segunda colocava um rei católico no trono de um reino anglicano. Sendo Salvador um católico devoto, não deveriam ambos os acontecimentos representar uma igual importância nas suas memórias? Seria porque Salvador considerou ser a revogação do Édito de Nantes uma sucessão natural de acontecimentos, tendo em conta o aperto do cerco aos protestantes à época? Será a importância do acontecimento apenas capitulada pela repercussão que sabemos que este teve no futuro?

O estado de saúde de Luís XIV e as suas deslocações e visitas aos seus territórios são igualmente descritas nos dois corpos documentais, o que demonstra, na verdade e tal como mencionado anteriormente, o peso que a imagem régia tinha na política francesa, uma imagem que estava em constante mutação e revisão – o rei doente, o rei como senhor de vastos domínios, o rei como figura paternal, o rei como juiz supremo, ... Tudo isto ajuda a concluir que, de facto, a figura pública de Luís XIV estava tão bem construída,

---

<sup>160</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 30 de Setembro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 29, fl. 54-54v.

gerida e disseminada que um diplomata estrangeiro – neste caso, Salvador Taborda Portugal – acabava por ser sensível a essa campanha, difundindo-a ainda mais, quer nas suas cartas, quer nas suas memórias.

Estes são exemplos de assuntos que os dois corpos documentais têm em comum. Muitos mais serão encontrados, de certeza, aquando de uma análise mais aprofundada das memórias de Taborda Portugal.

Contudo, a produção escrita de Salvador não se resume a estas duas grandes obras. Outras cartas podem ser encontradas em coletâneas e miscelâneas de documentos, não só no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, mas também na Biblioteca Nacional de Paris. Algumas destas cartas já foram estudadas por Ana Leal de Faria, pois o seu destinatário era Duarte Ribeiro de Macedo, diplomata que a investigadora estudou a fundo.

No acervo da Biblioteca Nacional de Portugal é ainda possível encontrar um códice manuscrito com obras variadas de Salvador Taborda Portugal, desde apontamentos e comentários de como escrevem os reis de Portugal e da restante Europa, até cartas da rainha Maria Francisca, ainda mulher de D. Afonso VI, a lamentar-se da falta de consumação do seu casamento com o rei e que este não a amava, afirmando mesmo que se queria ir embora de volta para França; a resposta a esta carta vem do cabido de Lisboa que tenta dissuadi-la dessa decisão, dizendo que Portugal a ama muito.<sup>161</sup> O exemplar é, contudo, uma cópia do século XVIII.

Todos estes aspetos aqui analisados permitem entender melhor o homem que escreveu as cartas em discussão. O seu nascimento numa família já ligada à administração régia poderá ter determinado a sua escolha de estudos e, conseqüentemente, o seu caminho profissional.

Também as espacialidades em que se insere – Penamacor, Coimbra, Porto, Lisboa, Paris – podem ter um peso na forma como percebe os acontecimentos. Nascido em Penamacor, mas estudante em Coimbra, onde a vivência é diferente – entre uma vila rural e uma vila universitária. Depois desembargador no Porto e juiz em Lisboa, mas enviado especial em Paris, cidades que ainda europeias, apresentam dinâmicas sociais e culturais bastante diferentes.

Tudo isto se associa, claro, às pessoas com quem se vai relacionando ao longo da

---

<sup>161</sup> BNP – [Obras várias] [Manuscrito] / [Salvador Taborda Portugal], COD. 11467, f. 15-17.

sua vida. A sua esposa, os seus correspondentes, os seus colegas de ofício, todos eles ajudam a delinear melhor a pessoa que Salvador é.

O produto desta junção de circunstâncias é a obra deixada pelo diplomata, que será a janela primária para o entendimento da sua personalidade. Através das cartas em análise é possível perceber que se trata de uma pessoa muito religiosa, condenando qualquer comportamento que não se encaixe na normativa católica que tem formada na sua mente – e em Paris encontra vários destes – e muito ligada a Portugal, pois as vezes que expressa o seu reino são inúmeras, e sempre em tom de saudade e sofrimento, tal como iremos ver mais a frente.

#### **4. As cartas: Temáticas e Momentos Vividos**

*porq. desta nossa corresponcia faço a mayor estimaçaõ, e nella acha grande aliivio a penosa assistencia desta Corte* <sup>162</sup>

Durante a sua estadia em França, entre 1677 e 1690, Salvador Taborda Portugal cruzou-se com várias pessoas, com as quais estabeleceu contactos e criou laços. O espólio documental em análise demonstra este facto, pois trata-se de uma coleção de missivas enviadas pelo diplomata a D. João de Ataíde e Castro, filho natural de D. Jorge de Ataíde, 3º conde de Castro de Aire e sobrinho dos Condes da Castanheira<sup>163</sup>, como anteriormente mencionado. Estes dois diplomatas cruzaram-se quando o segundo foi enviado a França para transmitir os pêsames pela morte da rainha D. Maria Teresa de Áustria, em 1683, por parte da corte portuguesa, e é a partir daqui que iniciam a correspondência. Não se sabe se os correspondentes já teriam tido contacto antes deste encontro em França.

Antes de qualquer outra análise, é preciso contextualizar o tipo de documento que analisamos. Neste caso, trata-se de correspondência privada e não oficial, isto é, uma exposição de situações e desabafos com menos condicionamentos que uma carta oficial poderia ter, mas que não deixa de obedecer a um certo padrão de escrita. A historiadora Giora Sternnerg defende que o trato na correspondência é ponto essencial nas cartas do século XVII e que é possível entender precedências através do cerimonial epistolar. A

---

<sup>162</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 16 de Setembro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 27, fl. 47-47 v.

<sup>163</sup> Fátima Gomes, *Inventário da correspondência de Salvador Taborda Portugal para D. João de Ataíde e Castro (com notícias)*, datilografado, Biblioteca da Ajuda, 2011.

autora afirma que

*Letter-writing was far less restrictive in time and space—social as well as geographical —than other ceremonial activities, and allows us to observe interaction on an everyday, personal basis. Though occasionally involving the monarch—either directly, as addresser or addressee, or indirectly, as arbiter — it was more autonomous, and thus lends itself more easily to an analysis of extra-royal motivations and praxis.*<sup>164</sup>

No fundo, a autora afirma que a correspondência podia ser um ato social, uma forma dos correspondentes afirmarem o seu estatuto social um perante o outro. Por outro lado, por não ser, na sua maioria, um documento público, havia maior flexibilidade nos parâmetros de precedências, demonstrando estatutos sociais mais realistas, ao contrário de cerimónias públicas ou de vestuário, que eram observados pelo público em geral, bem como pelo rei.

Neste conjunto de cartas – que como referido, só existem as enviadas por Salvador Taborda Portugal, e nunca as respostas que este obteve – é possível entender as várias dimensões da estadia de Taborda Portugal em Paris, pelo menos entre os anos de 1684 e 1690. Em termos quantitativos, nas 138 cartas,<sup>165</sup> pode afirmar-se que 74 falam sobre notícias da Europa, 34 falam sobre notícias de Portugal, 78 sobre os conflitos de Luís XIV, 42 abordam a temática da falta de dinheiro e da carestia de vida do diplomata, 43 comentam aspetos da vida de corte francesa e 39 mencionam trocas de produtos entre o correspondente e pessoas do reino de Portugal.

Para compreender e assimilar a complexidade dos assuntos patentes na documentação, procedeu-se à criação de quatro temas / núcleos de problemas: gestão de informação, abrangendo as notícias que o enviado recebia de Portugal e do resto da Europa e como as processava; geopolítica europeia, que contempla a noção do espaço europeu e dos seus conflitos durante o seu serviço; vivência da corte francesa de Luís XIV, à qual o embaixador teve acesso em primeira mão e sobre a qual formou opiniões

---

<sup>164</sup> Giora Sternberg, “Epistolary ceremonial: corresponding status at the time of Louis XIV”, in *Past and Present*, nº 204, 2009, p. 35.

<sup>165</sup> Salvador Taborda Portugal, *Cartas do Inviado Salvador Taborda p[ara] D. João de Atayde*, Paris, 1684-1690, 52-IX-15.

persoais; e, ainda, a própria construção da imagem do autor que as cartas constituem, algo que é transversal a todos os assuntos que aborda e comenta.

Além destas temáticas, a análise quantitativa das cartas demonstrou também que 56 mencionavam a pessoa de Luís XIV diretamente – ainda que muitas outras o façam indiretamente, quando, por exemplo, destacam algum conflito levado a cabo pelo rei Cristianíssimo –, 42 referem el-rei D. Pedro II de Portugal, 24 nomeiam o Conde da Castanheira – Simão Correia da Silva –, 47 mencionam vários diplomatas da cena europeia, sejam eles portugueses ou estrangeiros, e 79 enumeram acontecimentos envolvendo nobres, maioritariamente franceses e portugueses, havendo também outras nacionalidades<sup>166</sup>.

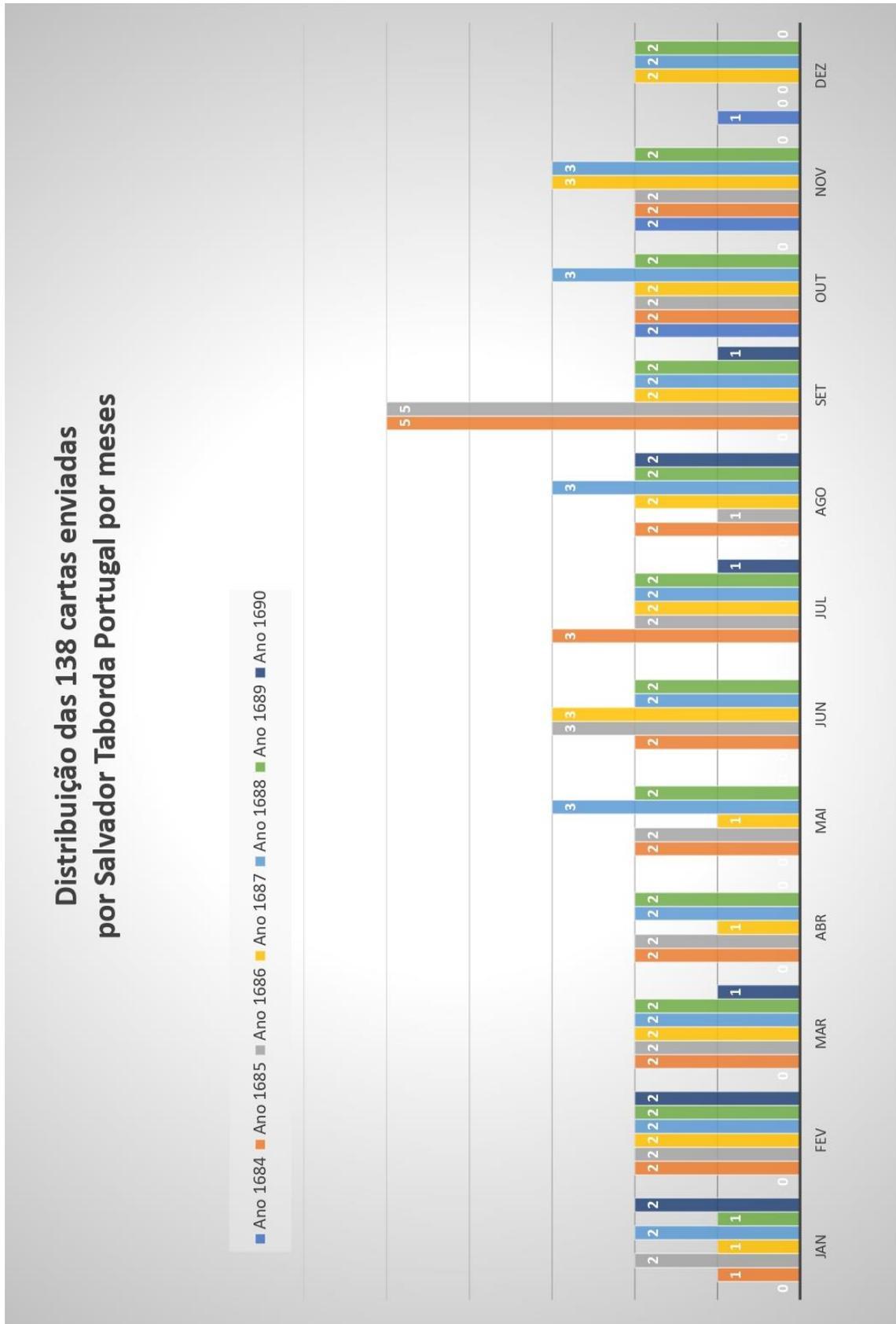
Dentro de todos estes números, cinco grandes «eventos» foram destacados: 7 cartas foram dedicadas à revogação do Édito de Nantes e à luta contra os Huguenotes; 34 falam sobre a Guerra dos Nove Anos, desde os seus preâmbulos, até à declaração de guerra em si; 46 discutem a questão Inglesa e a conquista por parte de Guilherme de Orange do território britânico; 25 abordam a luta contra o Império Otomano no território europeu; e 23 discutem a possibilidade de Salvador Taborda ir servir o reino de Portugal para Roma, como embaixador residente, algo que não se concretiza.



**Fig. 3** – Distribuição das 138 cartas enviadas por Salvador Taborda Portugal por ano, construída a partir de Salvador Taborda Portugal, *Cartas do Inviado (...)*, 1684-1690.

<sup>166</sup> Anexo I – Catalogação das cartas de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro.

Nesta análise quantitativa avaliou-se, também, a frequência das cartas por meses e pelos anos:



**Fig. 4** – Distribuição das 138 cartas enviadas por Salvador Taborda Portugal por meses, construída a partir de Salvador Taborda Portugal, *Cartas do Enviado (...)*, 1684-1690.

A primeira conclusão que se pode retirar é que Salvador escrevia uma média de duas cartas por mês para D. João de Ataíde e Castro – com algumas exceções – uma no início, e uma mais para o fim do mês, e que estas cartas demoravam cerca de 1 mês a ser recebidas, lidas e respondidas, segundo aquilo que o autor menciona nas suas missivas.

O primeiro ano de correspondência, 1684, conta apenas com 5 cartas, pois esta também só tem início em Outubro. Em 1685 e 1686 o enviado remete 25 cartas em cada ano. Em 1687 assiste-se a uma diminuição, com apenas 23 cartas. 1688 é o ano com mais cartas enviadas, com um total de 28. O ano de 1689 volta ao registo de 1687, com 23 cartas enviadas a D. João de Ataíde e Castro, e o ano de 1690 regista apenas 9 cartas enviadas, a última das quais em Setembro, apesar de Salvador só morrer em Novembro/Dezembro.

O mês que regista mais cartas é o mês de Setembro, com um total de 17 missivas enviadas ao longo de 7 anos. O mês que regista menos é o mês de Dezembro, seguido do mês de Abril, o que provavelmente resulta de uma vivência mais intensa das festividades do Natal e da Páscoa, respetivamente, o que deixava menos tempo para a correspondência.

Na frequência das cartas, mais ou menos regular, ressalta, nos anos de 1685 e 1686, um aumento significativo das cartas enviadas no mês de Setembro, passando de 2 e 1 em Agosto, respetivamente, para 5. Este aumento na frequência das cartas, em 1685, pode ser justificado, por exemplo, pela revogação do Édito de Nantes e a conversão forçada do huguenotes franceses que se seguiu no mês de Outubro desse ano, mas que foi apenas o culminar de um «asfixiar» desta crença, documentada por Salvador Taborda Portugal nas suas cartas. Já o aumento de 1686 pode ser justificado pela intensificação da luta contra o Império Otomano durante aquele mês, que Taborda Portugal reporta a Ataíde e Castro com bastante pormenor.

No entanto, os números apresentados dizem pouco sobre a correspondência em causa, se esta não for esmiuçada e interpretada. Assim, segue-se uma análise menos quantitativa e mais interpretativa das epístolas enviadas por Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, entre 1684 e 1690.

#### 4.1. Gestão de informação: notícias de Portugal

Apesar da distância entre Paris e Lisboa – destaque-se o facto da viagem de Salvador Taborda de Lisboa para Paris ter durado cerca de 4 meses, o que perfaz cerca de 15 a 25 quilómetros de distância percorrida por dia<sup>167</sup> – o diplomata não deixava de receber notícias de Portugal, não só de outros correspondentes, mas também de D. João de Ataíde e Castro, sendo este um tema de conversa recorrente na correspondência analisada, iniciando frequentemente as suas cartas com palavras como:

*Bejo as mãos a V. M. mil vezes pelas nouas q. me dá da nossa terra.*<sup>168</sup>

As palavras citadas demonstram o apego e o respeito que Salvador tem para com o seu correspondente. *Beijo as mãos (...) mil vezes* é uma clara alusão ao beija-mão, cerimónia real que colocava o monarca em contacto com os seus vassallos, e em que estes lhe demonstravam reverência e veneração, manifestando a autoridade da monarquia e a submissão dos demais. Isto revela uma veneração, mas também uma forma de tratamento cortês, para com o D. João de Ataíde e Castro, que de certa forma era um dos seus elos de ligação ao reino, e as saudades que o seu isolamento em Paris provocava. É importante, contudo, não esquecer que a cerimónia do beija-mão era também um momento aproveitado pelos súbditos para pedirem mercês ao rei, uma linha que Salvador também segue, com os apelos que faz nas missivas para intercessão dos seus interesses junto do rei, por parte do seu correspondente.

São variados os acontecimentos do reino a que tem acesso, dos quais se consegue entender que nem todos são noticiados por D. João de Ataíde e Castro, o que leva a crer que tem outros correspondentes e/ou outras fontes. O próprio autor menciona, como já analisado anteriormente, alguns destes seus contactos, bem como cartas que manda para a Secretaria a relatar notícias de Paris:

---

<sup>167</sup> Através da leitura das cartas assume-se que foi por terra para Paris, e não por mar, por falar da dificuldade das estradas de Castela. Cf. Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 31 de Outubro de 1684, 52-IX-15 (BA), nº 5, fl. 6-7.

<sup>168</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 11 de Março de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 12, fl. 20.

*Ao S.<sup>or</sup> Conde de Castanheira haõ de chegar as noticias q. dou desta banda na carta da Secretaria, por isso as naõ refiro a V.S.: e o principal dellas consiste em q. o neg.<sup>o</sup> de Genova poderá leuar a guerra a Italia.*<sup>169</sup>

Outro assunto que Salvador Taborda Portugal aborda frequentemente nas suas cartas são as doenças de D. Pedro II, das quais vai tendo notícias, demonstrando inquietação perante os «achques» do rei:

*Qualquer achque na pessoa del Rey nosso s.<sup>or</sup> deue dar muito cuidado; porq. a repugnancia q. S. Mg.<sup>de</sup> tem a os remedios, fas q. naõ se acudindo com ellas dures e cressaõ os males.*<sup>170</sup>

Apesar de D. Pedro II ter morrido em 1706, e apesar da doença só se agravar a partir de 1703, vários problemas de saúde assolaram o rei antes. O facto de o enviado falar tantas vezes destas doenças coloca várias questões: primeiramente, seria a saúde de D. Pedro documentada minuciosamente, como a de Luís XIV, por exemplo? Maria Paula Marçal Lourenço, na sua biografia sobre *O Pacífico*,<sup>171</sup> não parece dar grande relevância aos problemas de saúde do rei, apenas aquando dos seus momentos finais de vida, já durante a conjuntura da Guerra de Sucessão de Espanha. Assim, outra questão passível de colocar seria: estaria Taborda Portugal tão imerso no *modus operandi* da monarquia de Luís XIV que daria importância ao mínimo «achque» de D. Pedro? Sendo a imagem do rei tão cultivada na monarquia Francesa, juntamente com as doenças e melhoras do *Rei Sol* – talvez para transmitir uma maior humanidade a alguém que era, geralmente, divinizado, e de certa forma trazendo-o para mais próximo da realidade dos seus súbditos – era possível que o diplomata seguisse também essa tendência para com D. Pedro II, mesmo que não fosse propositadamente.

Uma outra questão seria a da veracidade da preocupação de Salvador Taborda. Na

---

<sup>169</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 31 de Outubro de 1684, 52-IX-15 (BA), n.º 5, fl. 5-5v.

<sup>170</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 16 de Junho de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 19, fl. 34.

<sup>171</sup> Maria Paula Marçal Lourenço, *D. Pedro II. O Pacífico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

realidade, é difícil perceber se a sua preocupação era efetivamente com a pessoa real, ou se era pelo facto de estas doenças atrasarem o despacho dos assuntos da administração régia, pois Salvador enviou uma petição a pedir aumento da sua mesada, da qual aguardava resposta:

*Pede [Salvador Taborda Portugal] a V. Mg.<sup>de</sup> q. por sua real generosidade lhe faça m.<sup>ce</sup> de lhe mandar dar huã tal ajuda de custo q. seja suficiente para se liurar dos empenhos em q. se acha nesta Corte.*<sup>172</sup>

E esta questão surge porque o próprio Salvador afirma que (...) *O achaque del Rey N. S.<sup>or</sup> ha m.<sup>to</sup> tempo q. dura: e certo he q. todos os negocios haõ de estar parados.*<sup>173</sup>

A sua preocupação com a Coroa portuguesa estende-se também ao segundo casamento de D. Pedro com D. Sofia de Neuburgo, revelando o desejo de que o rei tivesse um herdeiro para o trono:

*V. M. me confirma na sua carta de 11 do passado, a grande noua da chegada da Raynha nossa sr.<sup>a</sup> q. me trouxe hauerá dezoito diaz o correo q. passou a Alemanha. De sorte q. veria V. M. as festas magnificas q. se hauiaõ de seguir, e de que espero me faça participante, q. se nao he possiuel q. eu as veja assim por auzente como por hauerē já passado, não deixarei de me alegrar tanto ouuindo a relação, como os que presentes viraõ a representação. O que importa, he que não tardemos muito em ver apparencias de fecundidade.*<sup>174</sup>

Desta entrada da rainha em Portugal, Salvador pede todos os detalhes para mandar imprimir no *Mercure Galant*, um periódico francês, fundado por Jean Donneau de Visé, que publicava poemas e histórias, bem como informações diversas.<sup>175</sup> Na verdade, foi

---

<sup>172</sup> Petição a El-rei D. Pedro II, Paris, c. 1684, 52-IX-15 (BA), nº 2, fl. 6.

<sup>173</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 26 de Agosto de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 24, fl. 44.

<sup>174</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 21 de Setembro de 1687, 52-IX-15 (BA), nº 72, fl. 144.

<sup>175</sup> Cf. Monique Vincent, *Mercure Galant, extraordinaire, affaires du temps. Table analytique contenant l'inventaire de tous les articles publiés 1672-1710*, Honoré Champion, Paris, 1998.

publicada nesta gazeta uma relação sobre a chegada do embaixador português – Manuel Teles da Silva, enviado extraordinário ao Sacro-Império para escoltar a princesa D. Sofia de Neuburgo, futura esposa de D. Pedro II – a Manheim, no Palatinado, a qual terminava com uma descrição das cerimónias matrimoniais do rei português. Contudo, não se sabe se o autor será Salvador Taborda Portugal, ou se foi ele que mandou imprimir,<sup>176</sup> apesar de dizer nas cartas:

*Se por algũa via me chegar a noticia com meudeza do que se praticaria na entrada da R.<sup>a</sup> nossa sr.<sup>a</sup> em Lisboa, farei que se imprima no mercurio galan*<sup>177</sup>

Esta passagem dá conta de uma certa relação de proximidade de Salvador Taborda Portugal para com a imprensa informativa francesa. Ainda que não sabendo se foi o diplomata que mandou imprimir a notícia acima indicada, a verdade é que demonstra alguma familiaridade com este periódico.

Mas continuando na linha da fertilidade régia, os desejos do diplomata de continuidade geracional da coroa são referidos ao longo das cartas, sendo que quando nasce o Infante João de Bragança, príncipe do Brasil, Taborda Portugal fala da grande festa que organizou em sua honra, e demonstra profunda tristeza aquando da sua morte, rejubilando de novo com o nascimento de João Francisco António de Bragança, futuro rei D. João V, afirmando que

*quererá Deos conseruar o Principe que nos deu, para que com a sua vida se alimentem as nossas esperanças, e se segurem as felicidades que nos promete o seu nascimento.*<sup>178</sup>

Com estes comentários do enviado português, entende-se como a hereditariedade da coroa estava enraizada no cerne do sistema monárquico português, hereditariedade

---

<sup>176</sup> *Mercure galante*, 1687 in <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6248452c/f189.item.r=Portugal> consultado a 24 de Janeiro de 2018.

<sup>177</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 21 de Setembro de 1687, 52-IX-15 (BA), nº 72, fl. 144-145.

<sup>178</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 27 de Novembro de 1689, 52-IX-15 (BA), nº 129, fl. 256.

esta que é um ideal, não aleatório e causa-efeito de uma conjuntura favorável, mas sim legítimo e resultante do próprio Direito, destacando assim a Coroa Portuguesa das demais<sup>179</sup>. Ao defender os interesses da coroa como fez Taborda Portugal, não estaria a defender os seus privilégios e estatuto? Quais seriam as consequências para o diplomata no caso de uma mudança na coroa portuguesa?

É importante não esquecer a conjuntura em que estes comentários se inserem – D. Pedro II apesar de rei pleno após a morte de seu irmão Afonso em 1683, não era o legítimo herdeiro ao trono, mas sim apenas infante de Portugal. Nesse sentido, mesmo depois de ter assumido a regência do reino perante a incapacidade do irmão, os seus filhos continuariam a não fazer parte da linha hereditária da coroa, mas sim os seus sobrinhos, se os houvesse. Como D. Afonso VI acaba por morrer na sua prisão sem descendentes, talvez essa questão não fosse tão premente, mas ainda assim, poderia ser motivo de problemas.

Para além disto, é essencial salientar que os herdeiros de D. Pedro, naquele momento, ou eram femininos – falamos de D. Isabel Josefa – ou morreram cedo – falamos de D. João de Bragança –, pelo que a inquietação com a reprodução da Coroa é compreensível.

Por outro lado, era preciso assegurar a descendência e a afirmação da dinastia de Bragança, uma dinastia recente e ainda um pouco incerta e insegura no cenário europeu. Não se podia demonstrar fraqueza ou brechas no trono, pois a possibilidade de anexação, por parte de Castela – no seguimento da Guerra da Restauração – ou por parte da França – devido às pretensões expansionistas de Luís XIV – era uma constante, para a qual se devia prestar toda a atenção possível e evitar cometer erros que a permitissem.

Toda esta inquietação com a família real pode ser avaliada de duas formas – ou o enviado se preocupava, efetivamente, com a prosperidade da realeza portuguesa e com a solidificação da dinastia de Bragança, ou na verdade escrevia apenas aquilo que deveria escrever, mas estava somente receoso pela sua própria sobrevivência, sabendo que percalços na corte de Portugal se poderiam traduzir em problemas para si, nomeadamente financeiros.

De entre outros assuntos, o autor refere também a substituição do embaixador

---

<sup>179</sup> F. P. de Almeida Langhans, *Fundamentos jurídicos da monarquia portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1951.

francês em Lisboa – Mr. de Amelot substituíra o Abade de Saint-Romain – algo sobre o qual provavelmente estaria mais informado do que D. João de Ataíde e Castro, e relata ainda um incidente diplomático na corte portuguesa, passado com os príncipes polacos, relativo a cerimonial e protocolo:

*Esses Pr.<sup>es</sup> Polaicos se sahirão desgostosos da nossa Corte ponhaõ a culpa a el Rey seu parente, q. pudera obseruar melhor as formalidades vsadas e devidas.*<sup>180</sup>

Salvador Taborda realça, assim, o quão importante era para um diplomata conhecer bem os rituais associados à sua ocupação e opina que o estudo dos costumes de cortes estrangeiras é uma aplicação muito nobre, útil e necessária. Neste sentido, o diplomata não perde de vista a importância do simbolismo e da representação na diplomacia do Antigo Regime, o que o embaixador transmitia nos seus modos e comportamento representava o seu rei. Uma má imagem ou um erro de protocolo traduzir-se-ia numa ideia negativa de D. Pedro II.

Na verdade, o respeito pelo cerimonial e protocolo diplomáticos era de extrema importância. Não se pode esquecer que, tal como afirma Pedro Cardim, (...) *o embaixador foi frequentemente visto como o ministro que tinha a seu cargo a reputação internacional do príncipe (...)*,<sup>181</sup> o que significa que qualquer desrespeito poderia traduzir-se num desrespeito feito pelo próprio monarca, o que poderia conduzir a más interpretações e, ultimamente, gerar conflitos. O cerimonial torna-se não só um luxo ou uma representação, mas também uma necessidade, pois para além de garantir o lugar e a precedência que compete por tradição a cada participante, consoante o cargo que ocupa e as funções que desempenha, ajuda a estabelecer a ordem nas audiências e assembleias, garantindo o melhor funcionamento das mesmas.

As obras doutrinárias sobre diplomacia que nascem nos anos de Seiscentos já mencionadas realçam bem o dever do embaixador de cumprir o cerimonial. Aliás, a primeira impressão, na primeira audiência, poderia ser fulcral para determinar toda a relação entre as coroas em causa daí em diante. Contudo, este protocolo poderia variar de

---

<sup>180</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 10 de Março de 1686, 52-IX-15 (BA), nº 36, fl. 69-69 v.

<sup>181</sup> Pedro Cardim, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, p. 49.

reino para reino, pelo que Taborda Portugal adverte que antes de um embaixador entrar num reino estrangeiro deverá estudar bem as suas tradições, compreender os seus cerimoniais e respeitá-los, para não ser negada a sua audiência, ou não gerar conflitos maiores. Assim se percebe a figura de Salvador Taborda como um homem culto, o que vai ao encontro do seu percurso académico e cultural, transmitindo, mesmo, uma dimensão humanista.

Em termos de contexto, é importante relembrar que Salvador se encontra na França do século XVII, ou seja, o cenário do pináculo do cerimonial protocolar, o que significa provavelmente que sabe bem como este é imprescindível às relações diplomáticas, mesmo que muitas vezes este seja quase como uma «música de fundo» – invisível, mas presente. As palavras de José Calvet de Magalhães exprimem bem isso, ao dizer que, *O protocolo bem sucedido é aquele que não é visível, que consegue disciplinar as cerimónias oficiais sem que se torne notada ou mesmo aparente a sua intervenção. O protocolo ideal é aquele que não se vê, nem se ouve.*<sup>182</sup>

O autor recebe, igualmente, notícias da Ásia, sendo que o seu irmão, João Antunes Portugal, tal como mencionado, estava no Estado da Índia como governador e, mais uma vez, a sua preocupação com a boa fortuna do irmão pode ser questionável. Se por um lado se demonstra um irmão orgulhoso da distinção do seu parente, por outro demonstra bastante entusiasmo com a renumeração que o governador irá ter, fazendo mesmo tenções de casar a sua filha, Caetana, com o tio. Numa das suas cartas chega mesmo a dizer:

*Ant.º Martins de Moura teue carta escrita em Goa no vltimo dia de x.<sup>bro</sup> na qual lhe diz o seu correspondente q. tinhaõ chegado as duas Naos o Reyno q. sahiraõ delle no año passado: e q. meu jrmaõ Joaõ Antunes Portugal estaua de partida p.<sup>a</sup> Mombaça por Capitam e Governador daquela fortaleza e Praça. Seguraõ-me os Martins que acabados os trez años do seu gouerno se achará com melhor de cem mil cruzados. Assi terei hum jrmaõ rico p.<sup>a</sup> suprir a os gastos de França.*<sup>183</sup>

No Antigo Regime, o casamento era de extrema importância e assegurava a

---

<sup>182</sup> José Calvet de Magalhães, *Manual diplomático. Direito diplomático. Prática diplomática*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1985, p. 138.

<sup>183</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 15 de Julho de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 21, fl. 38-39.

descendência e transmissão de património. Por esses motivos, a escolha do cônjuge era algo demasiado importante para ser deixado ao acaso do amor. Assim sendo, o casamento tornava-se matéria pública e do interesse dos pais, pois seriam estes os maiores interessados num bom desfecho conjugal. Nesse sentido, é natural a preocupação de Salvador Taborda Portugal em casar a sua filha com o seu irmão, que à data da carta teria cerca de 10 anos.<sup>184</sup> Na verdade, segundo Nuno Gonçalo Monteiro, (...) *a idade média do primeiro casamento é extremamente precoce: situa-se sempre abaixo dos 20 anos e abrange um número significativo de fidalgas que se casaram com menos de 15 anos.*<sup>185</sup> e apesar de aqui se falar dos filhos das Grandes Casas, é impossível não fazer a projeção do mesmo paradigma para as famílias do alto oficialato régio, pelo que a preocupação com o casamento da filha por parte do enviado não era incomum, pois eram recorrentes os arranjos para o casamento acontecerem quando os noivos eram ainda crianças. Apesar de Salvador não ser de uma família da nobreza, a verdade é que a sua família se afigura como muito distinta – um pai jurista, um irmão governador do ultramar e um outro irmão pertencente ao clero.

Para casar a sua filha com o tio, que como referido, não era algo assim tão invulgar à época, o pedido era feito à Santa Sé para fazer dispensa de certos graus de parentesco, e permitir o matrimónio. Aliás, esta é uma das causas que Salvador aponta para querer ir para Roma como embaixador – para conseguir obter a dispensa necessária para casar a filha com o seu irmão. Sobre isto diz:

*meu jrmaõ Joaõ Antunes Portugal esta govern.or de Mombaça, donde me assegurã q. ha de tirar melhor de cem mil cruzados, acabados seus tres anno ha de uir p.<sup>a</sup> o R.<sup>no</sup> honrado e rico, e sobre tudo me conuem casar com elle minha filha, e se eu estiuer em Roma poderei alcançar a dispensa*<sup>186</sup>

As informações relatadas e descritas demonstram que Salvador tinha acesso a bastantes notícias do seu reino, quer através de João de Ataíde e Castro, quer através de

---

<sup>184</sup> D. Antónia Caetano Taborda Portugal – nascida em Lisboa em 1675

<sup>185</sup> Nuno Gonçalo Monteiro, *O crepúsculo dos Grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, p. 65.

<sup>186</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 29 de Julho de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 22, fl. 41-41 v.

outros correspondentes que menciona – Domingos de Barros, Mendes de Foios, Manuel de Sousa Pereira, Fernando de Faria, António de Freitas Branco, entre outros já mencionados anteriormente<sup>187</sup> – e que se preocupava com o estado de Portugal. Importava-se com o monarca, a economia, a prosperidade e a cena intelectual portuguesas, provavelmente na esperança de um dia regressar.

## 4.2. Gestão de informação: notícias da Europa

Os seus correspondentes não se limitavam a relatar acontecimentos passados em Portugal, pois trocava muitas cartas com representantes portugueses noutros reinos, como em Inglaterra ou na Santa Sé. Esta correspondência, em conjunto com uma localização privilegiada – no centro da Europa – contribuiu para uma maior noção da geopolítica europeia durante os treze anos em que serviu na corte francesa. Nesse sentido, Salvador pôde acompanhar, de perto, vários dos acontecimentos que deflagraram pelo «velho continente» – a conquista, por parte de Guilherme de Orange, do trono inglês, a formação da Liga de Augsburg, contra a França, o ataque aos turcos otomanos, entre muitos outros. Estes assuntos são a base de muitas das informações nas suas missivas para D. João de Ataíde e Castro.

Várias das suas linhas se dedicam à questão de Inglaterra, a qual acompanha de perto e com muita estima, sendo que o seu interesse se foca sobretudo na vertente católica de toda a contenda para com o movimento da Reforma Protestante. Realça a morte de Carlos II de Inglaterra e o enterro católico, bem como a subida ao trono de Jaime II, valorizando de novo a sua confissão:

*em 24 do mez passado foraõ m.<sup>10s</sup> dos Senhores protestantes pidir a el Rey Jacobo q. quisesse no dia seg.<sup>1e</sup> dar a seus Vassallos a consolação de o verem na capela real assistir ás ceremonias da igreja anglicana: el Rey lhe respondeo q. no dia seg.<sup>1e</sup> o veriaõ todos na sua capela: sahiraõ m.<sup>10</sup> contentes, e a outro dia pelas noue horas mãdou el Rey abrir a porta de hūma grãnde sala do seu Palacio, e dando liure entrada a todo o mundo, entrou nella m.<sup>1a</sup> gente: trouxe-se logo hum*

---

<sup>187</sup> Conferir capítulo 3.2. “O círculo privado de Salvador Taborda Portugal”.

*altar, e sahio o P. Gale confessor da noua Raynha reuestido a dizer missa, a qual ouiuo el Rey e a R<sup>a</sup>, e comungáraõ. Esta acção por ser taõ resoluta intimidou os Ingleses*<sup>188</sup>

Discursos como este sucedem-se no que toca às suas opiniões sobre o que se passa na Grã-Bretanha, «pintada», a princípio, como um exemplo de catolicismo e uma esperança para o mundo católico.

Na realidade, não se sabe até que ponto a fé católica de Carlos II de Inglaterra (1630-1685) seria verdadeira. Na noite em que morreu, e recebeu o sacramento da Extrema Unção, foi dito que se melhorasse iria proclamar a sua fé no catolicismo, mas como isso não aconteceu, nunca se chegou a saber. Muitos consideravam que Carlos seria um católico secreto, e que só na morte conseguiu assumir a sua fé, mas outros são da opinião que o desejo de se tornar católico não terá sido ideia original do monarca, mas sim uma estratégia política. No entanto, pode entender-se que Carlos II queria honrar aqueles que haviam ajudado o seu pai e a si, aquando da subida da sua família ao trono, mesmo que estes fossem católicos, pois sabia o quanto os católicos ingleses e irlandeses tinham sofrido às mãos do anglicanismo.

Para corroborar a sua adesão à fé romana, o seu irmão e sucessor, Jaime II, no ano seguinte à sua morte (...) *published not one, but two, defences of Catholicism, which he claimed to have found in his brother's strong box and to have have been written entirely in Charle's own hand (...)*<sup>189</sup>, segundo Ronald Hutton, mas os papéis originais destas defesas nunca foram encontrados, pelo que a veracidade dos factos não pôde nunca ser confirmada.

Fundamentalmente, a conclusão a que os autores chegam é que, de certa forma Carlos II de Inglaterra pendia para os seus interesses pessoais, no que toca à religião – se por um lado, apoiava os católicos, por outro, dava razão aos protestantes. Nesse sentido, é impossível atribuir ao seu enterro católico um significado de profissão de fé verdadeiro. Porém, é um acontecimento ao qual Salvador Taborda dá muita importância, porque quer tenha um significado verdadeiro ou não, a verdade é que o seu enterro foi católico. Sobre

---

<sup>188</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 11 de Março de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 12, fl. 20-21 v.

<sup>189</sup> Ronald Hutton, *Charles the Second: king of England, Scotland, and Ireland*, Oxford, Clarendon Press, 1989, p. 444.

isto, diz o diplomata:

*A 16 deste mez morreo el Rey d'Inglaterra de hum accidente dapoplexia (...) morrera catholico, e recebera Viatico com grande deuoação. Logo foi proclamado o Duque de Iorc com nome de Jacobo 2.º: e como he catholico tem bem q. fazer no Parlam.<sup>10</sup>, q. mandou se juntasse no pri.º de Mayo<sup>190</sup>*

Com o passar do tempo, contudo, a situação inglesa transforma-se num novo foco de conflito na Europa, com a rebelião dos nobres protestantes e a entrega do poder ao príncipe Guilherme de Orange, de confissão igualmente protestante. Luís XIV disponibiliza-se de imediato para ajudar Jaime II a reaver o trono da Grã-Bretanha e Salvador Taborda apoia claramente a posição do Rei Sol, pois considera que os príncipes católicos se devem manter unidos. Nunca perde a esperança do retorno de Jaime II a Inglaterra, dizendo (...) *querera Deos q. a uitoria restitua el Rei da G. B. ao seu Reino.*<sup>191</sup>

Todavia, não só de Inglaterra se faz esta correspondência, sendo que o diplomata recebe notícias do que se passa, por exemplo, no Sacro-Império Romano-Germânico. Relata, por exemplo, a morte do eleitor palatino, Carlos II Simmern, em Maio de 1685, a quem sucede o Duque de Neuburgo Filipe Guilherme, devido a falta de descendência do seu casamento, permitindo a passagem do Eleitorado para a faceta católica da família, visto que Carlos II Simmern era calvinista.

Taborda Portugal, afirma que Luís XIV esperava beneficiar desta morte ao receber uma parte da herança:

*Morreo o Eleitor Palatino: e como era Irmaõ de Madame, todos os Ministros estrangeiros vamos amanham a Sam Clû significarlhe o sintim.<sup>10</sup> q. haõ de ter nossos amos da sua magoa. Este Pr.<sup>e</sup> não deixou filhos: e posto q. a sucessaõ de sua caza vai ao Duque de Neuburgo, q. será feito Eleitor, não falta quem diga q. el Rey de França ha de procurar q. sua cunhada, ou seu sobrinho, tenhaõ algũa*

---

<sup>190</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 25 de Fevereiro de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 11, fl. 18-19 v.

<sup>191</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 6 de Fevereiro de 1689, 52-IX-15 (BA), n.º 108, fl. 213-213 v.

*parte da herança. No Código de França se achão m.<sup>tas</sup> vezes textos p.<sup>a</sup> tudo; veremos o q. se obra.*<sup>192</sup>

Isabel Carlota, irmã de Carlos de Simmern, a *Madame*, que Salvador Taborda refere, duquesa de Orleães e, conseqüentemente, cunhada de Luís XIV, tinha igualmente pretensões aos cargos de eleitora, e esse foi o pretexto utilizado para a invasão do Palatinado, em 1688. Foi este o ato que deu início à Guerra dos Nove Anos, que originou a formação da Liga de Augsburgo. Taborda Portugal, neste trecho, demonstra alguma ironia ao falar sobre as formas como Luís XIV poderia conseguir obter benefícios pela morte do eleitor palatino, demonstrando como as leis de França poderiam ser, de certa forma, manobráveis à sua vontade, ao afirmar que nelas se podia achar pretexto para qualquer situação que o rei desejasse<sup>193</sup>.

Outro dos assuntos dos quais recebe muita informação é a luta contra o império otomano, nas suas várias frentes, quer seja pelo cerco à cidade de Buda, na atual Hungria, ou pelo assalto à Praça de Coron, em território grego, e demonstra manifestamente o seu apoio à luta contra os turcos, chegando mesmo a dizer que quaisquer outras contendas são inúteis e não devem ser levadas a cabo, pois a luta deve ser toda contra os infiéis. Por exemplo, declara que:

*Naõ ha entender el Rey de Polonia: ha seis semanas q. está pessoalm.<sup>te</sup> em campanha com exercito m.<sup>to</sup> poderoso, mas sem obrar ate agora açção alguã; tudo saõ marchas daqui p.<sup>a</sup> ally, ora p.<sup>a</sup> Moldauia, depois p.<sup>a</sup> Valachi, mas sem fazer nada, e isso he o de q. os Turcos folgaõ m.<sup>to</sup>*<sup>194</sup>

A verdade é que o Império Otomano já se encontrava em decadência desde 1566, com a morte do sultão Solimão I, não só pela má governança dos seus sucessores, mas também pelo declínio do exército e a heterogeneidade do Império, que o tornava muito

---

<sup>192</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 2 de Junho de 1685, 52-IX-15 (BA), n° 18, fl. 32-33.

<sup>193</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 2 de Junho de 1685, 52-IX-15 (BA), n° 18, fl. 32-33.

<sup>194</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 8 de Setembro de 1686, 52-IX-15 (BA), n° 50, fl. 98-99.

mais difícil de orientar em prol da política expansionista anterior.<sup>195</sup> Este facto, aliado às guerras turco-persas levou a uma série de recuos das tropas otomanas no que toca à sua luta contra a Hungria, ficando mais frágeis aos ataques dos seus adversários. A luta contra os turcos não era apenas uma luta religiosa, apesar de ser isso que o diplomata mais enfatiza, mas sim uma luta por territórios e recursos. Esta luta foi motivo de união política pela Europa, mas Luís XIV não se deixou influenciar pelas religiões, tomando o lado que mais lhe convinha.

Se no princípio Luís XIV apoiava a causa católica, e as suas conquistas e vitórias eram celebradas na corte francesa, depressa decidiu apoiar o lado otomano, pois o enfraquecimento do território alemão era algo que desejava e que ia de encontro à sua política expansionista. Nas suas cartas, Salvador Taborda chega mesmo a criticar a decisão de Luís XIV de se aliar aos otomanos e de manter a paz com estes, pois considera a religião acima de alianças militares:

*naõ se pode presumir q. França queira romper a paz com o Imperio do Oriente para ajudar a o do Ocidente.*<sup>196</sup>

É possível entender, assim, que Salvador Taborda Portugal funcionava, de certa forma, não só como o informador das políticas francesas, mas também de vários acontecimentos importantes que deflagravam pela restante Europa.

### **4.3. Geopolítica europeia: espacialidades e conflitos de Luís XIV**

Seria difícil delinear o quadro geopolítico da Europa no final do século XVII sem ter em conta o mencionado expansionismo francês levado a cabo por Luís XIV, e nesse aspeto, Salvador Taborda Portugal não poderia estar melhor informado, pois assiste *in loco* à tomada de decisões. A verdade é que, como refere Troost, *When Louis XIV established his personal rule in 1661, there was no threat from Spain and the emperor,*

---

<sup>195</sup> Cf. Douglas A. Howard, *A history of the ottoman empire*, Cambridge University Press, Cambridge, 2017.

<sup>196</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 3 de Novembro de 1686, 52-IX-15 (BA), nº 56, fl. 109-110.

*but the young king did not like this tranquillity (...),*<sup>197</sup> o que levou o monarca, por exemplo, a ataques e ameaças a Génova e a Itália, descritos por Tabora Portugal, declarando o diplomata que (...) *veraõ sobre si hum exercito por terra e outro por mar (...),*<sup>198</sup> ainda que depois cheguem a um acordo, através da manipulação e tenacidade de Luís XIV.

Um facto interessante no meio de toda a informação que Salvador recebe é o seu próprio conhecimento sobre o que é verdadeiro e o que é falso. Dá conta de notícias falsas relatadas sobre Luís XIV, que desmente nas suas cartas:

*Isso q. lá refere V. M. q. dizia o Pouo em Castella d'el Rey Xp.<sup>mo</sup>, he como V. M. diz impostura crassa, e indigna de q. se lhe dé credito*<sup>199</sup>

Imprescindíveis também são as menções feitas aos conflitos entre França e Castela, mas o autor, apesar de muitas vezes se apresentar do «lado» francês, não deixa de reportar as conquistas castelhanas:

*de nouo naõ ha couza alguã mais q. hauer chegado noua carta de q. os Castelhanos tomaraõ hum nauio francez cuja carga se estima em mais de 300 mil patacas. E como as felicidades fazem a os Princepes soberbos e mal sofridos, se espera com curiosidade ver o q. este cazo produz.*<sup>200</sup>

Os conflitos de Luís XIV não aconteceram apenas fora do seu próprio território, pois o enviado português assistiu, durante a sua estadia, como já foi referido à revogação do Édito de Nantes, em outubro de 1685. Porém, se as contendidas anteriores podem não ser apoiadas por Tabora Portugal, esta é bastante aclamada. O diplomata mostra mais

---

<sup>197</sup> Wouter Troost, "Leopold I, Louis XIV, William III and the origins of the war of the Spanish succession", in *The Journal of the Historical Association*, 2018, p. 549.

<sup>198</sup> Carta de Salvador Tabora Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 28 de Janeiro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 9, fl. 13-13 v.

<sup>199</sup> Carta de Salvador Tabora Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 23 de Setembro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 28, fl. 48-49 v.

<sup>200</sup> Carta de Salvador Tabora Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 5 de Novembro de 1684, 52-IX-15 (BA), nº 7, fl. 10.

uma vez o seu lado de católico fervoroso quando reforça que

*el Rey prohibido todo o exercicio da religião pretendida reformada, reuogando os edictos por onde Henrique 3.º lhe concedeo a liberdade q. tinhaõ os Hugunotes, confirmada despois por Henrique 4.º. Todos os seus templos se mandáraõ demolir*<sup>201</sup>

Ainda assim, e mais uma vez, é possível duvidar das suas intenções, pois se por um lado defende a decisão de Luís XIV de expulsar todos os huguenotes do reino francês, por outro, como referido anteriormente, condena a expulsão do Marechal Schomberg, homem por quem tinha muita estima, que se exila e acaba por lutar depois ao lado de Guilherme III de Orange. É uma perda muito sentida por parte de Salvador Taborda Portugal.

O culminar das invasões a territórios europeus por parte de Luís XIV, aliado à revogação do Édito de Nantes e à perseguição dos protestantes, são acontecimentos que geram um clima de guerra em todo o continente que não passa despercebido ao diplomata. Este realça o constante armamento francês e afirma que (...) *as apparencias prometem aqui guerra*.<sup>202</sup> Na verdade, Salvador Taborda vai assistir à formação da Liga de Augsburgo, que depois passa a Grande Aliança, e sobre a qual demonstra muita preocupação:

*Estamos ainda na expectatiua dos effeitos q. produziraõ as forças juntas do garnde numero de inimigos declarados com q. se acha esta Coroa. Agora tem mais contra sy, alem do Imperador e absolutam<sup>te</sup> todo o Imperio sem exceção de nenhum dos seus Potentados, e além de Olanda, Suecia, Inglaterra, e Castella; as forças do Rejno de Dinamarca, o qual ajustando emfim as diferenças q. tinha Holstein, deu logo as boas tropas q. tinha em pé a os confederados; de sorte q. podemos dizer q. ha muitos seculos que se naõ vio este Reyno em tanto aperto*

---

<sup>201</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 21 de Outubro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 31, fl. 158-158 v.

<sup>202</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 19 de Setembro de 1688, 52-IX-15 (BA), nº 83, fl. 165-165 v.

*como hoje, pois tendo contra sy quasi toda a Europa.*<sup>203</sup>

Este clima de tensão beligerante, aliado ainda à pretensão de Luís XIV de que o seu neto Filipe ficasse com o trono castelhano, originou a já mencionada Liga de Augsburg. Esta começou por ser constituída pelo imperador e pelos príncipes alemães, aos quais depois se juntaram a Espanha e a Suécia, e, mais tarde, a Holanda e a Inglaterra. Com o objetivo principal de manter os tratados de Nimega e Ratisbona, esta aliança representava uma frente unida contra a força imperial do rei Cristianíssimo. O sentimento de união é constatado por Salvador Taborda, que apesar de acreditar que a França é poderosa e pode ultrapassar esta questão, teme ao mesmo tempo a sobrevivência do reino de Luís XIV. Acima de tudo, o diplomata teme o poder do Príncipe de Orange, e aquilo que a sua política em Inglaterra pode significar para a religião católica:

*Naõ se poder ouuir boas nouas de Ingl.<sup>a</sup> tudo se passa ao Pr.<sup>e</sup> de orange, el Rej se ue desemparado de todos; a religiaõ cath.<sup>a</sup> sera naquello R.<sup>no</sup> naõ so perseguida, mas quasi extinta.*<sup>204</sup>

A resistência que Guilherme III de Orange apresentou a Luís XIV – materializada na Liga de Augsburg – foi fundamental para manter o tão desejado equilíbrio europeu, contendo a expansão territorial dos franceses. Esta foi, aliás, a sua justificação para os vários ataques que impeliu contra a monarquia francesa. De acordo com Troost, (...) *William III himself never used the term ‘balance of power’, but during his whole life he used various words with the same meaning in order to describe the purpose of his actions against Louis XIV.*<sup>205</sup>

Contudo, os conflitos bélicos nunca eram gratuitos, e representam geralmente altos custos para os reinos envolvidos. Para custear a guerra e garantir a defesa do território, Luís XIV, em conjunto os seus ministros, consubstanciadas em novos decretos

---

<sup>203</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 24 de Julho de 1689, 52-IX-15 (BA), nº 119, fl. 237-238 v.

<sup>204</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 24 de Dezembro de 1688, 52-IX-15 (BA), nº 91, fl. 180-180 v.

<sup>205</sup> Wouter Troost, "Leopold I, Louis XIV, William III and the origins of the war of the Spanish succession", in *The Journal of the Historical Association*, 2018, p. 551.

novos decretos, (...) *todos em ordem a juntar o dinheiro (...)*,<sup>206</sup> para aumentar os impostos. Um dos decretos é indicado pelo enviado português:

*se ordena a toda a pessoa, sem exceção de qualidades, q. não possaõ ter adornos de prata em suas casas*<sup>207</sup>

Salvador Taborda afirma que até o rei seguia esta nova ordem, entregando os adornos de prata que tinha em Versalhes.

Esta medida de aumento da tributação é uma política claramente oposta à de Inglaterra, que se encontra nos mesmos parâmetros beligerantes. Aqui, optou-se por criar mais oportunidades de investimento e novas medidas económicas, gerando, pelo caminho, o Banco de Inglaterra, para creditar e financiar os gastos militares.<sup>208</sup>

Em suma, pode afirmar-se que o expansionismo francês levado a cabo por Luís XIV estava bem presente no dia-a-dia de Salvador Taborda Portugal, quer os conflitos internos, quer os externos, e que a posição do diplomata em relação a estes era ambígua – apoiava os que eram a favor do catolicismo, mas condenava os que eram para benefício próprio do reino, que descuravam a defesa da religião.

#### **4.4.Salvador Taborda Portugal na vida de corte francesa**

Apesar deste clima bélico e de custos controlados, os divertimentos da corte mantinham-se, algo que Taborda Portugal, de certa forma, critica:

*nesta Corte sem embargo dos cuidados q. não pode deixar de causar esta grande guerra, ha sempre os mesmos desenfados que antes. Isto se vé não só em Paris,*

---

<sup>206</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 25 de Dezembro de 1689, 52-IX-15 (BA), nº 130, fl. 258-259 v.

<sup>207</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 25 de Dezembro de 1689, 52-IX-15 (BA), nº 130, fl. 258-259 v.

<sup>208</sup> Cf. Richard Roberts e David Kynaston, *The Bank of England: money, power and influence 1694-1994*, Oxford, Oxford University Press, 1995.

*mas tambem na Corte, porq. em Versalhes aonde estiue ainda terça feira passada, notei em todos a mesma serenidade de semblante q. costumaõ, vi q. se praticauaõ os costumado diuertimentos, todos os dias festims, caças, passeos, jornadas*<sup>209</sup>

A manutenção da vida de corte apesar da situação bélica pode ser entendida se tivermos em conta a mutação na prática da guerra, já mencionada. Se a grandeza da nobreza medieval se baseava nos seus empreendimentos bélicos, a verdade é que a valorização cada vez maior da prática da guerra com exércitos de soldados com armas de fogo significava uma desvalorização simultânea da guerra tradicional dos cavaleiros, o que se traduzia numa maior disponibilidade da nobreza para manter a vida de corte, mesmo durante os conflitos.

Perante estes divertimentos da corte francesa, seja em tempo de guerra ou não, Salvador Taborda mostra-se sempre reticente. Por um lado, destaca-os, comentando várias vezes que são muito mais vistosos e variados do que os da corte portuguesa, mas por outro, muitas vezes os considera impróprios, não só porque não cessam perante o deflagrar de conflitos, mas também porque em certos momentos, como a Quaresma ou as doenças de Luís XIV, continuam a acontecer:

*os francezes seguem outro estilo taõ contrario q. até a semana da paixãõ se representa a operâ, a comedia franceza e a italiana.*<sup>210</sup>

Estes comentários são claramente demonstrativos da forma como a religião era vivida de forma diferente nos dois reinos. Portugal, com o seu catolicismo fervoroso e a sua devoção intensa, praticamente isento de protestantismo, contrastava com uma França de posição galicana de autonomia face ao Papa e à Cúria Romana, e bastante marcada pela expansão do protestantismo. Porém, na realidade, a vivência da religião no reinado de Luís XIV foi um pouco ambígua. Por um lado, marcava presença uma vivência libertina e irreverente, que permitia os tais divertimentos, mesmo na época sagrada e de

---

<sup>209</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 26 de Junho de 1689, 52-IX-15 (BA), nº 117, fl. 232-233 v.

<sup>210</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 16 de Maio de 1688, 52-IX-15 (BA), nº 101, fl. 201-201 v.

penitência da Quaresma; por outro lado, persistia uma devoção profunda, adotada pelo próprio rei, que instigava ao culto das relíquias e à oração, e que se afirmava como o representante de Deus na Terra.<sup>211</sup>

Estes divertimentos são muitas vezes criticados pelo enviado, não só por serem muito caros, mas também porque o enviado português não tinha possibilidade de participar neles. Estas anotações vão de encontro, de certa forma, à oposição da cultura letrada de Salvador Taborda Portugal ao fausto da cultura nobiliárquica – o contraste entre o mundo das armas e o mundo das letras.

*naõ faltaõ aqui diuertim.<sup>tos</sup> no inuerno, mas todos custaõ caro<sup>212</sup>*

Estes comentários vão de encontro à já falada necessidade de património para a ocupação destes cargos em cortes estrangeiras, pois de facto a Coroa portuguesa não conseguia custear e patrocinar todos estes homens. Tal como mencionado, os pedidos de dinheiro por parte de Salvador Taborda são recorrentes ao longo de todas as cartas analisadas, e o que é facto é que ele não fazia parte da aristocracia portuguesa para ter meios suficientes para garantir a sua subsistência em Paris.

Porém, não são apenas os divertimentos da corte que são comentados pelo embaixador. Também os momentos de esplendor desta eram mencionados, por exemplo, quando Luís XIV adquiriu um casaco com botões de diamantes:

*El Rey tem agora hũa casaca abotoada de diam.<sup>tes</sup>, de tal fundo e grossura, q. se estima em mais de 800 mil escudos: e toda a Corte anda notauelm.<sup>te</sup> luzida<sup>213</sup>*

O diplomata fala também sobre os preparativos do casamento do Duque da Baviera, Maximiliano Emanuel, com a filha do imperador Leopoldo I – Maria Antónia –

---

<sup>211</sup> Cf. Alain Tallon, *Conscience nationale et sentiment religieux en France au XVIIe siècle*, Paris, Presses universitaires de France, 2002.

<sup>212</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 13 de Maio de 1686, 52-IX-15 (BA), n.º 41, fl. 80-81 v.

<sup>213</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 28 de Janeiro de 1685, 52-IX-15 (BA), n.º 9, fl. 13-13 v.

que se passaram em Paris e em Versalhes, e que se revelou como outro momento em que a corte francesa se aprimorou. Refere Salvador Taborda que:

*A 24 deste mes se celebrou em Versalhes o matrimonio do Duq. de Borbon com Mad.<sup>le</sup> de Nantes, toda a corte de frança esteue naquelle dia fermosissima, tudo erã uistidos de ouro e de pedraria, e emfim ache o tal estropiado velho Principe de Condé estaua uestido de brocado de ouro q. pesaua m.<sup>lo</sup> maes do q. elle; el Rey com segunda casaca bordada toda de diamantes, os gentilhomens, Principes, Princesas, e Damas com toda a riqueza de bordados e de pedraria; aos noiuos deixarã estar so duas horas na cama, e a uista de m.<sup>tas</sup> pessoas, apartaraõ-nos, e durmiraõ em leitos separados<sup>214</sup>*

Através destas vivências, o diplomata pôde experimentar, em primeira mão, como a corte francesa se comportava em festa – o que vestiam<sup>215</sup> e o que jogavam<sup>216</sup> – e de certa forma isso contaminava na sua forma de estar, influenciando o seu próprio comportamento.

Vários momentos da vida pública do rei são igualmente narrados, nomeadamente notícias das várias doenças de Luís XIV, mas também a sua recuperação, quando por exemplo o rei é visto na cama a comer, em cena pública. Como Taborda Portugal declara:

*Aqui só temos de nouo durar ainda o achaque del Rey Xp.<sup>mo</sup>; mas delle está taõ melhorado q. 3.<sup>a</sup> fr.<sup>a</sup> passada me fez a honra de permitir q. o visse jantar no seu apozento, e estaua já leuantado e vestido.<sup>217</sup>*

As variadas descrições dos «achaques» do rei Cristianíssimo demonstram como

---

<sup>214</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 29 de Julho de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 22, fl. 41-41 v.

<sup>215</sup> O casaco de diamantes do rei Luís XIV e as pedrarias das roupas dos nobres são mencionadas nas cartas de Salvador, quando se refere a festas a que assiste em Versalhes, in Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 28 de Janeiro de 1685, 52-IX-15 (BA), nº 9, fl. 13-13 v.

<sup>216</sup> O jogo do “Lansquenet” – um jogo de cartas de origem Alemã, popular durante o reinado de Luís XIV, e proibido ao longo do mesmo, in Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 21 de Março de 1688, 52-IX-15 (BA), nº 97, fl. 193-194 v.

<sup>217</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 10 de Março de 1686, 52-IX-15 (BA), nº 36, fl. 69-69 v.

as suas doenças foram publicitadas, ajudando à construção da imagem real, a qual sem dúvida foi promovida junto todos os representantes de príncipes estrangeiros, entre os quais estava Salvador Taborda Portugal. Esta constante referência às doenças de Luís XIV pode também ser um motivo para preocupação de Salvador Taborda com as doenças de D. Pedro – talvez uma demonstração da sua absorção da cultura francesa, como foi refletido anteriormente.

A difusão da imagem régia de Luís XIV era também conseguida através da construção de estátuas do rei em diversas praças, para propagandear a pessoa régia e garantir a sua disseminação nos meios rurais.<sup>218</sup> O próprio enviado português assiste a este fenómeno, descrevendo que:

*O Duque de Laféüillade fez hũa praça e pos nella a estatua del Rey excelentemente obrada: na pianha estaõ 4 figuras de bronse em forma de escrauos presos com cadeas, huã della he hum velho com as Aguias Imperiaes, outra hum moço q. disem ser Italia dando chorosas satisfações, da mesma sorte Hespanha, e os Princepes do Norte. Os Ministros estrangeiros a quẽ tocaõ estas deuisas se mostraõ sintidos dellas nas conuersaçõs particulares.*<sup>219</sup>

Esta passagem é bastante reveladora da política de engrandecimento da imagem de Luís XIV, sobretudo no que toca à descrição da peanha da estátua. Por baixo da figura do rei temos quatro figuras que se encontram acorrentadas, como se tratassem de escravos de Luís XIV, as quais representam o Sacro Império, a Itália, a Espanha e os Países Nórdicos – o que se depreende é que o rei Cristianíssimo, em representação da França, estaria «acima» destes reinos. Toda esta descrição demonstra a exaltação à figura de Luís XIV.

Através destas passagens, assim, é possível comprovar aquilo que nos é dito pela vasta historiografia sobre esta época – uma corte francesa opulenta, com um rei soberano e dotado de poder absoluto, um cerimonial apertado, e uma imagem régia meticulosamente construída e cuidada, que transparecia para o autor um esplendor e

---

<sup>218</sup> Peter Burke, *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

<sup>219</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 7 de Abril de 1686, 52-IX-15 (BA), n.º 38, fl. 71-71 v.

reverência pelo monarca francês, o que se manifestava nestas cartas.

#### 4.5.O Homem por detrás das cartas

Mas se as cartas de Salvador Taborda Portugal servem para delinear a imagem de Luís XIV, melhor ainda servem para construir a sua própria imagem. Já alguns aspetos foram mencionados sobre as possíveis intenções por detrás das linhas escritas pelo diplomata, mas mais aspetos ressaltam à vista.

Para além das necessidades monetárias, ao longo das suas cartas são várias as ocasiões em que se nota que o enviado não quer estar em Paris, pois considera que já lá estava há tempo demais. Várias vezes pede para voltar para Lisboa, ou para ser colocado em Roma como representante, após o abandono do cargo pelo padre António Viera. Este cargo na Santa Sé chega mesmo a ser-lhe prometido várias vezes ao longo das cartas:

*Mais tarde ou mais cedo, não duuido q. irei a Roma se Deos me der vida e saude, pois a nomeação está feita: o quando deixarei esta Corte não sei posituam.te; mas ou em França, ou em Italia, sempre me terá VM. muito a suas ordens.*<sup>220</sup>

Contudo, e na realidade, esta promessa nunca se concretizaria, e o enviado acabou por morrer em Paris.

Ao longo de todas as cartas, Salvador Taborda Portugal agradece as notícias que D. João de Ataíde e Castro lhe dá do seu país e também as cartas que lhe envia simplesmente pela companhia que lhe fazem. Sente-se claramente sozinho em França, provavelmente influenciado pela morte de sua mulher, que, como referido, acontece poucos dias depois da sua chegada a Paris, ou pelo custo de vida elevado que não consegue suportar, e deseja voltar a Portugal, ou ir servir a corte portuguesa para Roma.

Estas cartas são o espelho de um oficial régio católico, zeloso e trabalhador, mas também solitário e pobre, que anseia por uma recompensa que considera merecida pelo seu trabalho, que infelizmente não chega a alcançar.

---

<sup>220</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 8 de Agosto de 1688, 52-IX-15 (BA), nº 80, fl. 159-159 v.

## 5. Conclusão

*Peço m.<sup>to</sup> a V. S. me faça m.<sup>ce</sup> de me não faltar com cartas suas, e de entender q. não tem quem mais o ame, nem mais o deseje siruir; p.<sup>a</sup> o q. estou pronto.*<sup>221</sup>

Até 1668, as cortes de França, das Províncias Unidas, de Inglaterra e da Santa Sé foram as que mais diplomatas portugueses receberam, fosse para ter proteção contra a Monarquia Hispânica, para a resolução de conflitos no ultramar, para obter o reconhecimento oficial da dinastia brigantina, ou para resolver os problemas das nomeações nas dioceses portuguesas. Este facto, demonstra a importância da diplomacia na consagração do poder da dinastia de Bragança como casa reinante.

Salvador Taborda Portugal, enviado especial a França entre 1677-1690, foi um exemplar homem da administração régia. A sua descendência, ainda que não nobre, e o seu exemplar percurso académico – se excluirmos o seu percalço com a Santa Inquisição – perfazem uma figura culta, humanista e católica. Salvador Taborda Portugal personifica, sem dúvida, alguns dos valores mais centrais do português do século XVII: o catolicismo, a devoção, o apego à tradição. A realização desta dissertação permitiu traçar uma imagem ampla não só do que Salvador Taborda Portugal experienciou em França, mas também do quadro geopolítico da Europa durante os anos de Seiscentos, através dos olhos do diplomata português com residência em Paris.

Uma das conclusões que se pode retirar com este estudo é o balizamento da vida e morte de Salvador. Aquilo que no início começou como um mistério, ao longo da investigação foi-se tornando mais claro – e se a sua morte já tinha como certa o ano de 1690, através da notícia da gazeta francesa *Mercure historique et politique*, podemos apontá-la com mais convicção para o mês de novembro, ainda que não tenhamos chegado a conhecer o motivo para o seu falecimento. Todavia, não existem registos nas suas memórias para esse último ano de serviço, possivelmente porque Salvador morreu antes do final do ano e não conseguiu compilar a obra que queria, ou porque estava demasiado doente para manter os seus relatos. É também por meio desta publicação, em conjunto com o que é proferido pelo próprio diplomata no seu processo do Tribunal do Santo Ofício, que se aponta para 1632 como o ano mais provável para o seu nascimento, não

---

<sup>221</sup> Carta de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro, Paris, 31 de Outubro de 1684, 52-IX-15 (BA), n.º 5, fl. 6-7.

obstante as diversas opções que não devem ser descuradas (1627-1632). Resulta, assim, desta investigação, que a hipótese mais sólida da data de nascimento do diplomata é a do ano de 1632, com base na notícia dada na gazeta francesa, pelas referências corretas que faz à infanta D. Isabel Josefa, bem como pelo o que é afirmado por Salvador no seu processo do Santo Ofício.

Ficam várias questões em aberto. Uma grande dúvida que carece ainda de resposta é o motivo que levou D. Pedro II a nomear Salvador Taborda Portugal para o cargo de enviado especial para França. Tendo em conta o seu percurso na administração da coroa, o passo mais lógico não seria ascender a Desembargador do Paço, por exemplo?

Tudo dependia, claro, da disponibilidade do cargo, e das pessoas disponíveis para o exercer. A verdade é que a figura de Salvador Taborda Portugal, no âmbito das carreiras letradas, insere-se um perfil muito típico do pós-Restauração da coroa. Estes homens eram recrutados na Universidade de Coimbra e ingressavam na magistratura diretamente para os Tribunais de Relação, ou seja, para o estatuto de desembargadores. Ao invés de se proporem para a carreira, eram canalizados – quer por pertencerem a famílias próximas da Casa Real, quer por terem produzido textos universitários que apoiavam a casa de Bragança – para o cargo de desembargadores, como uma recompensa, e ao mesmo tempo garantir a presença de elementos cultos nos tribunais superiores – foi este o percurso de Salvador, como mencionado anteriormente.

Todavia, a mercê de um cargo no Desembargo do Paço, embora frequente neste perfil, não era atingível por todos, e no caso do diplomata em causa, surgiu a opção de ocupar o cargo em Paris, que poderia ter uma recompensa ao regresso, assumindo a forma de aceleração de promoção.

No entanto, a correspondência analisada não transmite esse sentimento, de recompensa futura, dando ao invés pistas em como Taborda Portugal estava descontente com a sua estadia em Paris. A sua mulher morre pouco depois do diplomata ter chegado a Paris, o que contribui para o sentimento de isolamento e desterro. O facto de não ter dinheiro suficiente para viver em França agrava ainda mais a sensação de inadequação.

Salvador Taborda envia pedidos de dinheiro a D. Pedro, mas que se saiba não obtém resposta. Por várias vezes lhe é «prometido» que iria para Roma, como embaixador residente, mas esta promessa nunca se cumpre e o diplomata acaba por morrer no seu *prolongado desterro*. As cartas são todas envoltas em segredo, sendo que ele diz sempre

que irá destruir as cartas que recebe – e talvez por isso não se as consiga localizar. Todos estes fatores tornam a sua nomeação um pouco invulgar.

Mas outros motivos contribuem igualmente para a incongruência desta nomeação. Salvador Tabora Portugal vai para França como enviado especial, e não como embaixador residente ou ordinário – nem sequer como extraordinário. Todavia, tal como demonstrado ao longo desta dissertação, a corte francesa apresentava-se no Antigo Regime como um dos principais palcos da cena política europeia – ou pelo menos, onde grande parte desta se decidia – e a hegemonia de Luís XIV era inegável. Por que motivo não mereceu esta corte um embaixador, somente um enviado especial?

O nível do cargo desta missão, ou seja, o facto de ser apenas enviado especial, pode estar alinhado com a política de neutralidade de D. Pedro II, isto é, não demonstrar demasiada reverência a França, para não dar a entender que está a alinhar com esta, mas também não descurar totalmente a sua existência, mantendo lá o seu representante. A coroa portuguesa também beneficiava economicamente, pois os custos inerentes a um enviados especial eram menores que os de um embaixador residente.

Contudo, e mantendo a ideia de que a corte francesa era um dos locais mais importantes em termos políticos durante o século XVII, quanto mais importante fosse a autoridade do reino de destino, mais importante teria de ser o estatuto social do representante a ser enviado. Ora, como dito, apesar da ilustre família a que Salvador pertencia, este não era de condição nobre. Porquê enviar um homem de condição social mais baixa para a corte de Luís XIV?

Esta pergunta pode ser respondida, de certo modo, ao avaliar os conhecimentos e experiência de Salvador Tabora Portugal. A sua carreira académica e sólida experiência na administração régia permitiu, sem dúvida, uma boa manutenção da representação de Portugal na corte francesa do século XVII. Mas o facto de Tabora Portugal não ser parte da nobreza continua, ainda assim, a contribuir para incoerência desta nomeação, quanto mais não seja pela sua falta de rendimentos.

Uma temática transversal a toda a coleção de cartas é, então, a falta de dinheiro do enviado, e a diferença do custo de vida, mais elevado em Paris do que em Lisboa. Para começar, o primeiro documento da encadernação das cartas é uma cópia de uma petição para aumento da mesada feita por Salvador ao rei D. Pedro II, o que determina logo o tom de toda a coleção. Em diversas linhas pede ao seu correspondente para interceder por si

nesta demanda, referindo que não pode participar em todos os eventos que a corte francesa organiza, por exemplo, quando a corte se muda de Paris para Versalhes ou para Fontainebleau, devido aos gastos que essas deslocções exigem.

Como também foi dito, era esperado que os enviados portugueses conseguissem, de certa forma, sustentar-se a si próprios, através das suas rendas e dos seus privilégios, pois as verbas da coroa eram demasiado limitadas para garantir a subsistência de todos os seus representantes. Assim, custear uma vida em Paris exigia rendimentos elevados – algo que Salvador não tinha, a avaliar pelos seus constantes pedidos de dinheiro.

A nomeação de Salvador Tabora Portugal como enviado especial à corte francesa apresenta-se, talvez, como uma forma de colmatar dois problemas – nomeava-se um homem competente, inteligente e capaz para um cargo de extrema importância, a lidar a corte de Luís XIV, o *Rei Sol*, e a relatar todos os seus movimentos, para que a sua política expansionista não se virasse para Portugal, sem dar demasiada ênfase à designação propriamente dita, mantendo o título de enviado especial, sem grande poder de decisão, mas sim com poder de observação, e sobretudo, sem grandes custos adicionais para o reino português.

E a verdade é que Salvador cumpriu o seu cargo de forma exímia. Deixou todos os anos que passou na corte francesa documentados em memórias descritas, das quais há várias cópias.

Algo patente nas cartas de Salvador é a sua reprovação das contradições da política religiosa de Luís XIV – a luta contra o Império Otomano, mas depois a paz assinada com este, as alianças políticas e militares com os Príncipes Alemães protestantes, mas depois a revogação do Édito de Nantes. Tudo isto Tabora Portugal entende que são estratégias políticas e económicas que o monarca francês adota, ao invés de uma verdadeira devoção religiosa, como gostava de encenar. Também a vida de corte faustosa que Luís XIV preconizava, e que se mantinha mesmo durante os momentos religiosos em que se devia demonstrar penitência, contribuía para este sentimento que a religiosidade não era devidamente vivida e respeitada em França. Para Luís XIV, a religião era, no fundo, uma tática, um meio manobrável para atingir os fins desejados.

Assim, o pano de fundo da geopolítica europeia, alicerçado na querela religiosa da Reforma protestante e da Contra-Reforma católica, emerge mais como uma

legitimação «ideológica» para a perseguição de interesses económicos e territoriais, e não tanto como uma problemática teológica e religiosa em si mesma.

É importante não perder de vista, também, que Salvador Taborda Portugal esteve a viver em Paris, na corte de Luís XIV, encontrando-se no epicentro de toda a ação geopolítica da Europa, da qual durante este século França é protagonista – assiste e comenta em primeira mão a acontecimentos que outros só teriam acesso por via de terceiros, nomeadamente a formação da Grande Aliança, a Revogação do Édito de Nantes, a luta contra o Império Otomano e a subida ao poder de Guilherme III de Orange. No entanto, Salvador demonstra maior preocupação com uns assuntos, em detrimento de outros, e isto poder ser justificado pelo facto da importância de certos acontecimentos ser apenas capitulada pela repercussão que sabemos que estes tiveram no futuro.

No fundo, Salvador Taborda Portugal foi um dos poucos portugueses que teve o privilégio de assistir na corte de Luís XIV, conhecer as pessoas que o rodeavam, entender as suas motivações e conviver com a sua nobreza, estabelecendo novas relações que poderiam ser úteis para o reino de Portugal. Na verdade, este poderia ser mais um dos motivos para a escolha de Salvador para o cargo.

O facto de Salvador estar no epicentro da cultura de corte europeia permitiu também que testemunhasse a política propagandista de Luís XIV em prática, em grande parte impulsionada por Jean-Baptiste Colbert. Estes conhecimentos de gestão da imagem régia, vertidos nas suas Memórias deixadas ao rei português, terão sido porventura uma «mais valia» para o reino, apesar de não se saber se as suas obras foram conhecidas pelos monarcas portugueses.

A verdade é que a imagem de Luís XIV está patente em toda a correspondência analisada – as suas doenças, as suas melhoras, as suas deslocações, as suas decisões. Em mais do que uma missiva é relatado, por exemplo, o já mencionado desterro de membros da nobreza francesa para as suas terras por terem ido contra o parecer do rei. Como o rei passava a maior parte do seu tempo em Versalhes, Saint-Germain e Fontainebleu, significava que estes dignitários iriam estar afastados dos centros de decisão política, o que demonstra a importância deste acontecimento como privança da vida de corte e castigo da aristocracia.

Em relação à corte portuguesa e D. Pedro II, é visível a preocupação de Salvador Taborda com o estado de saúde do rei e a sucessão da dinastia de Bragança, pois se

houvesse uma mudança no trono português, poderia afetar o cargo do diplomata, nomeadamente, perder os seus privilégios e estatuto.

A ideia de que, após o fim da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e com a Paz de Vestefália, a Europa tinha entrado num tempo de paz é completamente desmentida pelas missivas de Salvador Taborda Portugal. Muito pelo contrário, as suas cartas demonstram uma tensão constante entre a França e qualquer outra potência europeia. O clima de tensão era constante, e provinha de todos os lados – Espanha, Inglaterra, Sacro-Império, Império Otomano, bem como os conflitos nos territórios ultramarinos – pelo que de paz foi pouco o que Salvador assistiu. Estas tensões e conflitos constantes transmitiam uma sensação de perigo iminente ao enviado português. Este estava incessantemente a mencionar os novos inimigos que a França colecionava, ou as batalhas que travava. Sentia-se incomodado, também, com a conduta da própria nobreza francesa, que como ele descrevia, mantinha a sua vida como se nada se passasse, algo que Salvador Taborda acaba por não compreender.

Pode assim dizer-se que as epístolas em causa apresentam valor para a história, pois dão contributos para factos históricos e confirmam muito do que é dito para a conjuntura política, militar e cultural deste século – a figura de Luís XIV e a vida da sua corte, política europeia e a alianças formadas, a tensão entre católicos e protestantes, entre outros assuntos que as linhas de Salvador Taborda relatam.

A investigação nos vários arquivos mencionados foi importantíssima para a construção desta imagem de Salvador. Mesmo em França existem algumas cartas particulares de Salvador Taborda a *ministros* que ele não identifica, mas que puderam contribuir ainda mais para a captação do perfil humano por detrás do diplomata.

Ficam em aberto várias linhas interessantes de investigação desta temática. Desde logo, fazer uma transcrição das cartas em questão, para uma melhor consulta, visto que estão em manuscrito, e o exemplar da Biblioteca da Ajuda é o único do qual se conhece a existência. Uma transcrição permitiria uma maior conservação da obra original, bem como uma melhor disseminação desta.

Um segundo aspeto importante a abordar no que toca à figura de Salvador Taborda Portugal seria a exploração das suas Memórias. Para a dissertação em questão este documento foi apenas consultado, mas saindo fora do objeto de estudo, carecem de uma análise mais detalhada. Por exemplo, um confronto mais sistemático entre os assuntos

abordados nas epístolas do enviado e os que surgem nas suas Memórias – que assuntos têm mais ênfase? De que forma aborda certos assuntos num documento e noutro?

Mas os possíveis estudos destas Memórias não ficam por aqui. Tentar entender por que motivo existem tantas versões e cópias deste espólio documental – e espalhadas por tantos arquivos e bibliotecas – é uma questão que grita por resposta. Um estudo crítico cotejando as várias versões seria algo importante a fazer, também.

Algo imprescindível seria também analisar até que ponto estas Memórias – que acabam por funcionar como os diários do embaixador – representavam aquilo que Salvador Taborda realmente viveu e sentiu, ou se eram simplesmente baseadas nas notícias que saíam nas gazetas francesas da época. Será que Salvador testemunhou, efetivamente, todos os acontecimentos que reporta? Se fosse feita uma comparação com as gazetas francesas, encontrar-se-iam semelhanças de discurso, ou de organização?

Por último, seria também um contributo para a comunidade historiográfica a transcrição destas memórias, visto que também são manuscritas, e apesar de existirem várias cópias, a consulta das mesmas pode deteriorá-las.

Apesar de se afigurar como um homem conservador e católico, nas suas epístolas, Salvador Taborda raramente fala da sua família – não menciona nunca a sua esposa e refere apenas a sua filha ou os seus irmãos em momentos pontuais. Contudo, a sua estabilidade económica preocupa-o, não só por si, mas também pelo futuro da sua filha, daí ele querer casá-la com o tio, seu irmão, que tinha bons rendimentos devido ao seu serviço no ultramar, para além de também desejar ser nomeado para Roma, para facilitar a dispensa para este casamento, mas também para garantir melhores rendimentos para si.

Salvador Taborda Portugal não era um homem fundamentalista no que toca à religião católica, algo que se poderia depreender pela sua fervorosa devoção católica vertida nas suas cartas. No entanto, apesar de ser contra os protestantes, reconhece o valor dos seus homens (a amizade com o protestante Marechal Schomberg); não concorda com divertimentos de corte excessivos durante tempos de reflexão católica e de penitência, mas não deixa de dar valor aos entretenimentos a que tem acesso e deseja participar neles.

A trajetória de Salvador Taborda Portugal pode ser resumida em três fases – a primeira, o seu percurso académico em Coimbra com licença e doutoramento em Leis; a segunda, a sua passagem pelo oficialato régio e a sua progressão de carreira (desembargador da Relação do Porto, desembargador da Casa da Suplicação, Juiz dos

feitos da Coroa); e por último, a sua carreira diplomática, consumada com a sua enviatura a Paris, a representar D. Pedro II na corte de Luís XIV. Nesta última, a fase maioritariamente estudada nesta investigação, demonstrou ser um oficial exemplar, dedicado e trabalhador. Não tinha poder de decisão, mas sim de observação, e nisso foi bastante cumpridor, com toda a documentação oficial que deixou. As cartas estudadas são apenas uma faceta deste diplomata, mais relaxada e informal, por serem em contexto privado, mas que não contrariam esta imagem de zelo pelas suas funções.

O enviado não era, claramente, uma personagem à frente do seu tempo, com um pensamento inovador ou iluminado. Na verdade, Salvador Taborda Portugal era um homem inserido no seu tempo.

## 6. Bibliografia

### Instrumentos de Pesquisa

Catálogo online Arquivo Nacional Torre do Tombo

<https://digitarq.arquivos.pt/>

Catálogo online Arquivo da Universidade de Coimbra

<https://pesquisa.auc.uc.pt/>

Catálogo online Biblioteca Nacional de França

<https://catalogue.bnf.fr/index.do>

Catálogo online Biblioteca Nacional de Portugal

<http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>

GOMES, Fátima, *Inventário da correspondência de Salvador Taborda Portugal para D. João de Ataíde e Castro (com notícias)*, datilografado, Biblioteca da Ajuda, 2011.

### Fontes

#### Fontes manuscritas

Arquivo Nacional Torre do Tombo

*Afonso VI*, 30, 143 e 42, 340.

*Carta de Salvador Taborda, ministro em Paris, para um ministro*, Manuscritos da Livraria, n.º 167 (203).

*Cartas de Salvador Taborda Portugal, ministro de Portugal em França, para um ministro*, Manuscritos da Livraria, n.º 168 (34).

*Memória dos sucessos mais notáveis que aconteceram em Europa e nas mais partes do mundo desde o ano de 1678 até o de 1682 por Salvador Taborda Portugal enviado de [...] D. Pedro II a [...] Luís XIV escritas pelo padre Manuel Tomás Machado, bernardo na igreja da Madalena [...], Manuscritos da Livraria, n.º 460.*

*Memória dos sucessos mais notáveis que aconteceram em Europa e nas mais partes do mundo desde o ano de 1683 até o de 1689 por Salvador Taborda Portugal enviado de [...] D. Pedro II a [...] Luís XIV escritas pelo padre Manuel Tomás Machado, bernardo na igreja da Madalena [...]. Tomo segundo, Manuscritos da Livraria, n.º 461.*

*Memórias de Salvador Taborda Portugal desde o ano de 1683 até 1689, tomo 2º, Manuscritos da Livraria, n.º 1043.*

*Memórias dos sucessos mais notáveis que aconteceram em Europa e nas mais partes do mundo, desde o ano de 1678 até o de 1682 por Salvador Taborda Portugal, enviado de Sua Majestade portuguesa, o senhor rei D. Pedro II, à Majestade Cristianíssima de Luís XIV. Tomo primeiro. Copiadas na cidade de Lisboa, no ano de 1785, Manuscritos da Livraria, n.º 451.*

*Memórias dos sucessos mais notáveis que aconteceram em Europa e nas mais partes do mundo, desde o ano de 1683 até o de 1689 por Salvador Taborda Portugal, enviado de Sua Majestade portuguesa, o senhor rei D. Pedro II, à Majestade Cristianíssima de Luís XIV. Tomo segundo. Copiadas na cidade de Lisboa, no ano de 1785, Manuscritos da Livraria, n.º 452.*

*Memórias dos sucessos mais notáveis que aconteceram na Europa e mais partes do mundo desde 1683 até 1689 por Salvador Taborda Portugal, enviado de Sua Majestade portuguesa ao rei Cristianíssimo, tomo 2º, Manuscritos da Livraria, n.º 1045.*

*Memórias dos sucessos notáveis da Europa desde 1677 até 1682 por Salvador Taborda Portugal, Enviado de Portugal na corte de França, tomo 1º, Manuscritos da Livraria, n.º 1042.*

*Memórias dos sucessos notáveis da Europa desde 1678 até 1682 por Salvador Taborda*

*Portugal, Enviado de Portugal na corte de França, tomo 1º*, Manuscritos da Livraria, n.º 1044.

*Memórias dos sucessos que aconteceram em França e na maior parte da Europa no tempo que assisti naquela corte, com a ocupação de enviado do sereníssimo príncipe regente, depois rei de Portugal, D. Pedro II, nosso senhor, ao rei cristianíssimo Luís XIV*, Manuscritos da Livraria, n.º 693.

*Processo de leitura do bacharel Salvador Tabora Portugal*, Desembargo do Paço, Leitura de bacharéis, letra S, mç. 5, n.º 17.

*Processo de Salvador Tabora*, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Coimbra, proc. 8159.

*Registo Geral de Mercês*, Mercês de D. Pedro II, liv. 2, f.110.

*Registo Geral de Mercês*, MMCR, III, f. 197.

#### Biblioteca da Ajuda

*Cartas do Inviado Salvador Tabora p[ara] D. João de Atayde*, Paris, 1684-1690, 52-IX-15.

*Memórias dos sucessos que acontecerão em França, e na mayor parte da Europa, no tempo que Salvador Tabora Portugal assistio naquella Corte com a occupação de Inviado do Serenissimo Príncipe Regente, depois Rey D. Pedro 2º N. Sr. a El-Rey Christianissimo Luiz 14º*. – 49-X-15 a 17.

*Memórias dos Sucessos q/ acconteceraõ em França, e na mayor parte da Europa no tempo em que assistia naquella Côrte o Dezembargador Salvador Tabora Portugal com a Occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente, depois Rey de Portugal, D. Pedro II a ElRey Christianissimo Luis XIV. Author o mesmo Dezembargador Salvador Tabora. Portugal*. – 49-X-18 e 19.

Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

*Memórias dos sucessos que aconteceram em França e na maior parte da Europa no tempo que assistiu naquela corte com a ocupação de Enviado do Sereníssimo Príncipe Regente, depois Rei D. Pedro II, a el-Rei Luís XIV*, COD. 118-119.

Biblioteca Nacional de Portugal

[Obras várias] [Manuscrito], [Salvador Taborda Portugal], COD. 11467.

*Memorial de Ministros*, cód. 1079, f. 433.

*Memorias De Salvador Taborda Portugal* [ Manuscrito], COD. 239.

*Memorias Dos mais notaveis sucessos Que Acontecerão no Mundo com especialidade na Europa / Feitas Por Salvador Taborda Portugal Enviado del Rey D[om] Pedro. 2. de Portugal na Corte de França, no tempo em q[ue] nella reynava Luis. 14* [Manuscrito], COD. 10861.

*Memorias dos successos que acontecerão em França e na mayor parte da Europa no tempo que assisty naquella Corte com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente depois Rey Dom Pedro 2º Nosso Sor. a el-Rey Christianissimo Luis XIII / o author Salvador Taborda Portugal* [ Manuscrito], COD. 12895.

*Memorias Dos Successos que acontecerão em França, e na mayor parte da Europa no tempo que assisty naquella Corte, com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente, depois Rey D[om] Pedro 2o Nosso S[e]n[ho]r A El Rey christianissimo Luis XIII / Author Salvador Taborda Portugal* [ Manuscrito], COD. 8557 e COD. 8558.

*Memorias Dos Successos que Acontecerão em França, e na mayor parte da Europa. No tempo que assistio na quella Corte com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente despois [sic] Rey Dom Pedro II Nosso Senhor A El Rey Christianissimo Luis XIV / O Autor Salvador Taborda Portugal Tomo 1º* [ Manuscrito], COD. 8815.

*Memorias Dos Suçessos, que acontecerão em França, e na mayor parte da Europa no tempo que assisti na quella Corte com a occupação de Inviado do Serenissimo Principe Regente, depois Rey destes Reynos de Portugal D[om] Pedro. II. N[osso] S[enhor] A El Rey Christianissimo Luis XIII / o author Salvador Taborda Portugal [ Manuscrito], COD. 8816, COD. 8817, COD. 8818 e COD. 8819.*

#### Biblioteca Nacional de França

Département des manuscrits, Portugais 32, MF 9280, fl. 128-128v., 142-142 v., 159-160, 180-180 v., 272.

Département des manuscrits, Portugais 24, fl. 170-170 v.

Département des manuscrits, Portugais 30, MF 21064, fl. 459-469.

#### **Fontes impressas**

##### Arquivo da Universidade de Coimbra

*Salvador Taborda Portugal*, PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/P/007860.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronológica*, Lisboa, na Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1771, Tomos I a IV.

*Mercure galante*, 1687 in

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6248452c/fl89.item.r=Portugal> consultado a 24 de Janeiro de 2018.

*Mercure historique et politique*, 1690, T. 9. in

<https://books.google.fr/books?id=PRQVAAAAQAAJ&hl=fr> consultado a 4 de Agosto de 2018.

SAINTE-MARIE, Anselme de, *Histoire généalogique et chronologique de la maison royale de France*, Paris, La compagnie des libraires, 1726.

## Estudos

ALMEIDA, Luís Ferrand de, *A colónia do Sacramento na época da sucessão de Espanha*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973.

AMES, Glenn J., *Renascent empire?: the house of Braganza and the quest for stability in Portuguese monsoon Asia, c. 1640-1683*, Amesterdão, Amsterdam University Press, 2000.

ASCH, Ronald G. *The Thirty Years' War: the Holy Roman Empire and Europe, 1618-48*, New York, St. Martin's Press, 1997.

BEIK, William, "Review Article *The absolutism of Louis XIV as social collaboration*", in *Past & Present*, nº188, 2005, pp. 195-224.

BLACK, Maria Luísa de Bivar, *Um escrivão da puridade no poder: o Conde de Castelo Melhor, 1662-1667*, Lisboa, S.P.B. Editores e Livreiros, 1995.

BOXER, C. R. e AZEVEDO, C, de, *A fortaleza de Jesus e os Portugueses em Mombaça (1593-1729)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarino, 1960.

BRAGA, Isabel Drumond e BRAGA, Paulo Drumond, *Duas rainhas em tempos de novos equilíbrios europeus. Maria Francisca Isabel de Saboia. Maria Sofia Isabel de Neuburg*, Maia, Círculo de Leitores, 2011.

BURKE, Peter, *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

CARDIM, Pedro (coor.), *Grande História Universal – A Contra Reforma. A Guerra dos Trinta Anos*, vol. XIV, Alfragide, Ediclube, 2010.

CARDIM, Pedro (coor.), *Grande História Universal – O apogeu da Idade Moderna*, vol. XV, Alfragide, Ediclube, 2010.

CARDIM, Pedro, “A prática diplomática na Europa do Antigo Regime”, in *História e Relações Internacionais*, Évora, Publicações do Cidehus, 2004.

CARDIM, Pedro, “Embaixadores e representantes diplomáticos da Coroa portuguesa no século XVII”, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XV, IIª Série, 2002, pp. 47-86.

COSTA, João Camilo, *O cerimonial na construção do Estado Moderno Portugal no concerto europeu (1640-1704)*, Tese de mestrado, História das Relações Internacionais, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2013, p. 41 in <http://hdl.handle.net/10451/9536> consultado a 10 de Abril de 2019.

CUHAJ, George, *Standard catalog of world coins, 1601-1700*, Ohio, Krause Publications, 2009.

ELIAS, Norbert, *A sociedade de corte*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

FARIA, Ana Maria Homem Leal de, *Duarte Ribeiro de Macedo: Um diplomata moderno (1618-1680)*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2005.

FARIA, Ana Maria Homem Leal de, *O Tempo dos diplomatas. Estudo sobre o processo de formação da diplomacia moderna e o seu contributo na tomada de decisão política (1640/1-1736/50)*, 2003/2004.

FARIA, Ana Maria Homem Leal de, *Os cadernos de Duarte Ribeiro de Macedo: correspondência diplomática de Paris 1668-1676*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2007.

HAGERDAL, Hans, *Lords of the land, lords of the sea: conflict and adaptadion in early colonial Timor, 1600-1800*, Leiden, KITLV Press, 2012.

*Histoire mondiale de la France*, dir. Patrick Boucheron, Paris, Seuil, 2017.

*História da vida privada em Portugal – A Idade Moderna*, coord. Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Temas e Debates, 2011.

*História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)*, dir. José Mattoso, coord. António Hespanha, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. 4.

HOWARD, Douglas A., *A history of the Ottoman Empire*, Cambridge University Press, Cambridge, 2017.

HUTTON, Ronald, *Charles the Second: king of England, Scotland, and Ireland*, Oxford, Clarendon Press, 1989.

LANDEIRO, José Manuel, *O concelho de Penamacor na história, na tradição e na lenda*, Fundão, Tipografia do Jornal do Fundão, 1982.

LANGHANS, F. P. de Almeida, *Fundamentos jurídicos da monarquia portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1951.

LOURENÇO, Maria Paula Marçal, *D. Pedro II. O Pacífico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

MACEDO, Carlos Lemonde de, *O tempo e a hora. Evocações de diplomata e de escritor*, Lisboa, Flórida Gráfica, 1991.

MAGALHÃES, José Calvet de, *Manual diplomático. Direito diplomático. Prática diplomática*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1985.

MARIN, Louis, *Le portrait du roi*, Paris, Minuit, 1981.

MARTIN, Meredith, “Mirror Reflections: Louis XIV, Phra Narai, and the material culture of kingship”, in *Art History*, 38, 2015, pp. 652-667.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo, “Casamento, celibato e reprodução social: a aristocracia portuguesa nos séculos XVII e XVIII”, in *Análise Social*, vol. XXVIII (123-124), 1993 pp. 921-950.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *O crepúsculo dos Grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

MONTEIRO, Nuno, “Idade Moderna (séculos XV-XVIII)” in *História de Portugal*, coordenado por Rui Ramos, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

MONTEIRO, Nuno, CARDIM, Pedro e FELISMINO, David, “A diplomacia portuguesa no antigo regime. Perfil sociológico e trajectórias”, in MONTEIRO, Nuno et al., *Optima Pars – Elites Ibero-Americanas do Antigo Regime*, Lisboa, 2005, pp. 277-335.

MOTA, Guilhermina, “A Igreja, a mulher e o casamento no século XVIII” in *Mulher. Espírito e Norma*, São Cristóvão de Lafões, 2009, pp. 103-118.

NANIE, Bridgman, “L'aristocratie française et le ballet de cour”, in *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*, 1957, n°9. pp. 9-21.

*Nova História de Portugal. Volume VII – Portugal, da paz da Restauração ao ouro do Brasil*, coord. Avelino Freitas de Meneses, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

PEREIRA, Ana Cristina Duarte, *Princesas e Infantas de Portugal (1640-1736)*, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

PIMENTEL, António Flípe, “D. João V e a festa devota: do espectáculo da política, à política do espectáculo”, in *Arte efêmera em Portugal*, coord. João Castel-Branco Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 150-165.

QUIETO, Pier Paolo, *D. João V de Portugal. A sua influência na arte italiana do séc. XVIII*, Lisboa, Edição Elo, 1990.

ROBERTS, Richard, e KYNASTON, David, *The Bank of England: money, power and influence 1694-1994*, Oxford, Oxford University Press, 1995.

ROOSEN, William, “Early Modern Diplomatic Ceremonial: A Systems Approach”, in *The Journal of Modern History*, vol. 52, nº 3, 1980, pp. 452-476.

ROOSEN, William, “The Function of Ambassadors under Louis XIV”, in *French Historical Studies*, vol. 6, nº 3, 1970, pp. 311-332.

ROWLANDS, Guy, “Foreign service in the age of absolute monarchy: Louis XIV and his forces étrangères”, in *War in History*, 17(2), 2010, pp. 141–165.

SILVA, L.A.R. *Corpo diplomático português*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1862.

SOUSA, Manuel Francisco de Barros e, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo*, Tomo IV, Parte II, Paris, 1854.

STAPLETON, John M., “Forging a coalition army: William III, the Grand Alliance, and the Confederate Army In The Spanish Netherlands, 1688-1697”, Dissertação de Doutorado. The Ohio State University, 2003.

STERNBERG, Giora, “Epistolary ceremonial: corresponding status at the time of Louis XIV”, in *Past and Present*, nº 204, 2009, pp. 33-88.

SUBTIL, José, “Os poderes do centro”, MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal. Quarto Volume – o Antigo Regime (1620-1807)*, coordenado por António Hespanha, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 157-271.

TALLON, Alain, *Conscience nationale et sentiment religieux en France au XVIIe siècle*, Paris, Presses universitaires de France, 2002.

TEDIM, José Manuel, “Aparatos fúnebres, ecos saudosos nas exéquias de D. Pedro II e de D. João V”, in *Arte efémera em Portugal*, coord. João Castel-Branco Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 236-251.

TREASURE, Geoffrey, “The Fronde, part I: the revolt of the lawyers”, in *History Today*, Vol. 28 Issue 6, 1978, pp. 353-363.

TREASURE, Geoffrey, “The Fronde, part II: the battle for France”, in *History Today*, Vol. 28 Issue 7, 1978, pp. 436-445.

TROOST, Wouter, "Leopold I, Louis XIV, William III and the origins of the war of the Spanish succession", in *The Journal of the Historical Association*, 2018, pp. 545-570.

VINCENT, Monique, *Mercure Galant, extraordinaire, affaires du temps. Table analytique contenant l'inventaire de tous les articles publiés 1672-1710*, Honoré Champion, Paris, 1998.

WAQUET, Jean-Claude, “Les écrits relatifs à l’ambassadeur et à l’art de négociier: «un genere di riconoscibile omogeneità»? in *De l’ambassadeur: Les écrits relatifs à l’ambassadeur et à l’art de négociier du Moyen Âge au début du xixe siècle*, Roma, Publications de l’École française de Rome, 2015, in <<http://books.openedition.org/efr/2896>>, consultado a 13 de Setembro de 2018.

XAVIER, Ângela Barreto, e CARDIM, Pedro, *D. Afonso VI*, Lisboa, Temas e Debates, 2008.

## 7. Índice de Figuras

Fig. 1 – Genealogia de Luís XIV.....	p. 15
Fig. 2 – <i>Acquisitions territoriales de Louis XIV</i> .....	p. 18
Fig. 4 – Distribuição das 138 cartas enviadas por Salvador Taborda Portugal por ano.....	p. 60
Fig. 4 – Distribuição das 138 cartas enviadas por Salvador Taborda Portugal por meses.....	p. 61

## **8. Anexos**

Anexo I – Catalogação das cartas de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro

Anexo II – Quadro cronológico comparativo de Salvador Taborda Portugal, Luís XIV de França e D. Pedro II de Portugal

**Anexo I - Catalogação das cartas de Salvador Taborda Portugal a D. João de Ataíde e Castro**

**Temáticas**

Nr	Data	Ref	Notícias da Europa	Notícias de Portugal	Conflitos de Luis XIV	Pedidos de dinheiro	Cordialidades entre correspondentes	Corte de Paris	Troca de Produtos
Carta-3	27/10/84	BA52-IX-15,nº6(fl9-9v)				1	1		
Carta-2	31/10/84	BA52-IX-15,nº5(fl6-7)	1		1	1	1		
Carta-4	05/11/84	BA52-IX-15,nº7(fl10)			1		1		
Carta-5	19/11/84	BA52-IX-15,nº8(fl12-12v)				1	1		
Carta-1	03/12/84	BA52-IX-15,nº4(fl5-5v)					1	1	
Carta-6	28/01/85	BA52-IX-15,nº9(fl13-13v)			1		1	1	1
Carta-7	11/02/85	BA52-IX-15,nº10(fl14-15v)		1	1	1	1		1
Carta-8	25/02/85	BA52-IX-15,nº11(fl18-19v)	1				1		1
Carta-9	11/03/85	BA52-IX-15,nº12(fl20-21v)	1	1		1		1	
Carta-10	25/03/85	BA52-IX-15,nº13(fl22-23)			1				
Carta-11	08/04/85	BA52-IX-15,nº14(fl24-25v)					1		1
Carta-12	22/04/85	BA52-IX-15,nº15(fl26-27v)				1	1		
Carta-13	06/05/85	BA52-IX-15,nº16(fl28-29v)			1		1		1
Carta-14	20/05/85	BA52-IX-15,nº17(fl30-31)	1	1		1	1	1	1
Carta-15	02/06/85	BA52-IX-15,nº18(fl32-33)	1	1	1	1	1	1	
Carta-16	17/06/85	BA52-IX-15,nº19(fl34-35v)			1	1	1		
Carta-17	01/07/85	BA52-IX-15,nº20(fl36-37v)	1			1	1		1
Carta-18	15/07/85	BA52-IX-15,nº21(fl38-39)	1			1	1	1	
Carta-19	29/07/85	BA52-IX-15,nº22(fl41-41v)	1			1	1	1	
Carta-20	12/08/85	BA52-IX-15,nº23(fl42-43v)	1		1			1	
Carta-21	26/08/85	BA52-IX-15,nº24(fl44-44v)							
Carta-22	02/09/85	BA52-IX-15,nº25(fl45-45v)	1						
Carta-23	09/09/85	BA52-IX-15,nº26(fl46-46v)	1			1			1
Carta-24	16/09/85	BA52-IX-15,nº27(fl47-47v)	1		1		1		
Carta-25	23/09/85	BA52-IX-15,nº28(fl48-49)	1			1		1	
Carta-26	30/09/85	BA52-IX-15,nº29(fl54-54v)				1			
Carta-27	09/10/85	BA52-IX-15,nº30(fl55-56)					1		1

Nr	Data	Ref	Notícias da Europa	Notícias de Portugal	Conflitos de Luis XIV	Pedidos de dinheiro	Cordialidades entre correspondentes	Corte de Paris	Troca de Produtos
Carta-28	21/10/85	BA52-IX-15,nº31(58-58v)			1	1	1		
Carta-29	04/11/85	BA52-IX-15,nº127(fl252-252v)			1	1	1		1
Carta-30	18/11/85	BA52-IX-15,nº32(fl59-59v)						1	
Carta-31	16/01/86	BA52-IX-15,nº33(fl60-60v)			1	1	1		
Carta-32	27/01/86	BA52-IX-15,nº33a(fl61-61v)				1			
Carta-33	10/02/86	BA52-IX-15,nº34(fl62)		1				1	
Carta-34	24/02/86	BA52-IX-15,nº35(fl68-68v)			1				
Carta-35	10/03/86	BA52-IX-15,nº36(fl69-69v)		1	1			1	
Carta-36	24/03/86	BA52-IX-15,nº37(fl70-70v)			1	1			
Carta-37	07/04/86	BA52-IX-15,nº38(fl71-71v)				1	1		
Carta-38	21/04/86	BA52-IX-15,nº39(fl72-72v)	1		1	1	1		
Carta-39	07/05/86	BA52-IX-15,nº40(fl73-74v)		1	1		1		
Carta-40	13/05/86	BA52-IX-15,nº41(fl80-81v)				1		1	1
Carta-41	02/06/86	BA52-IX-15,nº44(fl84-84v)	1		1			1	
Carta-42	16/06/86	BA52-IX-15,nº42(fl82-82v)					1		1
Carta-43	30/06/86	BA52-IX-15,nº43(83-83v)	1		1		1		
Carta-44	14/07/86	BA52-IX-15,nº45(fl85-85v)	1		1				
Carta-45	28/07/86	BA52-IX-15,nº46(fl86-87)	1	1	1				1
Carta-46	11/08/86	BA52-IX-15,nº47(fl92-92v)	1	1	1				
Carta-47	25/08/86	BA52-IX-15,nº48(fl93-94)	1				1	1	1
Carta-48	01/09/86	BA52-IX-15,nº49(fl96-97)		1			1		1
Carta-49	08/09/86	BA52-IX-15,nº50(fl98-99)	1					1	
Carta-50	15/09/86	BA52-IX-15,nº51(fl100-100v)	1					1	
Carta-51	22/09/86	BA52-IX-15,nº52(fl101-102)	1			1			1
Carta-52	29/09/86	BA52-IX-15,nº53(fl104-104v)					1		
Carta-53	06/10/86	BA52-IX-15,nº54(105-106v)	1	1			1	1	1
Carta-54	20/10/86	BA52-IX-15,nº55(fl108-108v)	1	1		1			
Carta-55	03/11/86	BA52-IX-15,nº56(fl109-110v)	1	1	1				1
Carta-56	17/11/86	BA52-IX-15,nº57(fl112-112v)	1	1	1			1	
Carta-57	07/01/87	BA52-IX-15,nº58(fl113-113v)						1	
Carta-58	08/02/87	BA52-IX-15,nº59(114-115)	1				1		1

Nr	Data	Ref	Notícias da Europa	Notícias de Portugal	Conflitos de Luis XIV	Pedidos de dinheiro	Cordialidades entre correspondentes	Corte de Paris	Troca de Produtos
Carta-59	23/02/87	BA52-IX-15,nº60(fl118-119v)			1				1
Carta-60	03/03/87	BA52-IX-15,nº61(fl120-120v)	1		1		1		1
Carta-61	23/03/87	BA52-IX-15,nº62(fl121-121v)	1		1		1		
Carta-62	20/04/87	BA52-IX-15,nº63(fl122-122v)	1		1		1	1	
Carta-63	18/05/87	BA52-IX-15,nº64(fl123-124)	1		1		1	1	
Carta-64	01/06/87	BA52-IX-15,nº65(fl128-128v)	1						
Carta-65	15/06/87	BA52-IX-15,nº66(fl129-130)		1		1	1	1	1
Carta-66	29/06/87	BA52-IX-15,nº66a(fl132)		1			1	1	
Carta-67	13/07/87	BA52-IX-15,nº67(fl133-134)	1				1		
Carta-68	27/07/87	BA52-IX-15,nº68(fl136-136v)		1				1	
Carta-69	10/08/87	BA52-IX-15,nº69(fl137-138)	1	1	1		1	1	
Carta-70	24/08/87	BA52-IX-15,nº70(fl140-141)	1				1		
Carta-71	07/09/87	BA52-IX-15,nº71(fl142-143)					1	1	1
Carta-72	21/09/87	BA52-IX-15,nº72(fl144-145)		1			1	1	1
Carta-73	09/10/87	BA52-IX-15,nº73(fl146-147)		1	1			1	1
Carta-74	19/10/87	BA52-IX-15,nº74(fl148-149)	1	1			1		1
Carta-75	02/11/87	BA52-IX-15,nº75(fl150-150v)		1				1	
Carta-76	16/11/87	BA52-IX-15,nº76(fl151)					1		
Carta-77	30/11/87	BA52-IX-15,nº77(fl152-152v)			1	1	1		1
Carta-78	14/12/87	BA52-IX-15,nº78(fl153-153v)		1		1		1	1
Carta-79	28/12/87	BA52-IX-15,nº79(fl154)			1		1		1
Carta-80	11/01/88	BA52-IX-15,nº92(fl181-182)				1	1		
Carta-81	25/01/88	BA52-IX-15,nº93(fl185-186)			1	1	1		
Carta-82	08/02/88	BA52-IX-15,nº94(fl187-188)			1			1	
Carta-83	22/02/88	BA52-IX-15,nº95(fl189-190v)			1		1		
Carta-84	07/03/88	BA52-IX-15,nº96(fl191-192)		1				1	1
Carta-85	21/03/88	BA52-IX-15,nº97(fl193-194v)				1	1	1	
Carta-86	04/04/88	BA52-IX-15,nº98(fl195-195v)			1	1	1		
Carta-87	18/04/88	BA52-IX-15,nº99(fl196-196v)			1	1	1		
Carta-88	02/05/88	BA52-IX-15,nº100(fl197-198)					1		
Carta-89	16/05/88	BA52-IX-15,nº101(201-201v)					1	1	1

Nr	Data	Ref	Notícias da Europa	Notícias de Portugal	Conflitos de Luis XIV	Pedidos de dinheiro	Cordialidades entre correspondentes	Corte de Paris	Troca de Produtos
Carta-90	29/05/88	BA52-IX-15,nº102(fl202-202v)					1		1
Carta-91	13/06/88	BA52-IX-15,nº103(fl205-205v)					1		
Carta-92	29/06/88	BA52-IX-15,nº104(fl206-206v)	1		1			1	
Carta-93	11/07/88	BA52-IX-15,nº105(fl207-208)	1	1					
Carta-94	25/07/88	BA52-IX-15,nº106(fl211-211v)							1
Carta-95	08/08/88	BA52-IX-15,nº80(fl159-159v)			1		1		
Carta-96	22/08/88	BA52-IX-15,nº81(fl160-161)							1
Carta-97	05/09/88	BA52-IX-15,nº82(fl163-164)			1	1			1
Carta-98	19/09/88	BA52-IX-15,nº83(fl165-165v)		1	1		1		1
Carta-99	03/10/88	BA52-IX-15,nº84(fl166-166v)			1			1	
Carta-100	17/10/88	BA52-IX-15,nº85(fl.167)					1		
Carta-101	30/10/88	BA52-IX-15,nº86(fl168-169)	1	1	1				
Carta-102	14/11/88	BA52-IX-15,nº87(fl173-173v)	1		1		1		
Carta-103	23/11/88	BA52-IX-15,nº88(fl174-174v)					1		
Carta-104	27/11/88	BA52-IX-15,nº89(fl175-176)	1		1	1	1		
Carta-105	12/12/88	BA52-IX-15,nº90(fl179)	1				1		
Carta-106	24/12/88	BA52-IX-15,nº91(fl180-180v)	1				1		1
Carta-107	09/01/89	BA52-IX-15,nº107(fl212-212v)	1	1	1		1	1	
Carta-108	06/02/89	BA52-IX-15,nº108(fl213-213v)	1	1	1				
Carta-109	20/02/89	BA52-IX-15,nº109(fl214)	1	1	1				
Carta-110	06/03/89	BA52-IX-15,nº110(fl215)	1		1		1		
Carta-111	16/03/89	BA52-IX-15,nº111(fl216)	1		1			1	
Carta-112	14/04/89	BA52-IX-15,nº112(fl.223-224)	1		1	1			
Carta-113	30/04/89	BA52-IX-15,nº113(fl225-225v)	1		1	1			
Carta-114	15/05/89	BA52-IX-15,nº114(fl226-227)	1		1				
Carta-115	29/05/89	BA52-IX-15,nº115(fl229-230)	1		1				
Carta-116	11/06/89	BA52-IX-15,nº116(fl231e234)	1		1				
Carta-117	26/06/89	BA52-IX-15,nº117(fl232-233v)	1	1	1			1	
Carta-118	10/07/89	BA52-IX-15,nº118(fl235-236)	1		1				
Carta-119	24/07/89	BA52-IX-15,nº119(fl237-238v)			1	1	1		
Carta-120	07/08/89	BA52-IX-15,nº120(fl239-240v)	1		1			1	

Nr	Data	Ref	Notícias da Europa	Notícias de Portugal	Conflitos de Luis XIV	Pedidos de dinheiro	Cordialidades entre correspondentes	Corte de Paris	Troca de Produtos
Carta-121	21/08/89	BA52-IX-15,nº121(fl241-242v)	1		1				
Carta-122	04/09/89	BA52-IX-15,nº122(fl243-244)	1		1		1		
Carta-123	18/09/89	BA52-IX-15,nº124(fl246-247)	1		1		1		
Carta-124	02/10/89	BA52-IX-15,nº125(fl249-250)	1		1				
Carta-125	30/10/89	BA52-IX-15,nº126(fl251-251v)	1	1	1				
Carta-126	13/11/89	BA52-IX-15,nº128(fl253-254)	1		1		1		
Carta-127	27/11/89	BA52-IX-15,nº129(fl256-257)	1	1	1				
Carta-128	11/12/89	BA52-IX-15,nº123(fl245-245v)	1		1	1	1		
Carta-129	25/12/89	BA52-IX-15,nº130(fl258-259)	1		1	1	1	1	
Carta-130	06/01/90	BA52-IX-15,nº131(fl260-261)	1		1	1	1		
Carta-131	21/01/90	BA52-IX-15,nº132(fl262-263)	1	1	1		1		
Carta-132	12/02/90	BA52-IX-15,nº133(fl264-265)	1		1		1		
Carta-133	19/02/90	BA52-IX-15,nº134(fl266)					1		
Carta-134	05/03/90	BA52-IX-15,nº135(fl268-269)	1		1			1	
Carta-135	09/07/90	BA52-IX-15,nº136(fl270-271v)	1		1				
Carta-136	06/08/90	BA52-IX-15,nº137(fl272-273v)	1		1	1			1
Carta-137	20/08/90	BA52-IX-15,nº138(fl274-274v)	1		1				1
Carta-138	19/09/90	BA52-IX-15,nº139(fl275-275v)	1		1		1		

**Pessoas referidas**

Nr	Data	Ref	Luis XIV	Pedro II	Diplomatas	Conde da Castanheira	Nobres
Carta-3	27/10/84	BA52-IX-15,nº6(fl9-9v)		1	1	1	1
Carta-2	31/10/84	BA52-IX-15,nº5(fl6-7)		1		1	1
Carta-4	05/11/84	BA52-IX-15,nº7(fl10)					
Carta-5	19/11/84	BA52-IX-15,nº8(fl12-12v)				1	1
Carta-1	03/12/84	BA52-IX-15,nº4(fl5-5v)				1	1
Carta-6	28/01/85	BA52-IX-15,nº9(fl13-13v)	1				1
Carta-7	11/02/85	BA52-IX-15,nº10(fl14-15v)	1		1	1	1
Carta-8	25/02/85	BA52-IX-15,nº11(fl18-19v)					1
Carta-9	11/03/85	BA52-IX-15,nº12(fl20-21v)			1	1	1
Carta-10	25/03/85	BA52-IX-15,nº13(fl22-23)	1			1	1
Carta-11	08/04/85	BA52-IX-15,nº14(fl24-25v)		1	1		1
Carta-12	22/04/85	BA52-IX-15,nº15(fl26-27v)		1	1		1
Carta-13	06/05/85	BA52-IX-15,nº16(fl28-29v)	1		1	1	1
Carta-14	20/05/85	BA52-IX-15,nº17(fl30-31)		1	1		1
Carta-15	02/06/85	BA52-IX-15,nº18(fl32-33)	1	1	1	1	1
Carta-16	17/06/85	BA52-IX-15,nº19(fl34-35v)		1	1		1
Carta-17	01/07/85	BA52-IX-15,nº20(fl36-37v)		1	1		1
Carta-18	15/07/85	BA52-IX-15,nº21(fl38-39)	1	1		1	1
Carta-19	29/07/85	BA52-IX-15,nº22(fl41-41v)			1	1	1
Carta-20	12/08/85	BA52-IX-15,nº23(fl42-43v)	1	1	1	1	1
Carta-21	26/08/85	BA52-IX-15,nº24(fl44-44v)				1	
Carta-22	02/09/85	BA52-IX-15,nº25(fl45-45v)	1	1	1		1
Carta-23	09/09/85	BA52-IX-15,nº26(fl46-46v)		1			1
Carta-24	16/09/85	BA52-IX-15,nº27(fl47-47v)	1			1	
Carta-25	23/09/85	BA52-IX-15,nº28(fl48-49)			1		1
Carta-26	30/09/85	BA52-IX-15,nº29(fl54-54v)	1				
Carta-27	09/10/85	BA52-IX-15,nº30(fl55-56)				1	1
Carta-28	21/10/85	BA52-IX-15,nº31(58-58v)	1	1	1	1	1
Carta-29	04/11/85	BA52-IX-15,nº127(fl252-252v)	1		1	1	
Carta-30	18/11/85	BA52-IX-15,nº32(fl59-59v)		1			1
Carta-31	16/01/86	BA52-IX-15,nº33(fl60-60v)	1			1	1
Carta-32	27/01/86	BA52-IX-15,nº33a(fl61-61v)		1	1		
Carta-33	10/02/86	BA52-IX-15,nº34(fl62)		1	1		1
Carta-34	24/02/86	BA52-IX-15,nº35(fl68-68v)	1				
Carta-35	10/03/86	BA52-IX-15,nº36(fl69-69v)	1		1	1	
Carta-36	24/03/86	BA52-IX-15,nº37(fl70-70v)	1	1			1
Carta-37	07/04/86	BA52-IX-15,nº38(fl71-71v)	1				1
Carta-38	21/04/86	BA52-IX-15,nº39(fl72-72v)				1	
Carta-39	07/05/86	BA52-IX-15,nº40(fl73-74v)	1	1			1
Carta-40	13/05/86	BA52-IX-15,nº41(fl80-81v)	1				
Carta-41	02/06/86	BA52-IX-15,nº44(fl84-84v)	1		1		
Carta-42	16/06/86	BA52-IX-15,nº42(fl82-82v)		1	1		
Carta-43	30/06/86	BA52-IX-15,nº43(83-83v)					
Carta-44	14/07/86	BA52-IX-15,nº45(fl85-85v)	1				
Carta-45	28/07/86	BA52-IX-15,nº46(fl86-87)					
Carta-46	11/08/86	BA52-IX-15,nº47(fl92-92v)	1				
Carta-47	25/08/86	BA52-IX-15,nº48(fl93-94)	1	1			1
Carta-48	01/09/86	BA52-IX-15,nº49(fl96-97)	1	1			1
Carta-49	08/09/86	BA52-IX-15,nº50(fl98-99)	1				1
Carta-50	15/09/86	BA52-IX-15,nº51(fl100-100v)	1		1		1

Nr	Data	Ref	Luis XIV	Pedro II	Diplomatas	Conde da Castanheira	Nobres
Carta-51	22/09/86	BA52-IX-15,nº52(fl101-102)		1			1
Carta-52	29/09/86	BA52-IX-15,nº53(fl104-104v)	1	1		1	
Carta-53	06/10/86	BA52-IX-15,nº54(105-106v)	1				
Carta-54	20/10/86	BA52-IX-15,nº55(fl108-108v)			1		
Carta-55	03/11/86	BA52-IX-15,nº56(fl109-110v)	1		1		1
Carta-56	17/11/86	BA52-IX-15,nº57(fl112-112v)		1	1		
Carta-57	07/01/87	BA52-IX-15,nº58(fl113-113v)	1		1		
Carta-58	08/02/87	BA52-IX-15,nº59(114-115)			1		1
Carta-59	23/02/87	BA52-IX-15,nº60(fl118-119v)			1		1
Carta-60	03/03/87	BA52-IX-15,nº61(fl120-120v)	1				
Carta-61	23/03/87	BA52-IX-15,nº62(fl121-121v)	1			1	1
Carta-62	20/04/87	BA52-IX-15,nº63(fl122-122v)	1		1		1
Carta-63	18/05/87	BA52-IX-15,nº64(fl123-124)	1				
Carta-64	01/06/87	BA52-IX-15,nº65(fl128-128v)		1	1		
Carta-65	15/06/87	BA52-IX-15,nº66(fl129-130)			1		
Carta-66	29/06/87	BA52-IX-15,nº66a(fl132)			1		
Carta-67	13/07/87	BA52-IX-15,nº67(fl133-134)					1
Carta-68	27/07/87	BA52-IX-15,nº68(fl136-136v)	1	1			
Carta-69	10/08/87	BA52-IX-15,nº69(fl137-138)	1		1		
Carta-70	24/08/87	BA52-IX-15,nº70(fl140-141)					1
Carta-71	07/09/87	BA52-IX-15,nº71(fl142-143)			1		1
Carta-72	21/09/87	BA52-IX-15,nº72(fl144-145)	1		1		
Carta-73	09/10/87	BA52-IX-15,nº73(fl146-147)	1	1			1
Carta-74	19/10/87	BA52-IX-15,nº74(fl148-149)					
Carta-75	02/11/87	BA52-IX-15,nº75(fl150-150v)					1
Carta-76	16/11/87	BA52-IX-15,nº76(fl151)					
Carta-77	30/11/87	BA52-IX-15,nº77(fl152-152v)		1	1		1
Carta-78	14/12/87	BA52-IX-15,nº78(fl153-153v)					
Carta-79	28/12/87	BA52-IX-15,nº79(fl154)	1		1		
Carta-80	11/01/88	BA52-IX-15,nº92(fl181-182)		1	1		1
Carta-81	25/01/88	BA52-IX-15,nº93(fl185-186)		1	1		
Carta-82	08/02/88	BA52-IX-15,nº94(fl187-188)	1		1		1
Carta-83	22/02/88	BA52-IX-15,nº95(fl189-190v)	1				1
Carta-84	07/03/88	BA52-IX-15,nº96(fl191-192)					
Carta-85	21/03/88	BA52-IX-15,nº97(fl193-194v)	1	1	1		1
Carta-86	04/04/88	BA52-IX-15,nº98(fl195-195v)					
Carta-87	18/04/88	BA52-IX-15,nº99(fl196-196v)					
Carta-88	02/05/88	BA52-IX-15,nº100(fl197-198)					
Carta-89	16/05/88	BA52-IX-15,nº101(201-201v)					
Carta-90	29/05/88	BA52-IX-15,nº102(fl202-202v)		1			
Carta-91	13/06/88	BA52-IX-15,nº103(fl205-205v)					1
Carta-92	29/06/88	BA52-IX-15,nº104(fl206-206v)					1
Carta-93	11/07/88	BA52-IX-15,nº105(fl207-208)		1	1		1
Carta-94	25/07/88	BA52-IX-15,nº106(fl211-211v)				1	
Carta-95	08/08/88	BA52-IX-15,nº80(fl159-159v)					1
Carta-96	22/08/88	BA52-IX-15,nº81(fl160-161)					1
Carta-97	05/09/88	BA52-IX-15,nº82(fl163-164)					
Carta-98	19/09/88	BA52-IX-15,nº83(fl165-165v)					
Carta-99	03/10/88	BA52-IX-15,nº84(fl166-166v)	1				1
Carta-100	17/10/88	BA52-IX-15,nº85(fl.167)				1	
Carta-101	30/10/88	BA52-IX-15,nº86(fl168-169)		1			1
Carta-102	14/11/88	BA52-IX-15,nº87(fl173-173v)					

Nr	Data	Ref	Luis XIV	Pedro II	Diplomatas	Conde da Castanheira	Nobres
Carta-103	23/11/88	BA52-IX-15,nº88(fl174-174v)		1			
Carta-104	27/11/88	BA52-IX-15,nº89(fl175-176)		1	1		1
Carta-105	12/12/88	BA52-IX-15,nº90(fl179)			1		
Carta-106	24/12/88	BA52-IX-15,nº91(fl180-180v)	1				
Carta-107	09/01/89	BA52-IX-15,nº107(fl212-212v)	1				1
Carta-108	06/02/89	BA52-IX-15,nº108(fl213-213v)	1				1
Carta-109	20/02/89	BA52-IX-15,nº109(fl214)					1
Carta-110	06/03/89	BA52-IX-15,nº110(fl215)	1				
Carta-111	16/03/89	BA52-IX-15,nº111(fl216)	1		1		
Carta-112	14/04/89	BA52-IX-15,nº112(fl.223-224)			1		1
Carta-113	30/04/89	BA52-IX-15,nº113(fl225-225v)		1	1		
Carta-114	15/05/89	BA52-IX-15,nº114(fl226-227)					1
Carta-115	29/05/89	BA52-IX-15,nº115(fl229-230)	1				
Carta-116	11/06/89	BA52-IX-15,nº116(fl231e234)	1				1
Carta-117	26/06/89	BA52-IX-15,nº117(fl232-233v)	1				1
Carta-118	10/07/89	BA52-IX-15,nº118(fl235-236)					
Carta-119	24/07/89	BA52-IX-15,nº119(fl237-238v)		1			
Carta-120	07/08/89	BA52-IX-15,nº120(fl239-240v)					1
Carta-121	21/08/89	BA52-IX-15,nº121(fl241-242v)					1
Carta-122	04/09/89	BA52-IX-15,nº122(fl243-244)					1
Carta-123	18/09/89	BA52-IX-15,nº124(fl246-247)		1			
Carta-124	02/10/89	BA52-IX-15,nº125(fl249-250)	1	1			1
Carta-125	30/10/89	BA52-IX-15,nº126(fl251-251v)					
Carta-126	13/11/89	BA52-IX-15,nº128(fl253-254)	1	1			1
Carta-127	27/11/89	BA52-IX-15,nº129(fl256-257)	1				1
Carta-128	11/12/89	BA52-IX-15,nº123(fl245-245v)					
Carta-129	25/12/89	BA52-IX-15,nº130(fl258-259)	1				1
Carta-130	06/01/90	BA52-IX-15,nº131(fl260-261)		1			1
Carta-131	21/01/90	BA52-IX-15,nº132(fl262-263)					1
Carta-132	12/02/90	BA52-IX-15,nº133(fl264-265)					
Carta-133	19/02/90	BA52-IX-15,nº134(fl266)					
Carta-134	05/03/90	BA52-IX-15,nº135(fl268-269)	1				1
Carta-135	09/07/90	BA52-IX-15,nº136(fl270-271v)					1
Carta-136	06/08/90	BA52-IX-15,nº137(fl272-273v)					1
Carta-137	20/08/90	BA52-IX-15,nº138(fl274-274v)					1
Carta-138	19/09/90	BA52-IX-15,nº139(fl275-275v)					1

## Conjunturas

Nr	Data	Ref	Édito de Nantes	Liga de Augsburgo	Situação Inglesa	Luta contra o Império Otomano	Ida para Roma
Carta-3	27/10/84	BA52-IX-15,nº6(fl9-9v)					
Carta-2	31/10/84	BA52-IX-15,nº5(fl6-7)					
Carta-4	05/11/84	BA52-IX-15,nº7(fl10)					
Carta-5	19/11/84	BA52-IX-15,nº8(fl12-12v)				1	
Carta-1	03/12/84	BA52-IX-15,nº4(fl5-5v)					
Carta-6	28/01/85	BA52-IX-15,nº9(fl13-13v)					
Carta-7	11/02/85	BA52-IX-15,nº10(fl14-15v)					
Carta-8	25/02/85	BA52-IX-15,nº11(fl18-19v)			1		
Carta-9	11/03/85	BA52-IX-15,nº12(fl20-21v)			1		
Carta-10	25/03/85	BA52-IX-15,nº13(fl22-23)					
Carta-11	08/04/85	BA52-IX-15,nº14(fl24-25v)					
Carta-12	22/04/85	BA52-IX-15,nº15(fl26-27v)					
Carta-13	06/05/85	BA52-IX-15,nº16(fl28-29v)					
Carta-14	20/05/85	BA52-IX-15,nº17(fl30-31)			1		
Carta-15	02/06/85	BA52-IX-15,nº18(fl32-33)					
Carta-16	17/06/85	BA52-IX-15,nº19(fl34-35v)					
Carta-17	01/07/85	BA52-IX-15,nº20(fl36-37v)			1		
Carta-18	15/07/85	BA52-IX-15,nº21(fl38-39)			1		
Carta-19	29/07/85	BA52-IX-15,nº22(fl41-41v)			1		1
Carta-20	12/08/85	BA52-IX-15,nº23(fl42-43v)			1		1
Carta-21	26/08/85	BA52-IX-15,nº24(fl44-44v)					
Carta-22	02/09/85	BA52-IX-15,nº25(fl45-45v)					
Carta-23	09/09/85	BA52-IX-15,nº26(fl46-46v)				1	
Carta-24	16/09/85	BA52-IX-15,nº27(fl47-47v)	1		1		
Carta-25	23/09/85	BA52-IX-15,nº28(fl48-49)				1	
Carta-26	30/09/85	BA52-IX-15,nº29(fl54-54v)	1				
Carta-27	09/10/85	BA52-IX-15,nº30(fl55-56)					
Carta-28	21/10/85	BA52-IX-15,nº31(58-58v)	1				
Carta-29	04/11/85	BA52-IX-15,nº127(fl252-252v)	1				
Carta-30	18/11/85	BA52-IX-15,nº32(fl59-59v)					
Carta-31	16/01/86	BA52-IX-15,nº33(fl60-60v)	1				
Carta-32	27/01/86	BA52-IX-15,nº33a(fl61-61v)					
Carta-33	10/02/86	BA52-IX-15,nº34(fl62)					
Carta-34	24/02/86	BA52-IX-15,nº35(fl68-68v)	1				
Carta-35	10/03/86	BA52-IX-15,nº36(fl69-69v)					
Carta-36	24/03/86	BA52-IX-15,nº37(fl70-70v)				1	
Carta-37	07/04/86	BA52-IX-15,nº38(fl71-71v)					
Carta-38	21/04/86	BA52-IX-15,nº39(fl72-72v)					
Carta-39	07/05/86	BA52-IX-15,nº40(fl73-74v)					
Carta-40	13/05/86	BA52-IX-15,nº41(fl80-81v)					
Carta-41	02/06/86	BA52-IX-15,nº44(fl84-84v)					
Carta-42	16/06/86	BA52-IX-15,nº42(fl82-82v)					1
Carta-43	30/06/86	BA52-IX-15,nº43(83-83v)				1	
Carta-44	14/07/86	BA52-IX-15,nº45(fl85-85v)				1	
Carta-45	28/07/86	BA52-IX-15,nº46(fl86-87)				1	
Carta-46	11/08/86	BA52-IX-15,nº47(fl92-92v)				1	
Carta-47	25/08/86	BA52-IX-15,nº48(fl93-94)				1	
Carta-48	01/09/86	BA52-IX-15,nº49(fl96-97)					
Carta-49	08/09/86	BA52-IX-15,nº50(fl98-99)				1	
Carta-50	15/09/86	BA52-IX-15,nº51(fl100-100v)				1	

Nr	Data	Ref	Édito de Nantes	Liga de Augsburg	Situação Inglesa	Luta contra o Império Otomano	Ida para Roma
Carta-51	22/09/86	BA52-IX-15,nº52(fl101-102)				1	
Carta-52	29/09/86	BA52-IX-15,nº53(fl104-104v)				1	
Carta-53	06/10/86	BA52-IX-15,nº54(105-106v)				1	
Carta-54	20/10/86	BA52-IX-15,nº55(fl108-108v)				1	
Carta-55	03/11/86	BA52-IX-15,nº56(fl109-110v)				1	
Carta-56	17/11/86	BA52-IX-15,nº57(fl112-112v)				1	
Carta-57	07/01/87	BA52-IX-15,nº58(fl113-113v)					
Carta-58	08/02/87	BA52-IX-15,nº59(114-115)					
Carta-59	23/02/87	BA52-IX-15,nº60(fl118-119v)					
Carta-60	03/03/87	BA52-IX-15,nº61(fl120-120v)					
Carta-61	23/03/87	BA52-IX-15,nº62(fl121-121v)			1		
Carta-62	20/04/87	BA52-IX-15,nº63(fl122-122v)			1		
Carta-63	18/05/87	BA52-IX-15,nº64(fl123-124)				1	
Carta-64	01/06/87	BA52-IX-15,nº65(fl128-128v)					
Carta-65	15/06/87	BA52-IX-15,nº66(fl129-130)					
Carta-66	29/06/87	BA52-IX-15,nº66a(fl132)					
Carta-67	13/07/87	BA52-IX-15,nº67(fl133-134)				1	
Carta-68	27/07/87	BA52-IX-15,nº68(fl136-136v)					
Carta-69	10/08/87	BA52-IX-15,nº69(fl137-138)				1	
Carta-70	24/08/87	BA52-IX-15,nº70(fl140-141)				1	
Carta-71	07/09/87	BA52-IX-15,nº71(fl142-143)					
Carta-72	21/09/87	BA52-IX-15,nº72(fl144-145)					
Carta-73	09/10/87	BA52-IX-15,nº73(fl146-147)					
Carta-74	19/10/87	BA52-IX-15,nº74(fl148-149)				1	
Carta-75	02/11/87	BA52-IX-15,nº75(fl150-150v)					
Carta-76	16/11/87	BA52-IX-15,nº76(fl151)					1
Carta-77	30/11/87	BA52-IX-15,nº77(fl152-152v)					1
Carta-78	14/12/87	BA52-IX-15,nº78(fl153-153v)					1
Carta-79	28/12/87	BA52-IX-15,nº79(fl154)					1
Carta-80	11/01/88	BA52-IX-15,nº92(fl181-182)					1
Carta-81	25/01/88	BA52-IX-15,nº93(fl185-186)					
Carta-82	08/02/88	BA52-IX-15,nº94(fl187-188)		1			
Carta-83	22/02/88	BA52-IX-15,nº95(fl189-190v)		1			
Carta-84	07/03/88	BA52-IX-15,nº96(fl191-192)					1
Carta-85	21/03/88	BA52-IX-15,nº97(fl193-194v)					
Carta-86	04/04/88	BA52-IX-15,nº98(fl195-195v)					
Carta-87	18/04/88	BA52-IX-15,nº99(fl196-196v)					
Carta-88	02/05/88	BA52-IX-15,nº100(fl197-198)					
Carta-89	16/05/88	BA52-IX-15,nº101(201-201v)					
Carta-90	29/05/88	BA52-IX-15,nº102(fl202-202v)					1
Carta-91	13/06/88	BA52-IX-15,nº103(fl205-205v)					1
Carta-92	29/06/88	BA52-IX-15,nº104(fl206-206v)			1		
Carta-93	11/07/88	BA52-IX-15,nº105(fl207-208)		1			1
Carta-94	25/07/88	BA52-IX-15,nº106(fl211-211v)					
Carta-95	08/08/88	BA52-IX-15,nº80(fl159-159v)				1	1
Carta-96	22/08/88	BA52-IX-15,nº81(fl160-161)					1
Carta-97	05/09/88	BA52-IX-15,nº82(fl163-164)		1			
Carta-98	19/09/88	BA52-IX-15,nº83(fl165-165v)		1			
Carta-99	03/10/88	BA52-IX-15,nº84(fl166-166v)		1		1	
Carta-100	17/10/88	BA52-IX-15,nº85(fl.167)					
Carta-101	30/10/88	BA52-IX-15,nº86(fl168-169)		1	1		
Carta-102	14/11/88	BA52-IX-15,nº87(fl173-173v)		1	1		

Nr	Data	Ref	Édito de Nantes	Liga de Augsburg	Situação Inglesa	Luta contra o Império Otomano	Ida para Roma
Carta-103	23/11/88	BA52-IX-15,nº88(fl174-174v)					1
Carta-104	27/11/88	BA52-IX-15,nº89(fl175-176)		1	1		1
Carta-105	12/12/88	BA52-IX-15,nº90(fl179)			1		
Carta-106	24/12/88	BA52-IX-15,nº91(fl180-180v)			1		
Carta-107	09/01/89	BA52-IX-15,nº107(fl212-212v)			1		
Carta-108	06/02/89	BA52-IX-15,nº108(fl213-213v)			1		
Carta-109	20/02/89	BA52-IX-15,nº109(fl214)		1	1		
Carta-110	06/03/89	BA52-IX-15,nº110(fl215)			1		
Carta-111	16/03/89	BA52-IX-15,nº111(fl216)			1		1
Carta-112	14/04/89	BA52-IX-15,nº112(fl.223-224)			1	1	
Carta-113	30/04/89	BA52-IX-15,nº113(fl225-225v)		1	1		
Carta-114	15/05/89	BA52-IX-15,nº114(fl226-227)		1	1		
Carta-115	29/05/89	BA52-IX-15,nº115(fl229-230)		1	1		
Carta-116	11/06/89	BA52-IX-15,nº116(fl231e234)		1	1		
Carta-117	26/06/89	BA52-IX-15,nº117(fl232-233v)	1	1	1		
Carta-118	10/07/89	BA52-IX-15,nº118(fl235-236)			1		
Carta-119	24/07/89	BA52-IX-15,nº119(fl237-238v)		1	1		
Carta-120	07/08/89	BA52-IX-15,nº120(fl239-240v)		1	1		
Carta-121	21/08/89	BA52-IX-15,nº121(fl241-242v)		1	1		
Carta-122	04/09/89	BA52-IX-15,nº122(fl243-244)		1	1		
Carta-123	18/09/89	BA52-IX-15,nº124(fl246-247)		1	1		1
Carta-124	02/10/89	BA52-IX-15,nº125(fl249-250)		1	1		1
Carta-125	30/10/89	BA52-IX-15,nº126(fl251-251v)		1			
Carta-126	13/11/89	BA52-IX-15,nº128(fl253-254)		1	1		1
Carta-127	27/11/89	BA52-IX-15,nº129(fl256-257)		1	1		
Carta-128	11/12/89	BA52-IX-15,nº123(fl245-245v)		1	1		
Carta-129	25/12/89	BA52-IX-15,nº130(fl258-259)		1	1		
Carta-130	06/01/90	BA52-IX-15,nº131(fl260-261)		1	1		1
Carta-131	21/01/90	BA52-IX-15,nº132(fl262-263)		1	1		1
Carta-132	12/02/90	BA52-IX-15,nº133(fl264-265)		1	1		
Carta-133	19/02/90	BA52-IX-15,nº134(fl266)					
Carta-134	05/03/90	BA52-IX-15,nº135(fl268-269)		1	1		
Carta-135	09/07/90	BA52-IX-15,nº136(fl270-271v)		1	1		
Carta-136	06/08/90	BA52-IX-15,nº137(fl272-273v)		1	1		1
Carta-137	20/08/90	BA52-IX-15,nº138(fl274-274v)		1	1		
Carta-138	19/09/90	BA52-IX-15,nº139(fl275-275v)		1	1		

**Anexo II – Quadro cronológico comparativo de Salvador Taborda Portugal, Luís XIV de França e D. Pedro II de Portugal**

<b>Quadro cronológico comparativo biográfico</b>		
<b>Salvador Taborda Portugal</b>	<b>Luís XIV de França</b>	<b>D. Pedro II de Portugal</b>
<p><b>1627-32</b> – Nascimento em Penamacor</p> <p><b>1648</b> – Matrícula na Universidade de Coimbra</p> <p><b>1651</b> – Bacharel em Leis</p> <p><b>1654</b> – Repetição e aprovação do Bacharel em Leis</p> <p><b>1657</b> – Audiência no Tribunal do Santo Ofício por não deixar passar o recto da Inquisição</p>	<p><b>1638</b> – Nascimento em Saint-Germain-en-Laye</p> <p><b>1643</b> – Aclamação como rei de França e Navarra – regência assumida pela mãe, Ana de Áustria</p> <p><b>1660</b> – Casamento com Maria Teresa de Áustria</p> <p><b>1661</b> – Morte do cardeal Manzarino e início do reinado pessoal de Luís XIV. Nascimento do seu filho, Luís, Grande Delfim de França</p> <p><b>1662</b> – Nascimento da sua filha, Ana Isabel de França. Morte da mesma.</p> <p><b>1664</b> – Nascimento da sua filha, Maria Ana de França. Morte da mesma.</p> <p><b>1665</b> – Luís XIV nomeia Jean-Baptiste Colbert como intendente das Finanças de França</p>	<p><b>1648</b> – Nascimento em Lisboa</p>

<p><b>1668</b> – Nomeado Desembargador da Relação do Porto</p> <p><b>1669</b> – Doutorado na Universidade de Coimbra</p> <p><b>1673</b> – Nomeado Desembargador da Casa da Suplicação</p> <p><b>1675</b> – Nascimento da filha Antónia Caetano Taborda Portugal, em Lisboa</p> <p><b>1676</b> – Nomeado Juiz da Coroa da Casa da Suplicação</p> <p><b>1677</b> – Março: Nomeado enviado especial a Paris. Agosto: Partida de Portugal. Dezembro: Chegada a Paris</p>	<p><b>1666</b> – Nascimento da sua filha, Maria Teresa de França.</p> <p><b>1667-68</b> – Guerra da Devolução</p> <p><b>1668</b> – Assinatura do Tratado de Aquisgrán, no qual a França fica com parte de Flandes. Nascimento do seu filho Filipe Carlos, Duque de Anjou.</p> <p><b>1669</b> – Início da renovação do palácio de Versalhes</p> <p><b>1671</b> – Morte do seu filho, Filipe Carlos, Duque de Anjou</p> <p><b>1672</b> – Morte da sua filha, Maria Teresa de França. Nascimento do seu filho Luís Francisco, Duque de Anjou. Morte do mesmo.</p> <p><b>1672-78</b> – Guerra Franco-Holandesa</p>	<p><b>1668</b> – Aclamação como regente e protetor do reino de Portugal. Casamento com Maria Francisca de Saboia. Assinatura do Tratado de Lisboa, que punha fim à Guerra da Restauração</p> <p><b>1669</b> – Nascimento da sua filha Isabel Luísa, Princesa da Beira, em Lisboa</p>
--	--	--



	<p><b>1697</b> – Assinatura do Tratado de Ryswick, que obrigava à devolução de territórios por parte da França</p> <p><b>1701-13</b> – Guerra da Sucessão de Espanha</p> <p><b>1711</b> – Morte do seu filho Luís, Grande Delfim de França</p> <p><b>1713</b> – Assinatura do Tratado de Utrecht, que confirmava Filipe V, Duque de Anjou, como rei de Espanha – neto de Luís XIV</p> <p><b>1715</b> – Morte em Versalhes</p>	<p><b>1697</b> – Nascimento do seu filho, Infante D. Manuel Bartolomeu</p> <p><b>1699</b> – Nascimento do seu filho, Infanta Francisca Josefa</p> <p><b>1701-13</b> – Guerra da Sucessão de Espanha</p> <p><b>1703</b> – Assinatura do Tratado de Methuen, tratado comercial entre Portugal e Inglaterra</p> <p><b>1704</b> – Morte da sua filha, Infanta D. Teresa</p> <p><b>1706</b> – Morte em Alcântara</p>
--	---	---